

Vanda Maria Marques Nobre do Rosário



RELAÇÕES DE SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM
NECESSIDADE EDUCATIVAS ESPECIAIS EM CONTEXTO
ESCOLAR

UMA ESTRATÉGIA PLÁSTICA DE INTERVENÇÃO

Instituto Politécnico de Beja

2012

Vanda Maria Marques Nobre do Rosário

RELAÇÕES DE SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM
NECESSIDADE EDUCATIVAS ESPECIAIS EM CONTEXTO
ESCOLAR

UMA ESTRATÉGIA PLÁSTICA DE INTERVENÇÃO

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja,
como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Especial no
Domínio Cognitivo e Motor

Orientador: Professor Doutor José Pedro Fernandes

Instituto Politécnico de Beja

2012

Agradecimentos

Em todo o tipo de trabalho, existem momentos melhores que outros, a adversidade e os contratempos também fazem parte da investigação. Como refere o autor Quivy, R. Campenhoudt, L. (1998) há sempre momentos em que não estamos no melhor caminho para atingir os nossos objetivos.

Várias vezes os sentimentos negativos invadiram a vontade de querer prosseguir, mas a ajuda de várias pessoas próximas a nível pessoal e profissional, tornaram possível este estudo, contribuíram a nível colaborativo, como fonte de inspiração ou de motivação. A todos eles, fica um agradecimento pela força e motivação transmitida para que o trabalho tenha atingido os seus objetivos.

RESUMO

O presente trabalho incide sobre as relações interpessoais entre crianças com e sem Necessidades Educativas Especiais e os seus pares, assumindo-se como uma tentativa de compreender de que forma se estabelecem, por meio da Expressão Plástica, relações que desenvolvem nos alunos atitudes de autoestima, respeito mútuo, regras de convivência e ainda promovem valores de tolerância e solidariedade.

A intervenção foi realizada num ambiente facilitador do contacto e da relação interpessoal mediada, focalizando essencialmente a estimulação sensorial, com o apoio a materiais e recursos técnico-artísticos próprios, no sentido de desvendar estratégias que possam contribuir para efetivas relações interpessoais e fomentar autênticas relações interpessoais, por meio da Expressão Plástica na disciplina de Educação Visual e Tecnológica.

No estudo, tentei apresentar teorias de significativos pedagogos da “Educação pela Arte”, procurando mostrar a valência fundamental da Expressão Plástica no contexto de uma educação diferenciada.

Nesta ótica, o estudo remete para uma reflexão contextualizada, mediada pelas relações interculturais efetivamente vividas na escola, pretendendo-se, acima de tudo gerar interrogações e alertar a comunidade educativa para a problemática em estudo. A análise implicou naturalmente um método descritivo, qualitativo e etnográfico, resultando em investigações qualitativas e fenomenológicas típicas de uma observação participante.

Palavras-chave: Arte, relações interpessoais de crianças com Necessidades Educativas Especiais e Expressão Plástica.

ABSTRACT

This work focuses on the interpersonal relationships between children with and without Special Educational Needs and their peers, taking as an attempt to understand how to establish, through Artistic Expression, relationships that develop in students the attitudes of self-esteem, mutual respect, coexistence rules and still promote values of tolerance and solidarity.

The intervention was carried out in a environment, that facilitates contact and mediated interpersonal relationship, focusing mainly on sensory stimulation, with the call for art materials and specific technical resources, in order to uncover strategies that can contribute to effective interpersonal relationships and encouraging authentic interpersonal relationships through Artistic Expression in the discipline of Visual and Technological Education.

The study tried to present theories of significant educators of "Education through Art", trying to show the essential valence of Artistic Expression in the context of a differentiated education.

Accordingly, the study refers to a contextualized reflection, mediated through intercultural relations actually lived at the school, intending, above all, to generate questions and alert the educative community, to the problem in study. The analysis resulted in a naturally descriptive, qualitative and ethnographic method, resulting in qualitative and phenomenological investigations of a typical participant observation.

Keywords: Art, interpersonal relationships of children with Special Educational Needs and Plastic Expression.

ÍNDICE

Capítulo 1: Introdução	1
1.1- Introdução	1
Capítulo 2: Revisão da Literatura	6
2.1 - Arte e Educação	6
2.2 - Arte, Educação e Cultura	11
2.3 - Educação Artística	15
2.4 - A Importância do ensino Artístico na Educação	16
2.5 - A Expressão Plástica	18
2.6 - O papel da Expressão Plástica no desenvolvimento infantil	19
2.7 - A expressão nas Artes Plásticas	20
2.8 - A disciplina de Educação Visual e Tecnológica	21
2.9 - Conceito de Necessidades Educativas Especiais	
Enquadramento normativo internacional e nacional	22
2.10 - Escola Inclusiva / Escola atual	26
2.11 - A Arte na Educação Especial	28
2.12 - A expressão e Educação Especial	29
2.13 - As relações de sociabilização na Escola atual	31
Capítulo 3: Metodologia	34
3.1 – Problemática e sua contextualização	34
3.2 –O contexto educativo em estudo	38
3.3 – Modelo de Investigação	41
3.4.- Questões e Objetivos da Investigação	43
3.5 – População e amostra	43
3.6 – Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados	46
Capítulo 4: Análise de dados	53
4.1-Apresentação dos resultados	55
4.1.1-Análise das Grelhas de comportamentos e atitudes	55
4.1.2-Análise dos questionários	71
4.1.3-Análise das entrevistas	84
Capítulo 5:	90
5.1- Análise geral dos dados do estudo	90
Capítulo 6:	98
6.1- Considerações finais	98
Bibliografia	101
Anexos	104

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro1 - Itens com frequência relativa mais elevada nas habilidades sociais para a 1ª Unidade de trabalho	55
Quadro2 - Itens com frequência relativa mais elevada nos comportamentos para a 1ª Unidade de trabalho	56
Quadro3 - Itens com frequência relativa mais elevada nas habilidades sociais para a 2ª Unidade de trabalho	57
Quadro4 - Itens com frequência relativa mais elevada nos comportamentos para a 2ª Unidade de trabalho	57
Quadro5 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que sofreram maior/menor subida de frequência relativa em pequeno grupo para as habilidades sociais	58
Quadro6 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que sofreram maior/menor descida de frequência relativa em pequeno grupo para as habilidades sociais	58
Quadro7 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que mantiveram igual frequência relativa em pequeno grupo para as habilidades sociais	58
Quadro8 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que sofreram maior/menor subida de frequência relativa em grande grupo para as habilidades sociais	59
Quadro9 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que sofreram maior/menor descida de frequência relativa em grande grupo para as habilidades sociais	59
Quadro10 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que mantiveram igual frequência relativa em grande grupo para as habilidades sociais	59
Quadro11 – Itens em que a frequência relativa mais subiu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª Unidade de trabalho nas habilidades sociais	60
Quadro12 – Itens em que a frequência relativa mais desceu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª Unidade de trabalho nas habilidades sociais	60
Quadro13 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que sofreram maior/menor subida de frequência relativa em pequeno grupo para os comportamentos	60
Quadro14 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que sofreram maior/menor descida de frequência relativa em pequeno grupo para os comportamentos	61
Quadro15 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que mantiveram igual frequência relativa em pequeno grupo para os comportamentos	61
Quadro16 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que sofreram maior/menor subida de frequência relativa em grande grupo para os comportamentos	61
Quadro17 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que sofreram maior/menor descida de frequência relativa em grande grupo para os comportamentos	62
Quadro18 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que mantiveram igual frequência relativa em grande grupo para os comportamentos	62
Quadro19 – Itens em que a frequência relativa mais subiu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª Unidade de trabalho nos comportamentos	62
Quadro20 – Itens em que a frequência relativa mais desceu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª Unidade de trabalho nos comportamentos	63

Quadro21 - Itens com frequência relativa mais elevada nas habilidades sociais para a 1ª Unidade de trabalho	63
Quadro22 - Itens com frequência relativa mais elevada nos comportamentos para a 1ª Unidade de trabalho	64
Quadro23 - Itens com frequência relativa mais elevada nas habilidades sociais para a 2ª Unidade de trabalho	64
Quadro24 - Itens com frequência relativa mais elevada nos comportamentos para a 2ª Unidade de trabalho	65
Quadro25 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que sofreram maior/menor subida de frequência relativa em pequeno grupo para as habilidades sociais	66
Quadro26 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que sofreram maior descida de frequência relativa em pequeno grupo para as habilidades sociais	66
Quadro27 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que mantiveram igual frequência relativa em pequeno grupo para as habilidades sociais	66
Quadro28 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que sofreram maior/menor subida de frequência relativa em grande grupo para as habilidades sociais	67
Quadro29 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que sofreram maior descida de frequência relativa em grande grupo para as habilidades sociais	67
Quadro30 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que mantiveram igual frequência relativa em grande grupo para as habilidades sociais	67
Quadro31 – Itens em que a frequência relativa mais subiu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª Unidade de trabalho nas habilidades sociais	67
Quadro32 – Itens em que a frequência relativa mais desceu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª Unidade de trabalho nas habilidades sociais	68
Quadro33 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que sofreram maior/menor subida de frequência relativa em pequeno grupo para os comportamentos	68
Quadro34 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que sofreram maior/menor descida de frequência relativa em pequeno grupo para os comportamentos	68
Quadro35 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que mantiveram igual frequência relativa em pequeno grupo para os comportamentos	69
Quadro36 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que sofreram maior/menor subida de frequência relativa em grande grupo para os comportamentos	69
Quadro37 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que sofreram maior/menor descida de frequência relativa em grande grupo para os comportamentos	69
Quadro38 – Na comparação das Unidades de trabalho os itens que mantiveram igual frequência relativa em grande grupo para os comportamentos	70
Quadro39 – Itens em que a frequência relativa mais subiu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª Unidade de trabalho nos comportamentos	70
Quadro40 – Itens em que a frequência relativa mais desceu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª Unidade de trabalho nos comportamentos	70
Quadro41 – Idade do docente	Xvi
Quadro42 – Situação profissional	Xvi

Quadro43 – Formação académica de base	xvi
Quadro44 – Tempo de serviço total e de permanência na escola	xvii
Quadro45 - Conhecimento de conceitos sobre Educação Inclusiva	xvii
Quadro46 - Conhecimento de conceitos sobre Educação Artística	xviii
Quadro47 - Opinião dos docentes quanto à integração de alunos com Necessidades Educativas Especiais na área artística plástica	xix
Quadro48 - Atividades curriculares desenvolvidas pelos docentes na área artística plástica	xix
Quadro49 - Opinião dos docentes relativamente ao conceito de Expressão Plástica	xx
Quadro50 - Contributo da Expressão Plástica para as relações interpessoais dos alunos	xx
Quadro51 - Opinião dos Professores quanto ao contributo da Expressão Artística, na sua vertente plástica, para a aceitação das diferenças	xxi

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela1 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 1	72
Tabela2 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 2	73
Tabela3 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 3	74
Tabela4 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 4	75
Tabela5 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 5	76
Tabela6 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 6	78
Tabela7 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 7	79
Tabela8 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 8	80
Tabela9 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 9	82
Tabela10 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 10	82

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico I – Constituição da amostra por Idade da totalidade da amostra	71
Gráfico II – O que os alunos entendem por Expressão Plástica	72
Gráfico III – Como seria a escola sem a área artística de Educação Visual e Tecnológica	74
Gráfico IV – Como costumam exprimir graficamente as suas ideias e os seus interesses durante a realização dos projetos na disciplina de Educação Visual e Tecnológica	75
Gráfico V – Opinião dos alunos relativamente às ideias dos colegas	76

Gráfico VI - Opinião dos alunos relativamente à qualidade e expressividade dos trabalhos dos colegas	77
Gráfico VII – Conhecer os colegas a partir da manifestação de interesses através do desenho	78
Gráfico VIII – Qual o tipo de colegas com que habitualmente coopera nos projetos da disciplina de Educação Visual e Tecnológica	79
Gráfico IX – O que leva o aluno a ter iniciativa para ajudar os colegas com dificuldades	81
Gráfico X – Motivos que levam ao aumento da sua autoestima na disciplina de Educação Visual e Tecnológica	82
Gráfico XI – A opinião dos alunos relativamente à influência da disciplina nas suas atitudes	83
Gráfico XII – Conhecimento de conceitos sobre Educação Inclusiva	84
Gráfico XIII - Conhecimento de conceitos sobre Educação Artística	85
Gráfico XIV – Opinião dos docentes quanto à integração de alunos com Necessidades Educativas Especiais na área artística plástica	86
Gráfico XV – Atividades curriculares desenvolvidas pelos docentes da área artística plástica	87
Gráfico XVI – Opinião dos docentes relativamente ao conceito de Expressão Plástica	89

Capítulo 1

1.1. Introdução

O trabalho de investigação que se apresenta nasceu de um desejo, um desejo de alcançar uma maior capacidade de intervenção no ensino, de forma a gerar a expressão pessoal, social e cultural do aluno e ainda de conseguir criar respostas, situações e meios para promover competências sociais e afetivas e enriquecer a personalidade e experiências pessoais.

A heterogeneidade do atual contexto escolar educacional faz com que a educação adquira um papel primordial na formação de indivíduos que não só sejam capazes de enfrentar os desafios com que as sociedades os confrontam ao longo da vida, como de adotar atitudes críticas em relação ao quotidiano que os envolve, com vista ao reforço de uma intervenção inovadora, de sentido humanista, do respeito pela diferença, perspectivada como diversidade a valorizar.

Este projeto pretende incidir sobre as relações que se estabelecem entre as crianças com Necessidades Educativas Especiais com as crianças que não têm necessidades especiais e os seus pares e visa desenvolver atitudes, valores e práticas que contribuam para a formação de alunos conscientes e intervenientes na comunidade escolar, por meio da Expressão Plástica. É uma tentativa de alertar a comunidade educativa para o facto da escola inclusiva, não poder estar, apenas, assente em preocupações de âmbito pedagógico – didático, mas antes num clima profícuo de relações sociais.

Numa sociedade que apregoa a inclusão, numa escola que se quer integradora, urge que, para além da utilização cooperativa de todos os recursos disponíveis, para além de uma gestão pedagógica planeada e exigente, para além de uma grande variedade de estratégias, de forma a facilitar as aprendizagens dos seus alunos, urge que o olhar de todos que nela coabitam seja de partilha, de solidariedade e de união. Não podemos ver os alunos como meros alunos, pois por detrás de um aluno esconde-se um ser que necessita do outro, dos outros, não podendo descurar, como salienta a Declaração de Salamanca (1994) que *“as escolas regulares, seguindo uma orientação inclusiva, constituem os meios mais eficazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, contribuindo para uma sociedade inclusiva”*.

Assim sendo, após ou antes de pensarmos nas infindáveis estratégias que levarão todas as crianças e jovens a um eminente sucesso acadêmico, acredito que nos devemos debruçar sobre as estratégias que o ajudarão a viver em harmonia e plenitude com os seus pares.

A criação de ambientes favoráveis à inclusão através da Arte, podem beneficiar o conhecimento das diversidades, o respeito pelas limitações das crianças, destacando as potencialidades específicas de cada uma.

Na medida em que o campo das Artes é muito vasto, e não é minha intenção abarcar todas as suas dimensões, incidi a minha atenção, essencialmente, no plano das Artes Visuais, mais precisamente na Expressão Plástica, não só pelos seus atributos educativos, porque é uma das áreas que fascina um maior número de crianças e jovens, mas também, na linha do que sustentava Gauguin (1987) *“Entre todas as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria-prima, tornam possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos.”*

A Expressão Plástica é um instrumento gerador de desenvolvimento e aprendizagem, facilita a estimulação através de um “contacto” maior com o meio em que estão inseridos e permite uma diversidade de possibilidades, habilidades e atitudes, fomentando a evolução cultural da criança além da psicomotora.

Por outro lado, no âmbito do Currículo Nacional do Ensino Básico, as competências artísticas contribuem para o desenvolvimento dos princípios e valores do currículo e das competências gerais, consideradas essenciais e estruturantes, porque constituem um terreno de partilha de sentimentos, emoções e conhecimentos; facilitam as interações sociais e culturais constituindo-se como um recurso incontornável para enfrentar as situações de tensão social; e desempenham um papel facilitador no desenvolvimento/integração de pessoas com Necessidades Educativas Especiais.

A Arte, como uma linguagem dos sentidos, transmite significados que não podem ser passados por meio de nenhum outro tipo de linguagem, seja ela semântica, dialógica ou científica. E porque a Arte pode ser percebida pela totalidade dos seres humanos, ela pode ser entendida como a única linguagem universal.

Desde os primórdios da humanidade que a Arte foi, e continua a ser, uma força unificadora e uma manifestação social (Read 2010).

Também não se discute a afirmação de que a Arte é uma forma decisiva de educação da sensibilidade e da imaginação do ser humano, no propósito da abertura de novos horizontes, do alargamento da área do sentido a dimensões ainda por descobrir e determinar.

Já Aristóteles via na Arte um poderoso meio de educação, e as vantagens pedagógicas da atividade artística foram proclamadas por Coménios na sua obra “*Didata Magna*” (1631), ainda que por uma vertente apenas lúdica.

Mais recentemente, o reconhecimento da Arte como fator efetivo e integrante da educação torna-se relevante com o envolvimento de vários educadores e pedagogos, existindo até um consenso, pelo menos no que respeita à literatura, relativamente à importância e validade da Arte no desenvolvimento do indivíduo. Antero de Quental (1948), Read (1963), Barrett (1979), Eisner (1991), Best (1996), Santos (1989), entre outros, veem reforçar o valor da educação artística no ensino.

Herbert Read com o seu trabalho “*Educação Pela Arte*” formulou a tese de que a expressão artística deve ser a base geral da educação como um desafio da ação educativa. Entendendo-se a Arte como um discurso universal, ela é comunicação por excelência, pois que, para este autor, “*A comunicação implica a intenção de influenciar outras pessoas, sendo assim uma atividade social.*” (cf. 2001:182).

Arquimedes da Silva Santos, um dos pedagogos portugueses da segunda metade do século XX, enfatiza a Educação pela Arte ainda e as suas palavras são reforçadas pelas de Alberto de Sousa que, na publicação apoiada pela Fundação Gulbenkian “*Educação pela Arte – Estudos em Homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos*”, proferiu o seguinte a respeito do nosso pedagogo e autor:

“Desde muito cedo se começou a preocupar com a dialética entre a Educação e Arte, estando presente em todos os momentos do desenvolvimento da Educação e Arte, tornando-se, desde as suas raízes, no principal mentor e investigador deste modelo educacional.” (cf. 2000:13).

Assentes na convicção de que as configurações culturais das nossas escolas passam, cada vez mais, a constituir campos de significação fundamentais na orientação da ação educativa, pareceu-me relevante enveredar pelo caminho da Educação pela Arte que, segundo Arquimedes Santos, “*(...) decorre do encontro da pedagogia moderna com as novas experiências artísticas, promove(rá) a formação humanística do indivíduo, pela*

integração e harmonia de experiências e aquisições, facilitando mesmo o aproveitamento escolar e especial, num equilíbrio físico e psíquico.” (cf. 1996:24).

Assim, a meu ver, a prática da Expressão Plástica, no segundo Ciclo do Ensino Básico, representa a fonte de legitimidade do nosso discurso sobre a importância da Arte na educação neste mundo intercultural em que as crianças e os jovens vivem e convivem no espaço escolar.

A Arte na escola, desenvolvida pela vertente da Expressão Plástica, deverá, pois, justificar-se pela prática e pela capacidade de tornar essa experiência partilhável e transmissível.

As nossas crianças e jovens, ao encontrarem na **“magia da arte”** um refúgio, uma forma de expressão pela qual se relacionam com os outros (exprimindo cada qual a sua forma de ser e de estar perante a sociedade), adquirem conhecimento sedimentando valores, tais como a união, a noção de partilha, de igualdade de direitos e deveres, a importância de preservar e aceitar a singularidade perante a diversidade.

Foi este pensamento que me guiou para a questão de partida da investigação - **Será que, em turmas de crianças com e sem Necessidades Educativas Especiais, se estabelecem, por meio da Expressão Plástica, relações que desenvolvem nos alunos atitudes de autoestima, respeito mútuo, regras de convivência e ainda promovem valores de tolerância e solidariedade?** - Tentei apresentar teorias de significativos pedagogos da **“Educação pela Arte”**, procurando mostrar a valência fundamental da Expressão Plástica no contexto de uma educação diferenciada.

A partir desta questão de partida formulei outras que me irão ajudar na procura de respostas mais concisas:

- Como se promovem as relações sociais nas turmas de crianças com necessidades educativas especiais através da Expressão Plástica?

- Como se estabelecem as relações interpessoais entre as crianças com necessidades educativas especiais e as outras crianças sem necessidades especiais?

A procura de eventuais respostas para estas questões, na Escola Básica do 2º e 3º ciclos Abade Correia da Serra, visa, essencialmente, compreender e dar a conhecer a forma peculiar como as crianças e jovens vivenciam a sua socialização, em contexto escolar, e contribuir para a promoção das relações de socialização entre todos.

Após a análise da situação real e confrontando-a com a situação que seria, segundo diversos autores e especialistas, a ideal foi possível delinear algumas estratégias com o objetivo de melhorar e tornar este processo de inclusão mais harmonioso para todos os intervenientes.

Sendo que, na opinião de diversos teóricos (Correia, 2008; Cruz, 2009; Fonseca, 2008), o professor assume um papel de importância acrescida no sentido da inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais nas escolas e turmas de ensino regular, importa, também, conhecer quais as conceções dos professores da disciplina relativamente à inclusão destes alunos nas turmas do ensino regular.

Para melhor compreensão da temática em estudo, estruturei o trabalho em duas partes distintas. Na primeira parte é efetuada uma revisão sumária da literatura teórica que se debruça sobre o tema, tendo-nos circunscrito aos domínios que abarcam as palavras-chave do presente estudo, nomeadamente Arte, relações interpessoais de crianças com Necessidades Educativas Especiais e Expressão Plástica. Na segunda parte do trabalho são indicados os procedimentos metodológicos para a realização da investigação, a saber: formulação do problema, objetivos do estudo, tipo de estudo, amostra, instrumentos a utilizar e procedimentos a adotar.

Quis ainda referir que, ao aflorar os motivos da necessidade de me debruçar sobre um assunto tão importante e atual, que é a Educação pela Arte, no sentido de melhor viver o presente para melhor construir o futuro, abordo um tema, que em termos substantivos, tem vindo a merecer a atenção de alguns investigadores sobre questões relacionadas com a educação artística. Contudo, importa referir-se que tal tarefa não se fez sem obstáculos, dada a escassez de estudos científicos e reflexivos em Portugal no que toca à especificidade deste tema.

Capítulo2 – Revisão da Literatura

2.1.Arte e Educação

Uma das finalidades da Arte é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolvimento da criatividade dos indivíduos. Na educação, esta finalidade é uma dimensão de reconhecida importância na formação do aluno, ampliando as possibilidades cognitivas, afetivas e expressivas:

“Desenvolver o poder de discriminação [...] tornar-se capaz de identificar o que está representado, requer trabalho e motivação do sujeito. A aquisição destas competências tem níveis de dificuldade semelhantes aos requeridos noutras áreas [...] as artes podem ser objeto de interesse ao longo da vida escolar, com implicações na vida adulta [...] sendo o modo como se aprende determinante para a formação do indivíduo. Eis o grande desafio para a Educação. Encorajar crianças e adultos a compreender as Artes Visuais constitui um objetivo global da Educação, com implicações noutras áreas”. (Fróis, 2000:201)

Também é referido que o potencial educativo da Arte não deve ser limitado, unicamente, ao sistema de educação formal e, uma das suas características mais importantes, talvez seja até o que se pode aprender com e através dela. Para Best (1996) a possibilidade de aprendizagem/educação a partir da arte é clara, ainda que de forma implícita:

“a experiência artística é totalmente cognitiva e racional, e, como tal, envolve aprendizagem e compreensão como qualquer matéria do currículo, incluindo as denominadas matérias-base, matemática e ciências. [...] haver possibilidades tão poderosas e humanamente importantes de se continuar a aprender a partir da arte” (Best, 1996:7)

O conceito de Educação pela Arte foi desenvolvido na segunda metade do século XX, por Herbert Read, numa obra sua intitulada «*Education through art*». Embora não represente muito mais que uma transposição para o contexto atual da tese original de Platão, Herbert Read tenta, de alguma forma, tornar visível o papel das artes na educação, bem como apontar caminhos que levem à sua aplicação às necessidades atuais.

Para muitos dos seguidores de Platão esta tese era inaplicável, mesmo assim representava o Belo, o Lógico e o Perfeito, embora só compreensível a sua aplicação numa civilização perdida. Só um dos seus seguidores, de nome Schiller, considerava como possível a sua aplicação, pois acreditava que a Arte deve ser a base da educação. Segundo Read (1943), educar pela Arte é Educar para a Paz (diretamente influenciado pelo choque e o terror que viveu logo após à 2ª Guerra

Mundial, quando escreve o prefácio de *Education Through Art* - 1940-42). Refere ainda este autor que a expressão é efetivamente um ato libertador das energias em nós contidas. Por norma, essas energias desconhecidas pelo próprio, desencadeiam um processo que converge para o aperfeiçoamento e desenvoltura harmónica do indivíduo, no que diz respeito à sua própria reeducação ou reconstrução. Ou seja, esta tese aponta para que não seja apenas aplicada na educação considerada como regular, mas também na reinserção, reeducação e reconstrução das estruturas físicas e psicológicas do indivíduo, num processo de reconciliação da singularidade com a unidade social. A educação deve englobar o processo de individualização e, consequentemente, o processo de integração.

A Educação pela Arte surge como alternativa educativa. O objetivo do educador pela arte, no entender de Reis (2003: 101):

«Deveria ser, determinar o grau de correlação mais elevado possível entre o temperamento da criança e os seus modos de expressão».

A Associação Portuguesa de Educação pela Arte, fundada em 1965, por João dos Santos, Calvet de Magalhães, Alice Gomes, Almada Negreiros, J. F. Branco, António Pedro, Adriano Gusmão, Cecília Menano entre outros, desenvolve o conceito de educação como um caminho para a formação do ser, da pessoa no seu todo, realçando o desenvolvimento da personalidade, do carácter, da imaginação, da criatividade, da expressão e, entre outros, da iluminação do ser. Estabelece ainda um paralelismo entre o que se considera Educação e o que não é Ensino (simples memorização de matérias e conteúdos; saber imposto e diretivo; transmissão única de saberes e aprendizagens de conhecimentos). É preciso ir mais além e colocar a arte no seu devido lugar, usando-a para estimular a aprendizagem e imprimir um ritmo mais criativo, livre e lúdico ao ensino / educação. A teoria de Platão postula este princípio de liberdade: é de evitar a compulsão e demanda, que seja dada a forma de jogo, às lições de todas as crianças. Pois isto irá, por certo, ajudar a apreciar quais são as suas reais aptidões naturais. Read acredita que é fundamental a inserção da educação estética em todo este processo de desenvolvimento, pois vai para além do conceito adstrito da Educação Artística (Visual ou Plástica) e pode abranger todos os modos de expressão distintos: verbal (literária e poética), musical ou auditiva. A educação Estética é no fundo uma Educação para os sentidos, pois a

inteligência e as ideias do homem, bem como a sua consciência baseiam-se nos sentidos.

Para Herbert Read (1943), a Arte abraça dois princípios fundamentais:

- 1) A Forma: É uma função da percepção. O princípio de forma resulta na nossa atitude em relação ao que nos envolve, do aspeto objetivo universal e de todas as obras de arte.
- 2) A Criatividade: É uma função da imaginação. O princípio da criatividade, próprio da mente humana, leva à criação de símbolos, de mitos e fantasias, cuja existência é universalmente reconhecida pelo princípio da forma.

Existe nesta ambivalência de princípios, que se aproxima a um jogo dialético, onde se reveem todos os aspetos psíquicos da experiência estética, mas esta abarca todo um processo: Biológico (o corpo) e o Social (o grupo, a comunidade).

A educação pela Arte será um processo dinâmico somente entre dois conceitos por ela definidos: *a Educação* e *a Arte*.

É muito complexo definir o que é a “Arte”. De um modo geral, só podemos dizer que é sempre proveniente de um ato voluntário. Implica, geralmente, emoções e sentimentos e deve ser vista à luz da fruição estética.

Segundo Read (2010:27), a dificuldade da definição de Arte deve-se, essencialmente, ao

“facto de ser tão difícil justificar-se por ter sido sempre tratada como um conceito metafísico, quando se trata fundamentalmente de um fenómeno orgânico mensurável. Como a respiração, possui elementos rítmicos; como a fala, elementos expressivos; mas «como», neste caso, não exprime uma analogia, a arte está profundamente envolvida no processo real de percepção, pensamento e ação corporal”.

Read refere a existência de algo valorativo na Arte, uma espécie de hierarquia das Artes, sendo que algumas qualidades que se lhe apontam podem definir uma obra de arte do tipo mais elevado. Certamente, não há nenhuma obra de arte genuína e autêntica dentro de padrões qualitativos definidos ou não, que não nos apele aos sentidos (os nossos órgãos físicos de percepção). Quando questionamos sobre o que pode ser a Arte, estamos, na realidade, a perguntar qual é a qualidade ou particularidade numa obra de arte que atrai os nossos sentidos. Enquanto que, para Rui Mário Gonçalves (2000), a Arte e a ciência atuais têm algumas origens e interesses comuns. São ambas, no sentido mais profundo, filhas da experiência e do livre pensamento.

Nos dicionários a definição parece estar consentânea com a posição que temos sobre o assunto, embora difiram entre elas quanto ao seu conteúdo. Ou seja, para o *Diccionario del language filosófico* de P. Foulquié (1967), a Conceção Estética e por contraposição aos ofícios que têm por finalidade a lavra de coisas úteis, as artes têm por finalidade a lavra de coisas belas. Por um lado, os ofícios são coisas do artesanato, por outro, as artes são do artista. Para o *Dicionário Prático Ilustrado* (1974), trata-se de maneira de dizer ou efetivar alguma coisa conforme certos métodos

O poeta e pensador português José Régio, no seu livro *Em torno da Expressão Artística*, escreve que a arte é uma expressão transfiguradora da uma mera expressão vital; ou seja, um jogo em que se declaram todas as profundas intenções do ser humano.

Herbert Read (1943) foi o criador da terminologia e enquadramento teórico capaz da Educação pela Arte. Quando referirmos “criador” devemos igualmente abalizar os contributos de Walter Smith que criou a prima academia profissional para educadores em Massachusetts (1870), assim como Franz Ciek que abrigou a Arte como procedência de divertimento e criatividade da criança (1880), ou ainda, o trabalho capital dos psicólogos ao investigar a partir de 1800 o comportamento dos discentes, e por fim, a forte influência de John Dewey.

No que diz respeito à Arte na educação durante a 2ª Guerra Mundial, Read promove a ideia de que a Arte transcende a política e o nacionalismo, dizendo que a Arte deverá caminhar de mãos dadas com a paz, participando e formando as pessoas devidamente nestes dois domínios e querendo, efetivamente, crer no que postula.

Read considera que, muito mais importante do que a preparação alcançada na Universidade, tinha sido a sua estadia no Clube das Artes onde se centralizou a atenção no pensamento de Platão, nas teorias socialistas, na filosofia estética e, sobretudo, na abstração artística.

Read sobre a educação e a Arte realça claramente esta junção ao iniciar o seu livro *Education Through Art* baseado, essencialmente, nos fundamentos da doutrina que o filósofo grego Platão (discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles) desenvolveu claramente no século IV a.C., afirmando tacitamente que a sua tese era: A Arte deve ser a base da educação.

Read pretende, claramente, com o seu estudo, certificar uma forma de propiciar esta harmonia que, do seu ponto de vista, é a promoção no indivíduo da educação estética,

ou seja, a educação dos sentidos, na qual se fundamenta a consciência, a inteligência e o raciocínio do indivíduo, sob a forma de estabelecer uma conexão harmoniosa entre os próprios e um exigente mundo exterior. Ainda para o mesmo autor (2003), a Arte constitui e pressupõe em si mesma a representação e a ciência, bem como a explicação dessa mesma realidade. Pode também representar uma forma e um poder de, certa forma, ultrapassar barreiras da cultura, questões de índole racial, de idade e de língua numa sociedade global.

Assim, a educação torna-se indispensável na avaliação duma ação ou de uma obra artística. Em consequência disto, a educação pela Arte deve oferecer a cada discente um amplo conhecimento da arte através das civilizações, principalmente no que diz respeito à criatividade dentro do processo artístico, bem como do vocabulário da comunicação artística necessários para acontecer Arte. De referir, veementemente, a importância do jogo e, consequentemente para qualquer tipo de aprendizagem, quando os destinatários são crianças. Para Reis (2003), parafraseando Froebel, jogo torna-se na mais elevada expressão do desenvolvimento humano enquanto criança, porque só por si é a livre expressão daquilo que está na alma da criança. É o produto mais puro e espiritual da criança e ao mesmo tempo é um tipo de cópia da vida humana em todas as fases e em todas as relações que estabelece na sua vida.

Positivamente, já se vai encontrando referenciado o papel da Arte, em diversos programas e diferentes métodos, os quais harmonizam atividades aliadas aos conceitos de “*imaginativo*” com o “*lógico*”, de “*inventivo*” com “*didático*” e “*estético*” com “*utilitário*”. De salientar que um dos principais pressupostos destes movimentos é implementar e sustentar teoricamente um método de ensino formal e fundamentalmente estético, onde se desenvolvam conhecimentos e habilidades manuais, onde estejam presentes a disciplina e o respeito, onde só todos eles sejam simplesmente subprodutos da ação natural da criança.

A Expressão e o uso das expressões artísticas, que começam a ser ministradas no ensino duma forma específica e isoladas têm sido substituídos, ultimamente, pela utilização das várias expressões artísticas (isoladas ou não) havendo até lugar à saudável experimentação das bases que fundamentam a interdisciplinaridade ou integração das Artes. A mesma área torna-se fundamental, pois abrange aprendizagens relacionadas ao aperfeiçoamento psicomotor e simbólico, os quais e, por sua vez, estabelecem a compreensão e o gradual domínio de distintas formas de linguagem.

De acordo com o Programa Oficial do Ministério da Educação em Portugal (2001/02) parece ser o ponto de partida para o educador o favorecimento do contacto com as diversas formas de expressão e comunicação, sendo que vai, claramente, no sentido de se propiciarem experiências, valorizando sempre que possível as descobertas dos discentes, numa base de apoio à reflexão sobre as mesmas experiências e descobertas, de modo a possibilitar uma apropriação dos distintos modos de expressão e de comunicação. Este tipo de processo envolve um esforço de planeamento e capacidade para proporcionar conjunturas de aprendizagem diversas e intensas, com o objetivo básico de tornar estas atividades e ações progressivamente mais complexas. Importa pois devolver o ensino à experimentação e à progressiva aprendizagem a partir de uma base teórica forte, mas com uma base prática bem mais consistente, em que seja devolvido o papel fundamental do aluno no sistema educativo. ·

2.2.Arte, Educação e Cultura

Read (1958) define a Arte como um meio para a educação e realça, constantemente, a sua importância na educação e o modo como fica incompleta sem tal relação.

Deste modo, ao abordarmos a associação Arte, Educação e Cultura, estamos a incluir: “educação artística”, “educação estética”, “educação plástica”, “educação visual”, “educação visual e tecnológica”, etc.

Podemos, então, analisar as correntes que fundamentam os programas educativos neste campo. Assim, a corrente da “Educação através da Arte” esteve na grande inovação que representaram os programas do Ciclo Preparatório do Ensino Técnico, na década de 1940, em que, pela primeira vez, se considerou a importância da expressão livre do desenho infantil no ensino. Foi nas obras de Cizek (1986), Lowenfeld (1965) e Read (1958) que Luís Fernandes e Calvet de Magalhães se inspiram para propor esse programa.

Só nos anos de 1970, aparece o conceito de “Educação Visual” que propõe a análise dos elementos visuais do nosso envolvimento, dando-lhes força como meio de comunicação. A partir de 1974 os programas do Ciclo Preparatório e outros inspiram-se na noção de *design*, considerado como o estudo do nosso envolvimento e como processo de resolução de problemas.

Os atuais programas das disciplinas da área das Artes e Tecnologias (Educação Visual e Tecnológica, Educação Visual e Educação Tecnológica), destinados aos alunos dos 2º e 3º ciclos do ensino básico, assentam em princípios que se fundamentam no grafismo e também patentes nos programas de algumas disciplinas do campo artístico do ensino secundário.

O que se pretende atualmente é que todo e qualquer indivíduo seja participante não apenas como interprete e criador de mensagens, mas, sobretudo, como interveniente na qualidade de vida.

Apesar das contradições, a Arte, como Educação e Cultura, assume-se como uma componente integrante da Lei de Bases do Sistema Educativo. Nos três ciclos da educação básica, os alunos têm a oportunidade de contactar, de forma sistemática, com a Educação Artística como uma área curricular e a abordagem às Artes Visuais faz-se através da disciplina de Expressão Plástica (Educação Visual e Tecnológica, Educação Visual e Educação Tecnológica). Esta área desempenha um papel fundamental na consecução dos objetivos da Lei de Bases.

A relevância das Artes no sistema educativo centra-se no desenvolvimento das diversas dimensões do sujeito através da fruição-contemplação, produção-criação e reflexão-interpretação.

A aprendizagem dos códigos visuais e a fruição do património artístico e cultural constituem-se como vertentes para o entendimento de valores culturais.

Segundo Porfírio (2004), o entendimento da diversidade cultural ajuda à comparação e clarificação das circunstâncias históricas, dos modos de expressão visual, convenções e ideologias, valores e atitudes que promovem novas formas de olhar, ver e pensar.

A educação em Artes Visuais deverá ser entendida como um processo contínuo a realizar ao longo da vida, tal como refere Porfírio (2004:19):

“A escola, nas suas múltiplas experiências educativas, deve proporcionar o acesso ao património cultural e artístico, abrindo perspectivas para a intervenção crítica.

Neste contexto, as Artes Visuais, através da experiência estética e artística, propiciam a criação e a expressão, pela vivência e fruição deste património, contribuindo para o apuramento da sensibilidade e constituindo, igualmente uma área de reconhecida importância na formação pessoal em diversas dimensões – cognitiva, afetiva e comunicativa”.

Indo ao encontro do que atrás se referiu acerca de que presentemente se pretende é que todo e qualquer indivíduo seja participante, não só como intérprete e criador de mensagens e/ou obras de Arte como interveniente na qualidade de vida, salientando-se a elevada importância da elaboração, implementação e lecionação dos programas de índole Artística e Tecnológica nos vários níveis de ensino de todas as escolas.

A educação e a Arte/Expressão Plástica estão diretamente relacionadas com o desenvolvimento dos sentidos como meio de “receber” o nosso mundo e ao processo que utilizamos para simbolizar, exteriorizar, compreender, organizar, exprimir, comunicar e resolver os nossos problemas.

Este tipo de princípios está presente no programa de ensino, aprovados pelo Despacho n.º 124/ME/91, de 31 de Julho, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 188, de 17 de Agosto:

a) Impulsos, Sentimentos e Ideias dizem respeito às relações entre a nossa realidade interior e a nossa experiência sensorial do mundo. A Arte está baseada na crença de que a experiência sensorial é a melhor maneira de saber, pensar e sentir. É também o melhor meio para receber, organizar, compreender e transmitir os nossos próprios impulsos, sentimentos e ideias.

b) É através de Meios, Materiais e Técnicas que são transmitidos e expressos os impulsos, sentimentos e ideias, e o seu papel não é passivo. Há uma inter-relação entre eles e a realidade interior através dos sentidos (ora são meio para a expressão; ora são a fonte dessa expressão). Dado que existe uma gama quase infinita de possibilidades, é necessário proceder à seleção de materiais e técnicas elementares que apresentam o máximo de oportunidades de exploração e manipulação, funcionando como suporte da linguagem básica para a expressão:

- Materiais - tintas, barro, madeira, papéis variados, cartão, marcadores, ceras, etc;
- Técnicas - pintura, desenho, modelagem, montagem e técnicas mistas.

Nenhuma técnica ou meio deve ser considerado totalmente impróprio, mas antes considerar-se o valor e a finalidade da sua utilização.

c) Perceção das Formas Visuais é a forma como os meios, materiais e técnicas são organizados de modo a conduzir a ideia-impulso-sentimento. A linha, a forma, a cor, o espaço, a textura são elementos que contêm a experiência do mundo visual e tátil. Por

vezes, é útil definir, isolar e manipular estes elementos para descobrir o seu potencial dinâmico. É, no entanto, através da tomada de consciência destes elementos que verificamos as potencialidades dos materiais e das formas para exprimir ideias.

Quanto ao “Papel dos Meios” e de acordo com o Programa de Educação Visual e Tecnológica do segundo ciclo (1991), no caso das expressões artísticas, o indivíduo utiliza os meios para adaptar a sua experiência, de maneira a compreendê-la, em primeiro lugar, e alargar essa compreensão, em seguida.

A experiência inicial dos sentidos cria um impulso para experimentar e explorar. Os meios são usados como via para responder a impulsos, ideias ou sentimentos.

Na aplicação destes meios é utilizada, essencialmente, a abordagem centrada na Solução de Problemas. Aplica-se no ensino como processo através do qual os conhecimentos são pesquisados, adquiridos, experimentados e aplicados.

À medida que o aluno se desenvolve, será capaz de seleccionar os seus próprios problemas através do reconhecimento dos impulsos que eles geram. O próprio aluno reconhecerá os problemas que o estimularão para futuros empreendimentos.

O caminho mais viável para o aluno formular os seus próprios problemas é através da consciencialização dos conflitos, inconsistências e incongruências que existem na sua própria perceção, bem como das “coisas ilógicas” que descobre quando consciencializa o seu próprio mundo. Este período da procura ou localização do problema é tão importante como o período da procura da solução.

Para Witkin (1974:49), o progresso dos alunos é medido em termos de complexidade dos problemas “sentidos” que cada aluno consegue tratar e da habilidade do professor para avaliar a capacidade do aluno lidar com as “complexidades da experiência sentida”. A avaliação deste aspeto deveria ser um fator determinante na educação em Arte. “A elaboração de um mundo de experiência «sentida» constitui para o aluno o seu desenvolvimento pessoal no sentido mais íntimo possível”.

O mesmo autor refere, ainda, que a avaliação de um programa em educação e Expressão Artística para ser bem-sucedido tem de ter base para uma avaliação feita tanto pelo professor como pelos alunos, de maneira a que as reorganizações ou mudanças que, eventualmente, venham a ser realizadas se efetuem de forma eficaz e adequada.

2.3.Educação Artística

Todos os seres humanos têm potencial criativo. A Arte proporciona uma envolvente e uma prática incomparável, em que o indivíduo participa ativamente em experiências, processos e desenvolvimentos criativos.

Estudos de investigação que prepararam a Conferência Mundial sobre Educação Artística (2005) mostram que a iniciação dos alunos nos processos artísticos, desde que se incorporem na educação elementos da sua própria cultura, permite cultivar em cada indivíduo o sentido de criatividade e iniciativa, uma imaginação fértil, inteligência emocional, capacidade de reflexão crítica, sentido de autonomia e liberdade de pensamento e ação. Além disso, a educação na Arte e pela Arte estimula o desenvolvimento cognitivo e pode tornar aquilo que os educandos aprendem e a forma como aprendem, mais relevante face às necessidades das sociedades modernas em que vivem.

Como ilustra a abundante literatura sobre educação, concordo quando se diz que experimentar e desenvolver a apreciação e o conhecimento da Arte permite o desenvolvimento de perspetivas únicas sobre uma vasta gama de temas, perspetivas essas que outros meios de educação não permitem descobrir.

Assim, e de acordo com o Roteiro para a Educação Artística (2006), para que as crianças e adultos possam participar plenamente na vida cultural e artística, precisam de, progressivamente, compreender, apreciar e experimentar expressões artísticas através das quais outros seres humanos – normalmente designados por artistas – exploram e partilham vários aspetos da existência e coexistência. Como um dos objetivos é dar a todos iguais oportunidades de atividade cultural e artística, é necessário que a educação artística constitua uma parte obrigatória dos programas de educação para todos. A educação artística deverá, igualmente, ser sistemática e ser facultada durante vários anos, uma vez que se trata de um processo a longo prazo.

A Educação Artística contribui para uma educação que integra as faculdades físicas, intelectuais e criativas e possibilita relações mais dinâmicas e frutíferas entre educação, cultura e arte. Estas capacidades são particularmente importantes para enfrentar os desafios que se levantam à sociedade do século XXI.

Neste sentido, a meu ver e alicerçando a minha opinião no Professor António Damásio, uma das grandes referências da atualidade internacional no campo da investigação de problemas críticos da Neurociência da Mente e do Comportamento Humano, permite verificar que atualmente existe uma separação cada vez maior entre o desenvolvimento cognitivo e o emocional, que reflete o facto de, nos ambientes educativos, se atribuir uma maior importância ao desenvolvimento das capacidades cognitivas, valorizando menos os processos emocionais. Esta primazia dada ao desenvolvimento das capacidades cognitivas em detrimento da esfera emocional é um fator que contribui para o declínio do comportamento moral da sociedade moderna.

Seguindo, ainda, a ideologia do professor António Damásio, o desenvolvimento emocional faz parte integrante do processo de tomada de decisões e funciona como um vetor de ações e ideias, consolidando a reflexão e o discernimento. Sem um envolvimento emocional, qualquer ação, ideia ou decisão assentaria exclusivamente em bases racionais. Um saudável comportamento moral, que constitui o alicerce sólido do cidadão, exige a participação emocional. O Prof. Damásio sugere que a Educação Artística, ao promover o desenvolvimento emocional, pode proporcionar um maior equilíbrio entre o desenvolvimento cognitivo e emocional, contribuindo assim para o desenvolvimento de uma cultura da paz.

2.4.A importância do ensino Artístico na Educação

O relatório da Conferência Mundial sobre Educação Artística (Mbuyamba, 2006) evidencia a consciência da importância desta área para o desenvolvimento de um sentido estético, da criatividade e das faculdades de pensamento crítico e reflexão.

Por isso a UNESCO (*idem*, 2006:3) reconhece que

“A Educação Artística pode frequentemente ser um estimulante instrumento para enriquecer os processos de ensino e aprendizagem e tornar essa aprendizagem mais acessível e mais eficaz.”

Assim sendo, Nunes (2007:2) diz-nos que

“A educação num domínio artístico proporciona ao educando um ambiente favorável à participação em experiências, processos e desenvolvimentos criativos. São vários os estudos que têm vindo a demonstrar que as aprendizagens conduzidas num contexto de Educação

Artística permitem cultivar em cada indivíduo a criatividade, a imaginação e a capacidade de reflexão crítica.”

O ensino artístico tem que se constituir como uma área extremamente gratificante e relevante, o que lhe deve dar o direito a um espaço importante e significativo nos currículos e horários escolares, ao longo de toda a escolaridade (José Ribeiro, 2011).

Neste sentido, a Educação Artística deve estar ao dispor das escolas tendo em conta as características do indivíduo e do meio. O Currículo Artístico tem como finalidade transmitir a tradição cultural e prepará-los para que possam criar a sua própria linguagem artística, contribuindo desta forma para a sua formação global.

Na minha opinião, a Educação Artística justifica-se por si mesma, e a sua relevância radica-se no carácter criativo do Homem. Aquilo que é, com efeito, indispensável é trabalhar, no sentido de tornar visíveis os contributos da Educação Artística para a sociedade. Não basta argumentar que a convivência com as Artes estimula a interdisciplinaridade, a tomada de decisões, motiva para uma aprendizagem ativa, criativa e questionadora. É preciso avaliar de que modo as artes ensinam a trabalhar com o tempo, o espaço, a luz, a cor, o som, o corpo, os meios de comunicação social, as tecnologias, os diferentes materiais. É preciso estudar de que forma as Artes potencializam as capacidades de trabalhar em equipa, de comunicação, de gestão de conflitos e a criatividade.

Porque estes são os novos paradigmas que se colocam ao Homem do século XXI, não basta afirmar que os conhecimentos, os valores, as atitudes e as competências artísticas são fundamentais. O professor de artes, neste momento, tem de encontrar novas formas de aprender e de dar a conhecer o processo criativo e centrar-se na ideia de que a educação artística hoje é uma educação para a vida.

Esta é a razão pela qual eu julgo que esta componente educativa tem de ser desenvolvida de forma tão aprofundada como as restantes – porque são as artes que possibilitam a aquisição das competências específicas e favorecem o relacionamento entre as componentes educativas e entre as artes e as culturas – e a escola moderna tem de ter consciência de que o ser humano que não conhece as artes tem uma experiência de aprendizagem limitada.

Segundo Yolanda Espiña (Conferência Nacional de Educação Artística, 2007) a Educação Artística é mais do que um *plus* dentro de uma boa educação em geral, ou

mais do que uma etapa (até necessária) num programa integral de educação. É a educação de um aspeto indissociável da própria constituição percetiva e cognitiva do homem, que educa para o reconhecimento dos padrões – existentes ou por existir - que determinam o nosso encontro com a natureza material do mundo, e para a consequente adjudicação de significações simbólicas de carácter aberto que fazem com que o mundo se enriqueça e que, portanto, seja plenamente humano. Se educar é mais um processo do que um objetivo, é à educação que chamamos de “artística” que compete potenciar as capacidades dos sentidos nesse processo de inovar o olhar, numa perspetiva de integrar a identidade do educando no dinamismo da perceção sensível da realidade envolvente, e fornecendo critérios para interpretar simbolicamente a tal realidade envolvente. Neste contexto, considero que a educação artística tem o dever de aprofundar o significado que a educação dos sentidos apresenta na constituição do ser humano integral, estando a seu cargo a educação do *olhar* e do *ouvir*, do *tato* (fundamental, por exemplo, na escultura) e dos restantes sentidos, para que todos eles sirvam para confirmar que o desejo do homem não é em vão.

2.5.A Expressão Plástica

Segundo Sousa (2003) o termo «Expressão Plástica» foi adotado pela educação pela arte portuguesa, para designar o modo de expressão - criação através do manuseamento e modificação de materiais plásticos (barro, gesso, pedra, madeira, metais, plástico).

O mesmo autor refere que a Expressão Plástica é, essencialmente, uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades. As artes plásticas ao serviço da criança e não esta ao serviço das artes plásticas. Esta posição e atitude educacional tanto poderá estar presente nas aulas e ateliês de artes plásticas como poderá constituir uma terceira área de intervenção educacional sob a forma de «jogos de criação» e expressão plástica.

Este facto na minha opinião e apoiando a minha ideia no mesmo autor leva-nos a crer que a Expressão Plástica é essencialmente uma atividade natural, livre e espontânea da criança. A criança desde muito pequena que gosta de mexer em água, areia, barro, tintas e de riscar um papel com um lápis. O seu principal objetivo é a expressão de ideias,

emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos. É a satisfação das necessidades de expressão e de criação. Desenha-se, pinta-se e modela-se apenas pelo prazer que esses atos proporcionam à criança.

Também não se fazem juízos de valor. Não interessa se a obra é «boa» ou «má», «bonita» ou «feia», é a ação expressiva que importa e não a plástica. Trata-se de expressão plástica e não de produção plástica.

2.6.O papel de Expressão Plástica no desenvolvimento infantil

Como referi anteriormente e de acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001), a promoção de uma Educação Artística deve permitir que a criança se exprima livremente, através de uma atitude estética que se revela quer na contemplação, quer na criação. Desta forma, consegue-se uma exteriorização de sentimentos, ideias e emoções que têm como reflexo um mundo de múltiplas perceções e vivências.

Para a conquista deste objetivo, em muito contribui o domínio da Expressão Plástica, circunscrita no meu estudo ao desenho, à pintura e às construções, pois, se por um lado, não podemos escamotear o poder que as imagens exercem no mundo atual, por outro lado, a esfera das cores, das formas, dos cheiros e das texturas, que se observa, que se sente ou que se produz num misto de racionalidade e instinto, constituem um meio primordial de estimulação da sensibilidade e do prazer sensorial (Currículo Nacional do Ensino Básico 2001).

A criação plástica surge como uma possibilidade de expressar sentimentos, emoções e afetos inerentes a um EU íntimo que se dirige aos outros e, dessa forma, promove o fortalecimento do EU social (Gardner, 1999).

No campo das artes plásticas, tanto as obras figurativas como as abstratas devem constituir material de suporte a analisar e, nessa medida, a servir de estímulo à capacidade de interpretação da criança. Os borrões, as manchas ocasionais, as nuvens ou o céu podem ser lugar da projeção do comportamento humano; daí que Leonardo da Vinci aconselha os seus discípulos a observarem essas manchas para estimularem a sua capacidade visionária (Rodrigues, 2002).

De um modo geral, a criança manifesta prazer ao desenhar ou ao pintar, através da multiplicidade de materiais e técnicas que o adulto lhe coloca ao dispor. Todavia, a possibilidade de contacto com a obra de arte – em locais a visitar ou em recursos bibliográficos – permite potenciar aquela satisfação, pois passa a ter ao seu alcance novas fontes de inspiração e novas formas de materializar a sua criatividade.

Nesta atitude de estimulação da experiência estética da criança, o professor estará a fomentar a expressão livre daquela, o que pesa muito na vertente afetiva e relacional da criança. Ao ser incentivada a exprimir-se livremente em momentos de contemplação e de criação, intensifica-se a consolidação da sua autoconfiança e da sua autoestima, o que se traduz numa maior eficácia das relações interpessoais, pois a criança torna-se mais responsável, cooperante e aberta ao outro.

Por esta via, entendo que o desenvolvimento emocional e social surge impulsionado através da Arte, em geral, e da Expressão Plástica, em particular.

2.7.A expressão nas Artes Plásticas

Na minha perspetiva a criança, quando desenha ou pinta, não o faz com a intenção de criar qualquer obra para ser contemplada ou avaliada por outras pessoas. O objetivo da sua ação criadora não é o desenho ou a pintura em si, mas a libertação do seu inconsciente mais profundo.

Assim sendo, (Gonçalves, 1976:86) diz-nos que

«A criança exprime-se pelos gestos, o som, a palavra e a imagem. O que exprime a criança? Sensações corporais, sentimentos de alegria, tristeza, serenidade, desejos, ideias, curiosidades, experiências, um conjunto de factos emotivos. Muitas vezes realiza em pintura o que a realidade social lhe nega.».

Opinião que corroboro porque a criação plástica oferece à criança momentos de libertação espiritual que de outra forma seria mais difícil de exteriorizar. A criança revela-se através do que faz, motiva-se pelo que a mais impressiona e exprime-se com emoção aprendendo o mundo que a rodeia e a forma como nele agir.

Assim, e de acordo com Gonçalves (1991), a expressão desenvolve na criança a imaginação e a sensibilidade, permite-lhe aprender a conhecer-se e a conhecer os outros,

aceitando e respeitando a autenticidade de cada um ou o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações.

2.8.A disciplina de Educação Visual e Tecnológica

As investigações realizadas na área da educação e psicologia, iniciadas no século XX, contribuíram para uma compreensão mais alargada do papel da Arte no desenvolvimento humano. Ao longo das últimas décadas, as orientações nesta área apontam para uma integração, cada vez mais aprofundada, dos saberes no âmbito das teorias da arte, da estética e da educação. Destas pesquisas resultaram dados importantes para a compreensão do sujeito como criador e fruidor. Estas concepções educacionais e artísticas introduziram novas linhas de orientação, operando mudanças ao nível teórico e prático, nas disciplinas ligadas às expressões artísticas, nomeadamente na disciplina de Educação Visual e Tecnológica.

“A disciplina de EVT orienta-se, isto é, na sua ação educativa, para a mobilização das capacidades de aprender a conhecer, aprender a viver com os outros e aprender a ser” (Porfírio, 2000:5).

Deste modo, considereei pertinente clarificar as componentes da Educação Visual e da Educação Tecnológica, no sentido de compreendermos melhor a articulação destas duas componentes, numa única disciplina, Educação Visual e Tecnológica e a sua relação estrita com a Arte:

- a relação entre o universo visual e os conteúdos e competências formuladas para a Educação Visual pressupõe uma dinâmica propiciadora da capacidade de descoberta, da dimensão crítica e participativa e da procura apropriada à interpretação estética e artística do mundo;
- Educação Tecnológica orienta-se para a promoção da cidadania (na educação básica), valorizando os múltiplos papéis do cidadão utilizador, através de competências transferíveis, válidas em diferentes situações e contextos. A educação tecnológica concretiza-se através do desenvolvimento e aquisição de competências, numa sequência progressiva de aprendizagens, tendo como referência o pensamento e a ação, perspetivando o acesso à cultura tecnológica. Desenvolve no indivíduo as capacidades

de compreensão, participação, escolha e decisão (em relação às tecnologias do quotidiano, competências do utilizador profissional e social, interação entre tecnologia e mundo do trabalho, alfabetização tecnológica, escolha de projetos e tomada de decisões), permitindo-lhe agir socialmente, como cidadão participativo e crítico.

O desenvolvimento da percepção, compreensão e produção estética (visual e tecnológica) envolve o entendimento e intervenção de uma realidade cultural à qual a escola não deve ser alheia:

“É reconhecido que as práticas educativas, influenciadas pela visão expressionista (...) têm vindo a ser abandonadas, dando lugar a ações educativas estruturadas, de acordo com modelos pedagógicos abertos e flexíveis, originando numa rutura epistemológica, centrada num novo entendimento sobre o papel das artes visuais no desenvolvimento humano (...) este conhecimento evolui com a capacidade que o sujeito tem de utilização de ferramentas, disponibilizadas pela educação, na realização plástica e na percepção estética” (Porfírio, 2004: 19).

Em jeito de conclusão, poderemos considerar que cabe à disciplina de Educação Visual e Tecnológica promover a exploração e integração de problemas estéticos, científicos e técnicos, tendo em vista o desenvolvimento de competências que conduzam à fruição, criação e intervenção nos aspetos visuais e tecnológicos. Tudo isto se deverá desenvolver, a partir de ações onde a Arte, a Fantasia e Liberdade de Expressão deverão estar sempre presentes.

2.9. Conceito de Necessidades Educativas Especiais

Enquadramento normativo internacional e nacional

A PUBLIC-LAW 94-142 vai ter repercussões no mundo inteiro, nomeadamente no que concerne à igualdade de acesso à educação por todos os cidadãos. Este novo paradigma em educação assenta na conceção de que todos os cidadãos, incluindo os deficientes, têm os mesmos direitos e, como tal, devem frequentar um ensino universal e gratuito, adaptado às suas necessidades; preconiza uma avaliação justa e não discriminatória; prevê o despiste e intervenção, o mais precocemente possível, junto das crianças e famílias, de forma a atenuar os défices que as crianças apresentem; prevê a intervenção com base num plano educativo individual e reconhece o direito dos pais de recorrer à

autoridade judicial quando as recomendações de integração não forem cumpridas. Passa-se a defender o princípio da normalização, que apela para a criação de condições de vida do “deficiente”, tão próximas quanto possível, das condições normais da sociedade em que vive.

No WARNOCK REPORT (1978), aparece pela primeira vez o conceito de Necessidades Educativas Especiais (NEE) e consequentemente uma nova metodologia de identificação e avaliação das crianças com NEE. Este documento reconhece a “deficiência” como um “contínuo” de necessidades especiais de educação, abolindo, assim, as características enraizadas no modelo médico tradicional. Reconhece, ainda, o direito de os pais desempenharem papel ativo na avaliação, tomada de decisões e concretização das medidas educativas para os seus filhos.

As Necessidades Educativas Especiais aparecem neste documento definidas a três níveis: meios específicos de acesso ao currículo, os currículos especiais ou modificados e ambiente educativo em que decorre o processo de ensino/aprendizagem.

Em suma, torna-se necessário definir e identificar as Necessidades Educativas Especiais da criança e não rotulá-la ou classificá-la, devido à irrelevância que tal procedimento tem para o ensino.

Correia (1997), quando se refere ao conceito de Necessidades Educativas Especiais, refere que este se aplica “a crianças e adolescentes com problemas sensoriais, físicos, intelectuais e emocionais e, também, com dificuldades de aprendizagem derivadas de fatores orgânicos ou ambientais”. Igualmente, este autor, distingue dois grandes grupos nas Necessidade Educativas Especiais, as permanentes e as temporárias. As Necessidades Educativas Especiais Permanentes exigem adaptações generalizadas do currículo, adaptando-o às características do aluno. Estas adaptações terão de se manter durante grande parte ou todo o percurso escolar do aluno. As Necessidades Educativas Especiais Temporárias exigem modificação parcial do currículo escolar, adaptando-o às características do aluno num determinado momento do seu desenvolvimento.

Brennan (1988), citado por Correia (1997:96), diz que

"Há uma necessidade educativa especial quando um problema (físico, sensorial, intelectual, emocional, social ou qualquer combinação destas problemáticas) afeta a aprendizagem ao ponto de serem necessários acessos especiais ao currículo, ao currículo especial ou modificado, ou a condições de aprendizagem especialmente adaptadas para que o aluno possa receber uma educação apropriada. Tal necessidade educativa pode classificar-se de

ligeira a severa e pode ser permanente ou manifestar-se durante uma fase do desenvolvimento do aluno."

Marchasi e Martin (1990), citados por Correia (1997.67), referem que alunos com Necessidades Educativas Especiais são os que

"Apresentam um problema de aprendizagem, durante o seu percurso escolar, que exige uma atenção mais específica e uma gama de recursos educativos diferentes daqueles necessários para os seus companheiros da mesma idade"

O desenvolvimento do conceito de Necessidades Educativas Especiais foi um importante aspeto para a evolução das perspetivas educacionais dos alunos ditos "não normais", significando um avanço qualitativo impressionante, dado que uma classificação baseada nestas necessidades aparece como uma estrutura concetual do ensino, o que pressupõe um abandono das classificações por categorias dos modelos psicométricos.

Em Portugal, esta evolução foi, inicialmente, marcada por dois diplomas: a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei 46/86, de 14 de outubro) e o D. L. 35/90, relativo à escolaridade obrigatória. Neles estão consignados os direitos fundamentais das crianças com deficiência à educação, ao acesso à escola regular e a uma vida integrada na sociedade.

Com a publicação do D. L. 319/91 de 23 de agosto, pretendeu-se dotar o país com um diploma que assegurasse a estas crianças a frequência da escola regular e que norteara esta integração escolar pelos seguintes princípios: adequação das medidas a aplicar às Necessidades Educativas Especiais; substituição da classificação em diferentes categorias pelo conceito de "alunos com necessidades educativas especiais"; participação dos pais no desenvolvimento de todo o processo educativo; responsabilização da escola regular pela orientação global da intervenção junto destes alunos; planificação educativa individualizada e flexível; utilização de professores de educação especial; abertura da escola ao meio.

Durante a década de 90 e durante estes primeiros anos do novo milénio, assistiu-se, num grande número de países, incluindo Portugal, a uma afirmação da Educação Inclusiva como meta a atingir e como orientação a adotar. Contribuiu decisivamente para este facto a Conferência Mundial de Salamanca, realizada pela UNESCO e pelo Governo Espanhol, em 1994, e os termos em que foi redigida a "DECLARAÇÃO DE SALAMANCA", documento amplamente difundido em todo o mundo. Este documento

acolhe as novas concepções sobre a educação dos alunos com Necessidades Educativas Especiais, expressa a opção pela escola inclusiva e traça as orientações necessárias para a ação, a nível nacional e internacional, com vista à implementação de uma escola para todos

"As escolas devem ajustar-se a todas as crianças/jovens, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras. Neste conceito, devem incluir-se crianças/jovens com deficiência ou sobredotadas, da rua ou que trabalham, de populações imigradas ou nómadas, de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças/jovens de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais".

Estas condições colocam uma série de desafios aos sistemas escolares

"E para que a possibilidade de sucesso nas escolas regulares se possa concretizar, estas devem adequar-se às crianças e jovens com Necessidade Educativas Especiais, através de uma pedagogia neles centrada e capaz de ir ao encontro dessas necessidades. Cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias. Os sistemas de educação devem ser planeados e os programas devem ser implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades".

Progressivamente procura-se responsabilizar a escola regular pelos alunos com Necessidades Educativas Especiais, através da abertura da escola a todos os alunos, o reconhecimento do papel dos pais no processo educativo dos filhos e a consagração de um regime educativo especial, procurando adaptar as condições em que se processa o ensino/aprendizagem no meio o menos restritivo possível.

Desta forma, concretizou-se a rutura formal com a escola segregada e com o ciclo dos sistemas de compensação educativa, reforçando-se a via da inclusão.

2.10. Escola Inclusiva/Escola atual

O movimento de Escola Inclusiva surge após a Declaração de Salamanca, em Junho de 1994, aprovada por 92 países e 25 organizações internacionais.

Nesta conferência foram apresentadas, discutidas e adotadas, consensualmente, futuras orientações da educação das crianças e jovens com Necessidades Educativas Especiais. No seu capítulo introdutório, a declaração reporta-se aos seguintes documentos internacionais:

- à Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1948, que determina o direito à educação para todos os indivíduos;
- à resolução da Conferência Mundial sobre a Educação para Todos, de 1990, que proclama a necessidade em se assegurar esse direito, independentemente das necessidades individuais;
- às Normas das Nações Unidas sobre a Igualdade de Oportunidades para as Pessoas com Deficiência, de 1993, que “exortam os estados a assegurar que a educação das pessoas com deficiência faça parte integrante do sistema educativo”.

Estes três documentos cimentam a Conferência de Salamanca, proclamando o princípio da Educação Inclusiva, apresentado, no capítulo 2º da Declaração e nos capítulos 7º e 18º do Enquadramento da Ação.

Relativamente ao capítulo 2º da Declaração, desde logo, se enfatiza o papel crucial das escolas regulares que

“Constituem os meios capazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos...”.

No capítulo 7º do Enquadramento de ação merece especial atenção, porque refere o princípio fundamental das Escolas Inclusivas. Este princípio assenta na ideia que todos os alunos devem aprender em conjunto, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Considera que as escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, e uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respetivas comunidades.

Finalmente, o capítulo 18º do Enquadramento da Ação refere-se aos estabelecimentos de ensino que a criança /jovem deve frequentar, salientando que

”a política educativa, a todos os níveis, do local ao nacional, deverá estipular que uma criança com deficiência frequente a escola do seu bairro, ou seja, a que frequentaria se não tivesse uma deficiência...”.

O enunciado deste princípio constitui de facto um passo em frente, na medida em que questiona todo o sistema de ensino e todos os intervenientes, “tendo em vista uma escola que responda da melhor forma a todos os alunos e que contribua para uma sociedade solidária e também ela inclusiva” (Costa, 2006:11).

Para Sanches (2001:90), a Escola Inclusiva é “uma escola que não pode ser indiferente ao que se passa na sua comunidade educativa, que é corresponsável pelo sucesso e pelo insucesso de cada um dos seus alunos, que tem de os incluir”, ou seja, é responsável pela criação de condições necessárias à viabilização do processo de aprendizagem e este processo só poderá ser efetivo, se existir um clima social profícuo para tal.

O que se pretende, das escolas de hoje que praticam a Inclusão, é que desbravem caminhos para uma sociedade deveras inclusiva. Contudo, para que isso seja exequível, tem de haver, inevitavelmente, qualidade da educação escolar, de forma a proporcionar um atendimento adequado aos grupos minoritários.

A escola regular, para poder responder com competência à diversidade de todos os seus alunos, necessita de recrutar pessoal mais especializado e de dispor de equipamentos e de recursos materiais mais diferenciados, assentando numa “organização diferenciada de aprendizagem” que ofereça a garantia, às famílias e encarregados de educação, que os mesmos serviços que eram proporcionados pela escola especial podem continuar a estar disponíveis.

Só desta forma, a escola regular se torna verdadeiramente concorrente e uma alternativa à escola especial, porque, para além de permitir que o aluno frequente a escola afeta à sua residência, para além de proporcionar um elenco de recursos humanos semelhante e um conjunto de recursos materiais equivalente, dá acesso a uma experiência de educação integrada com crianças sem deficiência e em ambientes mais ricos e diversificados.

2.11.A Arte na Educação Especial

A Arte desenvolve a mente e cria novos modos, respostas, situações e meios para promover competências sociais e afetivas, de forma a enriquecer a personalidade e experiências pessoais. Logo, só o Homem beneficia dessa relação simbiótica, pois tende a enfatizar as vivências de caráter estético com o intuito de valorizar os momentos marcantes da sua vida (Fuller, 1983).

É nesta perspectiva, e de acordo com o mesmo autor, que considero que a Arte na Educação Especial deve ser vista, pois os jovens com Necessidades Educativas Especiais conseguem assimilar as experiências pessoais de uma forma mais natural, se à mesma aliarmos uma intervenção de caráter estético como participantes ativos (autores e criadores) ou passivos (espectadores). Aqui o que importa é a comunicação, sendo que, nesta, a mensagem entre o emissor e o recetor é o signo, ou seja, o simbolismo que se encontra no objeto artístico. Independentemente das nossas capacidades individuais, todos transportamos uma simbologia intrínseca à nossa personalidade, que encontra uma relação cinestésica com tudo o que vemos, ouvimos, cheiramos, saboreamos e tocamos (Cirlot, 2000). Estes jovens, por sua vez, estão sujeitos às mesmas influências, alterando a leitura que fazem desses momentos em que a Arte invade o seu mundo. É esta a perspectiva que deve ser aprofundada, pois quanto maior o estímulo, melhor será a resposta e, consequentemente, um desenvolvimento pessoal mais rico. O que realmente interessa é verificar a interação do sujeito com determinada situação e a resposta à mesma, de forma a quantificar o grau de satisfação produzido. Só seguindo esta linha orientadora é que poderemos delinear as futuras intervenções individualizadas, tendo em conta a satisfação como parte do produto obtido, aliando, assim, o caráter pedagógico à relação afetiva.

A deficiência não é impeditiva dos jovens se afirmarem como membros intervenientes no processo de criação. Este processo deve ser adaptado às suas capacidades e respeitar a diferença como parte integrante.

A Arte proporciona às crianças uma expansão das suas experiências tornando-se fundamental para a obtenção de respostas que, por outra via, nunca seriam possíveis de receber nem de observar. A educação por via da prática fornece ao jovem automatismos

que, quando corretamente implementados expandem os seus horizontes, correspondendo assim positivamente à verdadeira ascensão do termo educar.

À Arte, em geral, cabe um importante papel, uma vez que utiliza linguagens de fácil compreensão e aceitação, individuais e individualizantes, facilitadoras da afirmação e inclusão pessoal e social. Daí o papel da Arte como elevado agente de transformação na mudança de atitudes sociais, face às pessoas com Necessidades Especiais (Fuller, 1983).

2.12.A expressão e Educação Especial

As bases da educação especial preveem o acompanhamento médico, psicológico, fiterapêutico, oftalmológico e de outras especificidades, para o desenvolvimento da criança. Portanto, com a proposta de formar cidadãos conscientes da sua posição e papel no cenário nacional, educadores especiais, com formação específica hoje assumem a tarefa de educar com qualidade. Educar com qualidade significa também, na minha opinião, proporcionar a expressividade e a criatividade.

Para Vygotsky,

A imaginação é a base de toda a atividade criadora e manifesta-se em todos os aspetos da vida cultural possibilitando a criação artística, científica e técnica. Toda a cultura é, portanto, produto da imaginação e da criação humana (Vygotsky Freitas, 1996:77).

O mesmo autor diz ainda que:

A atividade criadora é exercida pelo ser humano desde a sua infância, onde o resultado da criação é um compêndio de experiências acumuladas e referências atuais, abrangendo uma variedade rica de possibilidades que fomentam os processos criativos (Vygotsky, 1981:41).

Seguindo a lógica do autor, a criança tem na expressão por meio de materiais e técnicas plásticas, a possibilidade de desenvolver a capacidade percetiva dos seus sentidos, aprendendo a trabalhar com os seus sentimentos e emoções (subjetividade), com as situações que lhe são externas, com o seu meio cultural, procurando maior interação com ele, propondo-se a experimentar e a aprender através dos seus sentidos.

Deve-se valorizar a experiência através da Arte, na aprendizagem da criança, pois, comunicando com o mundo através dos sentidos, ela aprenderá tendo uma percepção própria e uma conceituação autenticamente sua, do que são, e de como funcionam as

coisas. A partir do desenvolvimento perceptivo, as crianças tornam-se mais abertas a ler o mundo, e mais criativas na utilização dos conhecimentos adquiridos.

Penso que a oportunidade da livre criação e expressão para a criança pequena, desenvolvendo a sua imaginação, ajuda a criar bases para o desenvolvimento do conceito de si e do outro. A fomentação da criatividade e da motivação à expressão, a qual tem a finalidade de tornar a experiência importante e significativa, acontece em ambientes flexíveis. Neste espaço, a criança elabora e põe em prática as suas ideias, coletiva ou individualmente, sem que seja reprimida na sua forma de trabalhar. No campo artístico, a orientação educacional dá-se em função da estimulação para a descoberta de si e para a profundidade da expressão, mediada pelo diálogo coletivo e colaborativo e num ambiente aberto para a criação.

Considero que a Expressão Plástica constitui um instrumento gerador de desenvolvimento e aprendizagem, permitindo uma diversidade de possibilidades, habilidades e atitudes, fomentando a evolução cultural da criança para além da psicomotora. Visando o desenvolvimento humano geral de pessoas excluídas pelas suas limitações, entende-se ser importante a estimulação através de um “contato” maior com o meio em que estão inseridos, descobrindo como interagir da melhor maneira possível.

Segundo Lowenfeld, o

“Crescimento mental depende das relações ricas entre a criança e o seu meio; tal relação é o ingrediente básico de qualquer experiência de criação artística (...) A arte permite a construção do conhecimento de forma imagética e criativa, respeitando as diferenças individuais, culturais e sociais, estimulando a sensibilidade na construção da personalidade do indivíduo, pois cada um expressa-se à sua maneira e faz a sua leitura dependendo da cultura e saberes de arte para a compreensão crítica dos fenómenos, recursos estes indispensáveis para compreender outras áreas do desenvolvimento humano, numa relação interdisciplinar (1977: 16-17).

Como tal, a Expressão Visual permite a liberação emocional/racional através dos signos próprios de cada criança, vindo auxiliar no desenvolvimento através da interação entre processos cognitivos e afetivos. A expressão oportuniza a interação com materiais, instrumentos e procedimentos variados (convencionais, casuais e/ou alternativos), aparecendo a técnica e o conteúdo como um meio de materialização da ideia expressa de forma plástica.

Neste contexto, e de acordo com o autor abaixo citado, um ambiente favorável à Inclusão de pessoas com Necessidades Educacionais Especiais exige, além do conhecimento das diversidades, o respeito às limitações das crianças, ressaltando as potencialidades específicas de cada uma.

“Os portadores de deficiência precisam ser considerados, a partir das suas potencialidades de aprendizagem. Sob esse aspecto entende-se que a escola não deva tentar reparar o defeito do aluno, mas trabalhar suas potencialidades, com vista ao seu desenvolvimento” (Carneiro 1997:33).

Portanto, penso que a educação e a Expressão Plástica, simbólico-cultural, manifestada desde a primeira infância devem ser desenvolvidas na criança e em especial nas crianças com Necessidades Educativas Especiais desde a mais tenra idade em consonância com outras linguagens também em desenvolvimento.

2.13.As relações de sociabilidade na Escola atual

Sendo a escola um espaço propício aos encontros interpessoais, parece-me que a constituição dos grupos-turma, que surgem da distribuição/organização que a escola faz dos seus educandos, de modo a potenciar um ensino de qualidade, pautado por um clima propício ao sucesso acadêmico, é de relevância para o favorecimento de relações interpessoais saudáveis. Por outro lado, penso que a integração social é fomentada na escola através da construção de climas pedagógicos pacíficos, da edificação de clubes com um leque diversificado de atividades extracurriculares, da promoção de visitas de estudo e de todas as experiências educativas que proporcionem o acesso ao património cultural e artístico, abrindo perspectivas para a intervenção crítica.

Seguindo a ideologia expressa por Pinto (2005:245) em que a socialização é,

“o processo pelo qual adquirimos os padrões de cultura e de pensamento, normas e papéis próprios dos nossos grupos de pertença”

e considerando que a escola não permite apenas a relação com o saber, exercendo, também, funções de socialização, penso que a criança quando entra para a escola tem que adaptar-se a novas normas, estatutos e papéis, integrando-se como um todo, diferente dos outros, dependendo, contudo, de diferenças sociais, mas também biológicas.

É no seio do grupo, que funciona como substituto da dependência intrafamiliar, que as emoções indizíveis dão lugar à experiência emocional, onde a expressão de sentimentos facilita a sua compreensão e clarificação. No entanto, todas estas experiências são menos acessíveis à criança com Necessidades Educativas Especiais.

Por vezes, estas crianças confronta-se com impedimentos que irão dificultar a sua relação com os outros, nomeadamente problemas de comunicação, perda auditiva ou de fala ou, simplesmente, porque é diferente, o que dificulta a atividade comunicacional e, inevitavelmente, o relacionamento efetivo com os outros.

No que concerne à área que me propus estudar, a Arte é considerada pela Lei de Bases do Sistema Educativo uma componente integrante da formação do aluno. Nos três ciclos da Educação Básica os alunos têm oportunidade de contactar, de forma sistemática, com a Educação Artística como área curricular. A abordagem às Artes Visuais faz-se através da Expressão Plástica, da Educação Visual e Tecnológica e da Educação Visual, que desempenham um papel essencial na consecução dos objetivos da Lei de Bases (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001).

Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001), as Artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspectivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que vivem. Permitem participar em desafios coletivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social, exprimem e enformam a identidade nacional, permitem a compreensão das tradições de outras culturas e são uma área de eleição no âmbito da aprendizagem ao longo da vida.

Perante o exposto, verifica-se, a meu ver, que a disciplina de Educação Visual e Tecnológica propicia, entre outras, o desenvolvimento de relações interpessoais e por sua vez, uma efetiva facilitação social através da promoção da educação para a cidadania e do incentivo à comunicação e interpretação de significados usando as linguagens da disciplina plástica. Constitui um terreno de partilha de sentimentos, emoções e conhecimentos.

Assim perante a complexidade das relações humanas, foi meu intuito desvendar um horizonte de possibilidades que contribuam para relações interpessoais entre crianças e

jovens diferentes e toda a comunidade educativa, enfatizando o relacionamento entre pares.

Capítulo 3 – Metodologia

3.1.Problemática e sua Contextualização

A escola de hoje, onde nos confrontamos com a diversidade cultural da humanidade, não se pode restringir apenas à função transmissora de conhecimentos. Deve, pois, oferecer aos seus alunos um ambiente favorável no qual todos aprendam a aprender, em que sejam estimulados, incentivados a desenvolver a criatividade, o espírito crítico e de iniciativa, para assim poderem construir e reconstruir o seu conhecimento dentro de uma perspectiva intercultural e democrática.

O importante será que as culturas desenvolvam e mantenham o diálogo de forma a atingirem a realização humana, que implica sempre a compreensão, a solidariedade, a justiça, a paz, a inovação e a criatividade, entre outros aspetos inerentes ao fenómeno da globalização. Acreditamos, portanto, que é da escola, a que Coménio (1592-1670) chamou de “*oficina da humanidade*”, que poderão vir respostas desejáveis à formação do homem na sua plenitude.

Vendo a Arte como promotora da expressão pessoal e como cultura, ela apresenta-se-nos como um importante instrumento para a identificação cultural e desenvolvimento harmonioso das inter-relações entre as diversas culturas; uma excelente linguagem e uma gramática imprescindível para a educação integral dos indivíduos.

Estes parecem-me aspetos fundamentais a ter em consideração quando se pensa em educação. Segundo Adalberto de Carvalho “*ao refletir-se sobre a educação, faz-se sempre uma opção quanto ao que ela é, mais ainda, quanto ao que ela deve ser.*” (cf. 1994:88), advindo daí a relevância que entendo poder vir a ter um estudo no domínio da Arte (Expressão Plástica), no âmbito do campo educacional de uma sociedade global.

Para identificar o problema, na qualidade de professora da disciplina curricular de Educação Visual e Tecnológica, e dinamizadora de clubes artísticos, parti, essencialmente, das minhas preocupações, da minha prática pedagógica, de prévios conhecimentos sobre a matéria que pretendi investigar, e, ainda, de muita bibliografia relativa às relações interpessoais, à socialização das crianças e jovens com e sem Necessidades Educativas Especiais e Expressão Plástica.

A investigação na área das Ciências da Educação, como qualquer tipo de investigação de âmbito psicológico ou educacional, remete para o conhecimento científico, ou seja apoia-se numa construção racional, numa análise metódica e objetiva dos factos, bem como numa explicação precisa, rigorosa e prática dos mesmos.

Ao invés do conhecimento sensível, que assenta em perceções, o conhecimento científico põe em causa as nossas perceções e, para tal, o ser humano deve mostrar-se objetivo e imparcial, tentando descrever não aquilo que pensa, mas a realidade conforme ela se patenteia, havendo que crivar toda a subjetividade inerente à condição humana. Neste âmbito,

“as nossas decisões mais pensadas, e sobretudo enquanto profissionais, serão tanto mais adequadas quanto mais validadas pelo conhecimento científico” (Almeida e Freire, 2007:15).

Foi este cenário que alicerçou a importância e pertinência deste estudo e que me levou à escolha da temática que me propus aqui desenvolver – **“Será que, em turmas de crianças com e sem Necessidades Educativas Especiais, se estabelecem, por meio da Expressão Plástica, relações que desenvolvem nos alunos atitudes de autoestima, respeito mútuo, regras de convivência e ainda promovem valores de tolerância e solidariedade?”.**

O desempenho da criança e do jovem como cidadão requer o desenvolvimento de uma série de capacidades que não se formam espontaneamente, nem através da mera aquisição de informações ou conhecimentos abordados nas disciplinas ditas teóricas.

Ao longo do meu exercício profissional, fruto das observações na prática da Expressão Plástica com os meus alunos, tenho feito algumas reflexões em que me questiono sobre a possibilidade de esta vertente curricular, isoladamente ou aliada a outras áreas curriculares, assente em metodologias ativas e de certa forma inovadoras, poder concorrer para o alargamento dos conhecimentos, para a minimização da agressividade, para o entendimento e reconhecimento da singularidade de todo o ser humano.

Situada então numa escola culturalmente heterogénea, certamente como tantas outras, sinto o quanto é imperioso colocar a Expressão Artística, nomeadamente a vertente plástica, como uma das formas primordiais de ensinar os nossos alunos a apreciar o mundo, a desenvolver uma relação harmoniosa consigo próprios e com os outros, com o

ambiente natural, social e cultural, no sentido de contribuir para um desenvolvimento global e harmonioso no contexto social da atualidade.

Optei por este tema porque todos os anos nos confrontamos com novos alunos em situação de risco educacional e pessoal, com novas situações que, como professores e seres humanos, não podemos descurar, pois um bom equilíbrio psicossocial é essencial para todo um clima de bem-estar, em contexto escolar, assim como para uma aprendizagem mais feliz e frutífera.

Hoje a Arte, à luz da multiculturalidade, é livre e sem fronteiras. É reconhecido que as práticas educativas nesta área contribuem para o desenvolvimento curricular do aluno rumo ao sucesso escolar; e para o desenvolvimento da percepção estética como apuramento da sensibilidade e conhecimento da humanidade. Aliás, refere o nosso atual Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, que:

“ A Arte como forma de apreender o Mundo permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e a sensibilidade, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como expressão de cada cultura. A relevância das Artes no sistema educativo centra-se no desenvolvimento de diversas dimensões do sujeito através da fruição-comtemplação, produção-criação e reflexão-interpretação.” (cf. 2001:155).

Assim perspectivado, no estudo que aqui apresentei:

➤ visei contribuir para:

- a compreensão da importância das Artes Plásticas no 2º Ciclo do Ensino Básico como Expressão criadora numa perspetiva multi/intercultural;
- a aceitação da diferença, através da Expressão Plástica por parte dos alunos e professores;.
- a valorização das capacidades criativas e talentos de cada aluno sem exigir de todos exatamente o mesmo;
- o harmonioso desenvolvimento intelectual das crianças e jovens com vista a uma melhor integração na escola e na sociedade,
- o reconhecimento da importância da realização de experiências plásticas pelos alunos na escola, de que a cultura da Arte ganhe novos públicos;

O problema que pretendi estudar apresentou-se concreto e real. Teve como suporte os meios técnicos e materiais e o contexto envolve crianças com e sem Necessidades Educativas Especiais e interessara-me colmatar défices de relacionamento interpessoal numa determinada amostra de crianças.

Neste estudo, procurei obter respostas para a seguinte pergunta:

“Será que, em turmas de crianças com e sem Necessidades Educativas Especiais, se estabelecem, por meio da Expressão Plástica, relações que desenvolvem nos alunos atitudes de autoestima, respeito mútuo, regras de convivência e ainda promovem valores de tolerância e solidariedade?”

Sendo esta a pergunta de partida para o meu trabalho empírico, ela visou clarificar outras perguntas associadas, nomeadamente:

- Será que todos os nossos alunos (com e sem Necessidades Educativas Especiais) encontram relações de amizade duradouras, no grupo turma, em contexto escolar por meio da Expressão Plástica?
- Será que os nossos alunos se sentem discriminados, na escola, pelos seus pares?
- Será que a disciplina de Educação Visual e Tecnológica fomenta as relações interpessoais?

Como tal, ambicionei criar contextos nos quais as crianças de duas turmas do 2ºciclo do Ensino Regular (com alunos com Necessidades Educativas Especiais) desenvolvessem projetos em comum, a fim de estimular a espontaneidade, a união, a noção de partilha, o conhecimento de direitos e deveres, aceitar a singularidade perante a diversidade e também de estimular a autovalorização através do lúdico e da relação fantasia e realidade, integrando corpo e mente.

Nestes contextos, desejei alcançar os seguintes objetivos:

- realização de todas as fases dos trabalhos de cada projeto, com experimentação das mesmas limitações dos colegas e consequentemente reflexão sobre o assunto;
- desenvolver atitudes, valores e práticas que contribuam para a formação de alunos conscientes e intervenientes na comunidade escolar;
- desenvolver nos alunos atitudes de autoestima, respeito mútuo e regras de convivência;
- promover valores de tolerância e solidariedade;

Para tal, os projetos foram planeados de acordo com:

- a procura, através da aprendizagem dos conteúdos pedagógicos, de um conhecimento global do mundo dando oportunidade ao aluno para que ele crie, invente e possa transformar a realidade;
- a valorização da produção dos alunos, enquanto pessoas capazes de, desenvolvendo a sensibilidade, a perceção e imaginação através dos recursos da Expressão Plástica;
- a transmissão de noções de composição, domínio técnico e valorização originalidade no que concerne à produção;
- a experimentação, utilização e pesquisa de materiais e técnicas artísticas (pincéis, lápis, lápis de cera, papéis, tintas, argila ou outras massas);
- a criação e construção de formas plásticas fazendo desenhos, pinturas, colagens etc.

Para uma intervenção mais estruturada e eficaz, propus uma planificação (com áreas de observação, competências gerais, competências específicas, atividades/estratégias, recursos, local, duração e avaliação), de natureza flexível, ou seja, aberta a reajustamentos e reformulações ao longo de todo o processo, em virtude do carácter dinâmico dos comportamentos em análise e do carácter contínuo da sua avaliação.

Esta intervenção foi realizada num ambiente facilitador do contacto e da relação interpessoal mediada, sendo que focalizou, essencialmente, a estimulação sensorial, com o apelo a materiais e recursos técnicos artísticos próprios. O desenho, a pintura, a modelagem, as colagens e as construções, e outras técnicas combinadas como o desenhar ou o pintar a partir de histórias, foram alguns desses recursos.

3.2.O contexto educativo em estudo

A escola escolhida para o estudo acolhe alunos do Ensino Básico e o interesse nesta instituição advém do facto de eu aí lecionar e do desejo de contribuir para uma verdadeira inclusão dos alunos da minha amostra.

Tentei, em simultâneo confirmar ou refutar as hipóteses levantadas e dar respostas às questões formuladas, à luz do enquadramento teórico.

Geograficamente, a escola fica situada no conselho de Serpa, é uma instituição pública, cujo princípio orientador, segundo o Projeto Educativo do Agrupamento, é o da

“não exclusão e da integração, entendido no sentido de criar oportunidades diferenciadas e percursos diversificados que conduzam ao sucesso de todos os alunos, no respeito pela diferença e fomentando a efetiva promoção de igualdade de direitos, independentemente da classe social, etnia, religião e demais pertenças e opções” (2009:3).

A Escola Básica Abade Correia da Serra é sede de Agrupamento. Construída durante o ano letivo de 1993/94, situa-se no Loteamento da Cruz Nova e é constituída por dois blocos que se comunicam através de um módulo coberto, com duas portas de saída para o exterior, e por uma vasta área de recreio, sem zonas cobertas, que anexa um campo de jogos com os respetivos balneários. É de referir que a escola não dispõe de um pavilhão gimnodesportivo, pelo que, a prática das aulas de educação física está, por vezes, condicionada às condições climáticas.

A escola apresenta uma arquitetura relativamente moderna, com espaços bem apetrechados para atividades letivas, com quadros interativos e vídeo-projetores, computadores e ar condicionado. Existe, ainda, uma biblioteca com vários computadores e televisores (possibilitando a realização de trabalhos de pesquisa, a execução de trabalhos escolares e, simultaneamente, algumas atividades de lazer); uma grande sala de convívio; serviços de bar e de refeitório e uma reprografia.

A instituição tem um corpo docente e auxiliares de ação educativa relativamente estáveis, um gabinete de Serviços Especializados de Apoio Educativo e dinamiza projetos como o “Contos d’Aqui”, o projeto Comenius, o Plano TIC, o projeto Escola Eletrão e o Eco-Escolas.

O gabinete de Serviços Especializados de Apoio Educativo tem como prioridade o acompanhamento de alunos com Necessidades Educativas Especiais e, nas diferentes situações, procura uma atuação coerente, corresponsável pelos diversos intervenientes. Neste momento, estão sinalizados e identificados alunos com atraso global do desenvolvimento e/ou atraso cognitivo.

A identificação de crianças e dos alunos com Necessidades Educativas Especiais ou com dificuldades de aprendizagem envolve as famílias, o núcleo de Intervenção Precoce, o Centro de Saúde e os docentes titulares de grupo/turma, tal como os Conselhos de Turma. Posteriormente, intervem a Direção, o Serviço de Psicologia e de Orientação, cuja Psicóloga reparte a sua atividade por vários estabelecimentos de ensino, e o grupo de Educação Especial, na elaboração dos Planos Educativos Individuais.

No agrupamento, há vinte e oito alunos que beneficiam de intervenção especializada de Educação Especial. Todos os alunos integrados na Educação Especial, com problemáticas que aconselham a adoção de medidas mais restritas, beneficiam de apoio individual e direto, por docentes de Educação Especial, tanto em sala de aula, como fora dela. Os alunos do 1º ciclo com dificuldades de aprendizagem são acompanhados por duas docentes especializadas. Os outros, dos restantes ciclos, têm tutorias e Oficina de Artes.

A diferenciação pedagógica adquire contornos de individualização do ensino no respeito pelos interesses e necessidades das crianças e dos alunos, em conformidade com as respetivas situações sócio-famíliares e económicas, ritmos e estilos de aprendizagem.

Esta escola, como qualquer organização social, tem um rosto próprio, um Projeto Educativo que lhe confere uma identidade que é constituída, ativamente, por toda a comunidade escolar. Nesta esteira, baseando-se nos antecedentes históricos, nos recursos existentes, no conhecimento do meio em que se insere e nas solicitações a que pretende dar resposta, esta organização definiu objetivos próprios que norteiam a sua estrutura organizacional e funcional, não descurando, porém, os diversos mecanismos legais que a sustentam.

Entre os princípios orientadores que esta escola estabeleceu, parece-me importante, pela pertinência deste estudo, destacar, do seu Projeto Educativo da mesma, os seguintes (2009:3)

- *“Princípio da não exclusão e da integração, entendido no sentido de criar oportunidades diferenciadas e percursos diversificados que conduzam ao sucesso de todos os alunos, no respeito pela diferença e fomentando a efetiva promoção de igualdade de direitos, independentemente da classe social, etnia, religião e demais pertenças e opções;”*
- *“Princípio da cidadania e da participação democrática, encarando cada aluno como um elemento ativo e capaz de intervir de forma responsável, solidária e crítica, na escola e no meio envolvente, bem como no desenvolvimento de valores tais como a liberdade, a solidariedade, e a justiça;”*
- *“Princípio do saber, promovendo o desenvolvimento da curiosidade intelectual, o gosto pelo trabalho e pelo estudo;”*

- “Princípio da qualidade educativa, traduzida numa otimização dos recursos disponíveis, tendo em vista a maximização do impacto do resultado das aprendizagens e das atividades educativas.”

3.3. Modelo de Investigação

Atravessando o olhar pela construção do Ser a partir das relações interpessoais, cada vez mais considere o meu estudo uma possibilidade de perceção desse fenómeno. Pretendi com ele elucidar a questão de partida do meu projeto (**Será que, em turmas de crianças com e sem Necessidades Educativas Especiais, se estabelecem, por meio da Expressão Plástica, relações que desenvolvem nos alunos atitudes de autoestima, respeito mútuo, regras de convivência e ainda promovem valores de tolerância e solidariedade?**) no sentido de tentar compreender, à luz das teorias de dois pedagogos de Educação pela Arte, Arquimedes Santos (1921) e Herbert Read (1893-1968), a importância da Arte (Expressão Plástica) num contexto multicultural, como facilitadora de uma formação integral e harmoniosa dos indivíduos pelo conhecimento de si e dos outros, numa efetiva relação entre a diversidade cultural.

Considere, ao longo do estudo, um aspeto importante, os recursos humanos e materiais, que me possibilitaram observar e vivenciar uma variedade de experiências estéticas e de relações humanas, umas dignas de serem estimuladas e aprofundadas, outras, de serem objeto da procura de estratégias para as contornar.

Foi neste cenário que tomei consciência de que neste nosso mundo, matizado de culturas, emerge a necessidade de refletirmos sobre a educação das nossas crianças. Encontrei aqui o impulso para abraçar este meu projeto, com o qual pretendi compreender um fenómeno, intrinsecamente, relacionado com a subjetividade do ver, do sentir, do criar e recriar o mundo, focando aspetos como a criatividade, a sensibilidade estética, o prazer ou não prazer, a satisfação e insatisfação do ver e do fazer Arte.

Tratou-se, portanto, de uma pesquisa em educação baseada na experiência imediata de questões ligadas à Arte, mediada pelas relações interpessoais vividas no meu local de trabalho.

Genericamente, a metodologia pode ser entendida, de acordo com Herman (1983), como sendo

“um conjunto de diretrizes que orientam a investigação científica” (cf. Hébert, Goyette e Boutin, 1990:15).

Atendendo aos objetivos da minha pesquisa, a opção metodológica que aqui assumi possui um caráter essencialmente qualitativo, constituindo-se como um Estudo de Caso, um dos modos de investigação possíveis no domínio das estratégias qualitativas.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa tem cinco principais características:

- 1) a fonte direta dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados;
- 2) os dados que o investigador recolhe são essencialmente de caráter descritivo;
- 3) os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados;
- 4) a análise dos dados é feita de forma indutiva;
- 5) o investigador interessa-se, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências.

Parece-me que esta metodologia foi a que mais se adequou ao estudo de um fenómeno humano complexo, como o caso em estudo que urge ser compreendido a partir do seu interior.

Desta forma, a partir de um estudo de caso, interessei-me por descrever de uma forma mais ou menos precisa os comportamentos de um grupo de indivíduos, sendo o investigador um observador participante, estudando as potencialidades e as limitações da utilização da Expressão Plástica como veículo das relações interpessoais, em escolas do Ensino Básico, e, a partir deste estudo, propor estratégias e atividades que facilitem e desenvolvam nos alunos atitudes de autoestima, respeito mútuo, regras de convivência e ainda promovem valores de tolerância e solidariedade.

3.4. Questões e Objetivos da Investigação

Neste contexto, tive como objetivos da investigação:

- compreender de que forma as crianças com Necessidades Educativas Especiais se relacionam com os seus pares por meio da Expressão Plástica;
- compreender de que forma a Expressão Plástica pode contribuir para o aumento das relações interpessoais das crianças com Necessidades Educativas Especiais;
- compreender de que forma a Expressão Plástica pode contribuir para a qualidade das relações interpessoais das crianças com Necessidades Educativas Especiais;
- observar o modo como as crianças se comportam no seu ambiente natural e tentar compreender ao pormenor o desenrolar dos acontecimentos nesse mesmo ambiente;

Tive também como objetivos da intervenção:

- desvendar estratégias que possam contribuir para efetivas relações interpessoais;
- fomentar autênticas relações interpessoais por meio da Expressão Plástica na disciplina de Educação Visual e Tecnológica.

Ao longo do processo de observação participante procurei que a minha postura de docente, perante os participantes, decorresse o mais naturalmente possível, como se não estivesse imersa num estudo.

3.5. População e Amostra

No estudo optei por uma “amostragem intencional”, ou seja, a minha investigação englobou “grupos específicos”, mais concretamente crianças e jovens do 2.º Círculo do Ensino Básico do Agrupamento de Escolas de Serpa, num contexto multidiferenciado.

A base da amostra referiu-se duas turmas de quinto ano do Ensino Básico num universo de quatro turmas de quinto ano do Ensino Básico, tendo cada uma delas um aluno com Necessidades Educativas Especiais integrado.

- **Caraterização das turmas em estudo**

A turma A em que está inserido o aluno¹ é constituída por dezassete alunos, nove rapazes e sete raparigas cuja média de idades é de onze anos. Dez alunos residem em Serpa, três vivem em Brinches e três em Vales de Mortos. Existem dois alunos na turma que estão a repetir o 5º ano pela segunda vez. A maioria vive com os pais e três com a avó.

No que toca a métodos e hábitos de estudo, a maioria refere que prepara as aulas, no entanto, dizem que podem estudar mais para superar as suas dificuldades. Na generalidade afirmam falar em casa todos os dias sobre os seus estudos e sobre a escola. Não são alunos que tenham hábitos de leitura e escrita em casa.

Em relação a expectativas futuras, as suas preferências de emprego vão para a saúde, para o desporto de competição, para a educação para a justiça e para a agricultura, apenas um aluno não tem ideia do que gostaria de ser.

Relativamente à turma B onde está inserido o aluno2 é também constituída por dezassete alunos, onze rapazes e seis raparigas, cuja média de idades é de onze anos. Quinze alunos residem em Serpa, um em Brinches e outro em Santa Iria. A maioria dos alunos vive com os pais, ou com os pais e irmãos.

À semelhança dos alunos da turma anterior, no que concerne a métodos e hábitos de estudo, a maioria refere que prepara as aulas, no entanto, dizem que podem estudar e trabalhar mais para superar as suas dificuldades. Na generalidade afirmam falar em casa todos os dias sobre os seus estudos e sobre a escola. Não são alunos que tenham hábitos de leitura e escrita em casa.

Ambas as turmas foram constituídas no início do ano lectivo. Os alunos que as constituem vieram de diferentes turmas que compõem os três polos do primeiro ciclo do Agrupamento de Escolas de Serpa.

- **Caraterização dos alunos com Necessidades Educativas Especiais**

O aluno1 tem 10 anos e apresenta pouca persistência na prossecução de atividades de ensino-aprendizagem e grandes dificuldades de concentração/atenção, associadas a uma fraca capacidade de utilização de estratégias cognitivas. De acordo com anteriores avaliações, por parte de docentes e avaliação psicológica, o aluno terá capacidades bastante inferiores ao esperado para a sua faixa etária.

O Relatório de Avaliação Psicológica, datado de Março de 2006, proveniente do Gabinete de Apoio Psicossocial, atesta atraso significativo das funções intelectuais, confirmado na Declaração Médica emitida através do Centro de Paralisia Cerebral de Beja (serviço de neuropediatria) em Abril de 2007.

Após essa avaliação clínica, o aluno foi acompanhado durante o ano letivo de 2006/2007 pela Equipa de Intervenção Precoce do Concelho de Serpa que delineou um

Programa Educativo Individual (PEI), com base nas competências de desenvolvimento do Guia Portage de Educação Pré-Escolar.

O Centro de Paralisia Cerebral de Beja tem prestado apoio ao aluno e à sua família, a nível da Consulta de Desenvolvimento, sendo da responsabilidade deste serviço o diagnóstico de Distúrbio de Hiperatividade e Défice de Atenção (DHDA) que, segundo a avaliação efetuada, impede o aluno de ter níveis de atenção compatíveis com as aprendizagens em contexto de sala de aula.

No ano anterior (2010/2011) frequentou o 4º ano do 1º ciclo do ensino básico beneficiando da medida de Educação Especial: Currículo Específico Individual.

Em termos de socialização com os pares esta criança é meiga e está sempre bem-disposta. Na turma relaciona-se bem com os colegas e estes têm a noção de que o colega é “especial”. Brinca com os colegas e no geral comporta-se de maneira aceitável perante os outros. No entanto, não é capaz de esperar pela sua vez e não segue as indicações coletivas. Com os adultos, o aluno tem um bom relacionamento mas, por vezes, apresenta alguma teimosia antes de realizar o que lhe é pedido. Para cumprir as regras, é necessário lembrar-lhe, com frequência, o que deve fazer pois distrai-se com facilidade. O aluno tem uma boa relação com a mãe e o pai.

O aluno2 tem 11 anos e iniciou a frequência do 1º ciclo no ano lectivo de 2006/2007. Apresentou, desde logo, grandes dificuldades na aprendizagem, ao nível da aquisição de conhecimentos, revelando um grande desfasamento em relação às aprendizagens conseguidas pela maioria dos seus pares.

Notou-se também alguma dificuldade na adaptação ao contexto escolar, uma vez que o aluno provém de uma família de um meio sociocultural menos favorecido, demonstrando baixas expectativas em relação à vida escolar.

O aluno2 foi avaliado no final do ano letivo 2008/2009, de acordo com o Decreto-Lei n.º 3/2008 e, apresentando Dificuldades Específicas de Aprendizagem, assim como problemas intelectuais ligeiros de carácter permanente, passou a beneficiar de medidas de Educação Especial.

Sendo evidentes as suas limitações, ao nível da participação nas atividades escolares e dado que a programação individualizada, elaborada para um nível próximo do currículo

regular, se revelou muito desfasada em relação às potencialidades demonstradas pelo aluno, foi posteriormente proposto que o mesmo passasse a beneficiar de medidas de Educação Especial mais restritivas, tendo por base um Currículo Específico Individual.

Esta decisão foi tomada para permitir um percurso escolar com sucesso, nos anos lectivos seguintes uma vez que se previa que as medidas anteriormente adoptadas fossem insuficientes por dificuldades inerentes ao funcionamento cognitivo do próprio aluno, às limitações ao nível da participação nas atividades curriculares e à sua fraca autonomia.

Atualmente (ano letivo de 2011/2012) o aluno encontra-se a frequentar o 2º ciclo do Ensino Básico, acompanhando uma turma do 5º ano de escolaridade, tendo sido dada continuidade à medida de Currículo Específico Individual.

O aluno², em termos de socialização com os pares revela alguma dificuldade em relaciona-se com os colegas, porque é um pouco conflituoso. Com os adultos, o aluno tem um bom relacionamento, e na maioria das vezes, realiza o que lhe é pedido. Normalmente cumpre as regras, mas é necessário lembrar-lhe com frequência o que deve fazer, pois distrai-se com facilidade.

3.6. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados

A procura da adequação das técnicas e instrumentos de pesquisa às especificidades do fenómeno a ser estudado requer que o investigador esteja suficientemente esclarecido no momento da seleção, sobre os limites e possibilidades de cada instrumento para que os possa utilizar de forma consciente e eficaz.

Dos conhecimentos adquiridos nas sessões de Metodologia de Investigação, frequentadas na parte curricular deste Mestrado, e das leituras efetuadas acerca dos instrumentos e técnicas que vêm sendo utilizados na pesquisa qualitativa, enveredei pela observação participante, depoimentos pessoais, conversas informais, análises de discurso, entrevistas semiestruturadas (individuais) com alunos e questionários a professores, das quais se procedeu à respetiva análise de conteúdo, diário de observação, pesquisa bibliográfica e documental.

De acordo com Pourtois e Desmet (1988) a observação participante transpõe o cariz descritivo da abordagem com o intuito de procurar “*descobrir o sentido, a dinâmica e*

os processos dos atos e dos acontecimentos (...) o investigador está inserido na vida dos atores a que o estudo diz respeito”(cf. Hérbert, Goyette e Boutin (1999:156). Dada a especificidade da minha pesquisa, tentei, assim, obter maior número possível de informações das situações pertinentes à investigação, no caso que me ocupou, as principais emoções sentidas durante a prática da Expressão Plástica. O caso em estudo centrou-se, portanto, na observação participante ativa, pelo fato de que, para além da qualidade de investigadora, me coube o papel de docente da disciplina de Educação Visual e Tecnológica das turmas em causa, e dinamizadora da área de Artes e Ofícios envolvido no meu estudo.

A abordagem dominante primou pelo campo de ação, um empreendimento etnográfico, por excelência naturalista e descritivo, uma vez que frequentei os locais de investigação (salas de aula e espaços da Área Artística), observei, interagi e conversei. A validade deste recurso metodológico baseou-se, por um lado, na precisão e no rigor das observações e, por outro, no confronto constante entre as observações e as hipóteses interpretativas.

Durante o período de observação, que decorreu ao longo do 1º período, entre Setembro e Dezembro de 2011, procurei valorizar os atos dos dois alunos com Necessidades Educativas Especiais, as suas ideias, o empenho, os desejos e sentimentos nas relações com a turma e os seus pares.

As observações de campo (conforme anexo9) incidiram nas aulas da disciplina de Educação Visual e Tecnológica e na Área Artística de Artes e Ofícios, distribuídas de acordo com os horários semanais. Como docente dos participantes nas áreas observadas, estive atenta durante os 90 minutos correspondentes a cada aula.

O estudo foi desenvolvido recorrendo à observação direta, (Observação Naturalista) por meio de uma grelha de observação de comportamentos e atitudes interpessoais, como instrumento de pesquisa (conforme anexo7 e anexo8).

Este método de análise qualitativa no plano do comportamento humano, a observação naturalista, permitiu-me compreender os padrões de interação social.

Esta grelha foi construída a partir da escala de Avaliação da Competência Social (ACS, Lemos & Meneses, 2002).

A escala de Avaliação da Competência Social (ACS, Lemos & Meneses, 2002) constitui a versão portuguesa, traduzida e adaptada do *Social Skills Rating System*

(SSRS, Greshan & Elliot, 1990), relativamente ao Ensino Básico. Os resultados encontrados para a população portuguesa apoiam uma concepção multidimensional da competência social e garantem a validade da informação recolhida (Lemos & Meneses, 2002).

Este registo avalia as habilidades sociais, os problemas de comportamento e a competência académica de crianças do Ensino Básico, através de três questionários, dirigidos aos pais, aos próprios alunos e aos professores.

Considerou-se, neste estudo, apenas as habilidades sociais que incluiu os itens nº1,5,6,7,13,14,15,16,18,19,20,21,22,23,24,25,29 e os comportamentos que incluiu os itens 33,34,35,36,37,38,39,41 do questionário para professores.

Os itens nº6, 22 e 38 surgem repetidos, porque considerei duas possibilidades de resposta em função das variáveis.

A grelha tem como objetivo observar a frequência relativa com que os alunos com Necessidades Educativas Especiais manifestam determinadas atitudes de regras de convivência, de ajuda, cooperação e ainda valores de tolerância e solidariedade em situação de pequeno e grande grupo durante um determinado tempo (momentos) de observação. Na análise o pequeno grupo é considerado o trabalho de pares ou um conjunto de três ou quatro pessoas e o grande grupo é o conjunto da turma.

O registo de observação de comportamentos dos alunos com Necessidades Educativas Especiais foi realizado em duas aulas de cada uma das duas unidades de trabalho desenvolvidas no primeiro período da disciplina de Educação Visual e Tecnológica (construção de uma capa para os trabalhos realizados na disciplina e decorações de Natal). Tratou-se de projetos onde os alunos tiveram que trabalhar a pares ou em grupo.

Tive em mente a produção de material específico que possa servir como instrumento de suporte à motivação e orientação dos meus alunos. Este material referiu-se à introdução dos conteúdos básicos da Educação Artística no 2º ciclo do Ensino Básico.

Seguindo as diretivas dos vários autores já citados neste capítulo, que se debruçaram sobre as metodologias da investigação qualitativa, procedi ao registo manuscrito da maioria dos dados recolhidos ao longo da observação participante logo após o horário letivo sem qualquer preocupação de construção frásica, organização de texto ou outras. Ao registo diário chamei “diário de bordo” que foi o retrato, que se pretendeu realista,

de um percurso por vezes atribulado obrigando-me, enquanto investigadora, ao registo constante de observações que de outra forma ficariam apenas na memória.

Fizeram parte desse registo: depoimentos dos alunos ao longo das atividades; algumas críticas dos alunos sobre os seus próprios trabalhos e dos colegas; reconstrução de diálogos que se passaram entre os alunos e entre os professores/alunos no decorrer das atividades práticas; atitudes e comportamentos inerentes ao decurso atividades de experimentação plástica dos alunos e o modo como eles interagiram uns com os outros; o envolvimento emocional e registos das suas reações perante as ideias dos colegas.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), na investigação qualitativa, pode-se usar entrevistas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante. Deste modo, decidi realizar entrevistas a alunos participantes na sala de aula durante o horário em que decorreram as observações (conforme anexo4). Durante os projetos, com frequência, tive conversas informais com os meus alunos sobre as mesmas e sobre a interação com os colegas, tanto nas aulas de Educação Visual e tecnológica como na Área Artística de Artes e Ofícios.

Num primeiro momento, o objetivo das entrevistas diagnósticas foi realizar uma avaliação inicial de forma a obter informações sobre as relações interpessoais dos alunos do 5º ano do segundo ciclo e verificar a influência da Expressão Plástica nas relações interpessoais. Esta avaliação inicial foi feita com cinco alunos por turma envolvidos na pesquisa, escolhidos de forma aleatória. Procurei com estas entrevistas, que os sujeitos exprimissem as suas opiniões sobre a importância que atribuíam à Expressão Plástica na escola e ao fascínio pela sua prática; sobre os seus efeitos educativos e sociais; as suas opiniões relativamente à prática da Expressão Plástica em contexto curricular obrigatório.

Considero que as entrevistas tomaram no seu desenvolvimento a forma de conversas informais, proporcionando-me uma recolha mais alargada de opiniões.

Não perdendo de vista os objetivos de estudo e o que na realidade pretendi recolher nessas entrevistas, comprometi-me construir um guião (conforme anexo1), contendo algumas perguntas concretas, que serviu de eixo orientador das temáticas que abordei.

Nestas entrevistas foquei a minha atenção nas seguintes questões:

- averiguar o conhecimento que tem sobre a área de expressão plástica;

- conhecer a forma como expressam as ideias na área curricular;
- identificar o tipo de iniciativa que leva os alunos a ajudar os colegas com dificuldades;
- identificar influências que permitem valorizar a autoestima dos alunos na disciplina de Educação Visual e Tecnológica;

Variáveis:

Variáveis Independentes:

- Turma

Variáveis Dependentes:

- Influência da Expressão Plástica nas regras de convivência das crianças;
- Influência da Expressão Plástica na autoestima das crianças;
- Influência da Expressão plástica na promoção de valores de tolerância e solidariedade.

Por outro lado, pareceu-me importante passar um inquérito por questionário (conforme anexo3) aos professores da área artística plástica que lecionam na escola, após o horário letivo. Entre estes, procurei averiguar sobre: a importância da Arte na educação; sobre o entendimento que têm da prática da Expressão Plástica na escola como forma de contribuição para o desenvolvimento integral das crianças; a Expressão Plástica como forma de aceitação e entendimento entre as crianças. Tratou-se de um inquérito por questionário na escala de Likert com perguntas fechadas e abertas. O questionário apresenta uma série de cinco proposições, das quais o inquirido deve seleccionar uma, sendo estas: concordo em absoluto, concordo bastante, sem concordo nem discordo, discordo em parte, discordo em absoluto. Tal como aconteceu nas entrevistas dos alunos, existiu também um guião (conforme anexo2) que serviu de matriz aos temas que abordei.

Com base nos objectivos do meu estudo, utilizei o inquérito por questionário porque segundo Pinto (1990), o questionário é usado para se obter informações sobre um dado assunto, que uma vez analisado poderá permitir a determinação de relações entre diversas variáveis. Ainda segundo o mesmo autor, as informações recolhidas, além de possibilitarem uma melhor previsão do futuro, permitem ainda compreender melhor as causas de ocorrência de um determinado fenómeno no passado. É um método que, segundo Quivy e Campenhoudt (1998:186)

“presta-se bem a uma utilização pedagógica pelo carácter muito preciso e formal da sua construção e da sua aplicação prática”.

Por um lado, a sistematização, maior simplicidade de análise, maior rapidez na recolha e análise de dados (Carmo & Ferreira, 1998), havendo ainda a possibilidade de incluir todos os modelos de resposta, o que confere ao investigador uma grande flexibilidade quanto à natureza da informação que pode obter (Fox, 1987). Por outro lado, tive ainda presente o que Coutinho (2004) refere, ou seja, o seu amplo alcance, a implicação de menores custos médios e o objectivo de poder-se perguntar aos sujeitos a informação que se pretende.

Em relação à elaboração do referido instrumento, e até chegar à sua versão final, passaram-se procedimentos de reformulação, onde foram acautelados as questões de forma e de conteúdo. Deste modo, o questionário final colocado no terreno desenvolveu-se considerando duas dimensões:

i) Aspectos relacionados com a caracterização dos professores.

ii) Práxis.

Seguidamente, apresentamos de uma forma sucinta a justificação para a escolha e elaboração das referidas dimensões.

i) Caracterização

Esta dimensão tem por objectivo caracterizar os sujeitos que constituem a amostra atendendo aos seguintes aspectos: 1) Idade; 2) Situação Profissional; 3) Formação Académica de Base; 4) Tempo de Serviço; 5) Há quantos anos lecciona na escola.

Idade (item 1)

É um indicador potencialmente interligado com o tipo de formação Académica de Base, o que permitiu estar associado a um certo índice de utilização de certo tipo de recursos, e que consequentemente influencia a tipologia de métodos usados no ensino aprendizagem da disciplina.

Situação Profissional (item 2)

Permitiu-me obter informações sobre a tipologia dominante dos quadros docentes em relação à área artística em estudo.

Formação Académica de Base (item 3)

A Formação Académica de Base dos professores que leccionam a disciplina de Educação Visual e Tecnológica no 2º Ciclo do Ensino Básico pareceu-me de grande relevo, no sentido em que, a mesma é de origem diversificada, o que poderá atestar da sua influência nas práticas e métodos de ensino.

Tempo de Serviço (item 4)

Um fator indicador em relação à tipologia geral do quadro docente da disciplina de Educação Visual e Tecnológica ao nível das escolas do 2º ciclo do Ensino Básico pertencentes à Escola Abade Correia da Serra.

Há quantos anos lecciona na escola (item 5)

Um indicador relevante de estabilidade do corpo docente em relação ao grupo de Educação Visual e Tecnológica.

ii) Práxis

Nesta dimensão usei o termo práxis em vez do termo prática, no sentido que nos referimos a uma prática aplicada com reflexão, onde o interesse cognitivo crítico é constituído pela ação e reflexão, elementos constituintes da práxis, que assume o fazer o significado e a interpretação como essência para o tão chamado conhecimento (Pacheco, 2001:41). É com base neste pressuposto que me propus a refletir sobre algumas questões que ocorrem e fazem parte do dia-a-dia da disciplina, porque a práxis, segundo Pacheco, tem lugar no real, trabalha no mundo da interação, para que esse mesmo possa ser construído, exigindo o reconhecimento de que o conhecer é uma construção social.

Como tal, esta dimensão do questionário surgiu dividida em duas questões e a primeira aparece fragmentada em seis áreas de resposta fechada que tiveram como objetivo aferir a opinião dos docentes em relação:

- conhecer a opinião dos docentes relativamente ao conceito de Educação Inclusiva;
- conhecer a opinião dos docentes relativamente ao conceito de Educação Artística;
- conhecer a opinião dos docentes quanto à integração de alunos com Necessidade Educativas Especiais na área artística plástica;
- conhecer as atividades curriculares desenvolvidas pelos docentes da área artística plástica;

- conhecer a opinião dos docentes relativamente ao conceito de Expressão Plástica;
- conhecer a opinião dos professores quanto ao contributo da Expressão Plástica para as relações interpessoais dos alunos.

A segunda questão é de resposta aberta e teve como objetivo:

- conhecer o contributo da Expressão Plástica para a aceitação das diferenças;

No final do questionário foi colocada uma pergunta aberta para conhecer algumas atividades e estratégias desenvolvidas pelos professores que contribuem para a aceitação das diferenças.

Assim, a minha investigação compreendeu a análise documental que a seguir se enuncia:

- notas registadas no “diário de bordo”(conversas informais);
- trabalhos produzidos pelos alunos;
- grelha de observação de comportamentos e atitudes interpessoais;
- transcrição das entrevistas e questionários;

Foi efetuada a triangulação das diversas fontes de recolha de dados (documentos de observação participante, entrevistas e questionários) que compuseram a minha pesquisa.

Esta é uma das técnicas recomendadas para se evitarem problemas sobre a validade das pesquisas qualitativas

“o conceito de triangulação é assim alargado à ideia de «validade teórica» por confronto das inferências feitas relativamente a um mesmo problema” (Bogdan e Biklen, 1994:77).

Capítulo4 – Análise de dados

A maior parte dos métodos de análise da informação dependem de duas grandes categorias, sendo elas a análise de conteúdo e a análise estatística dos dados (Quivy et Campenhoudt, 1998).

Na minha opinião, a distinção entre a recolha e a análise da informação não é tão nítida quanto muitos pressupõem. A análise dos dados permitiu proceder à sua organização sistemática com vista a aumentar a sua compreensão e permitiu a apresentação de conclusões (Bogdan & Biklen, 1994). É pelos dados obtidos que as hipóteses formuladas previamente são ou não confirmadas.

A análise de conteúdo na investigação social é cada vez maior, nomeadamente porque oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade. A análise de conteúdo permite, quando incide sobre um material rico e penetrante, satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva.

Neste estudo, a organização das entrevistas e dos questionários foi fundamental para a compreensão e interpretação dos dados e dos próprios resultados. Segundo Fortin (1999), a recolha de dados não é mais que a colheita da informação de forma sistemática através do auxílio de instrumentos de medida.

Tudo o que se escreve ou tudo o que se diz é passível de ser sujeito a uma análise de conteúdo. Neste trabalho de investigação, os dados foram recolhidos através de um questionário, de uma entrevista e de uma grelha de comportamentos, esses dados foram analisados para que assim possam mais facilmente ser interpretados. Fortin (1999) refere que a análise dos conteúdos deve ser adequada aos objetivos e ao próprio desenho de estudo.

Neste trabalho de investigação foi feita uma análise descritiva e estatística da informação recolhida de forma a afirmar ou refutar as hipóteses levantadas nesta investigação. Relativamente ao resultado da informação obtida através do questionário, foi confrontada com a revisão da literatura de forma descrita e comentada de questão em questão através de tabelas e dos gráficos mais representativos, os menos representativos ficaram em anexo. Os dados serão ainda confrontados com os resultados do trabalho cujo mesmo instrumento tinha sido já utilizado anteriormente: **“de que forma a Expressão plástica estabelece relações e atitudes de autoestima, respeito mútuo, regras de convivência e ainda promove valores de tolerância e solidariedade nos alunos com Necessidades Educativas Especiais”**.

O resultado das entrevistas foi apresentado pela ordem das questões que foram colocadas aos entrevistados. Primeiro por uma tabela, para que assim mais facilmente se possam comparar as informações, posteriormente em confrontação com a revisão da literatura e com os próprios entrevistados textualmente. Assim, ao mesmo tempo que se procuram as respostas aos problemas do estudo, confrontam-se as ideias dos entrevistados.

No decurso de várias sessões teórico-práticas direcionadas para o domínio da Expressão Plástica, as atitudes e os comportamentos das crianças manifestados, não apenas na análise/interpretação de objetos e obras, como também na conceção/criação de trabalhos plásticos, foram objeto de registo em grelha de observação.

4.1. Apresentação dos resultados

4.1.1. Análise das Grelhas de atitudes e comportamentos

ALUNO1

1ª Unidade de trabalho

Quadro1: Itens com frequência mais elevada nas habilidades sociais

Pequeno grupo	Grande Grupo
20. Segue as instruções do professor; 15. Cumpre regras de sala de aula; 29. Dá-se bem com a maioria dos colegas da turma.	20. Segue as instruções do professor; 15. Cumpre regras de sala de aula; 14. Enceta conversa com os colegas; 29. Dá-se bem com a maioria dos colegas da turma.

De acordo com a análise da grelha da **1ª unidade de trabalho**, verificou-se que as **habilidades sociais** mais observadas em **pequeno grupo** dizem respeito ao *seguimento das instruções do professor* (14 vezes) o, seguindo-se do *cumprimento das regras de sala de aula* (12 vezes) e ainda do *dá-se bem com a maioria dos colegas da turma* com 11 vezes observadas. Verificou-se, ainda, que as habilidades sociais relacionadas com o *aceitar ideias*, *encetar conversa com os colegas* e a *cooperação com os colegas por iniciativa própria* apresentam o mesmo número de vezes observadas (9) e estão imediatamente seguidas pelas que indicam *fazer corretamente as tarefas escolares* (8 vezes).

As **habilidades sociais** mais observadas em **grande grupo** dizem respeito ao *seguimento das instruções do professor* e do *cumprimento das regras de sala de aula* com o mesmo número de vezes (14). Seguem-se as habilidades sociais que *encetam conversas com os colegas* e as que *indicam o bom relacionamento com maioria os colegas da turma*, também com igual número de vezes observadas (7). Verificou-se, ainda, que as habilidades sociais relacionadas com o *aceitar ideias* e o *fazer corretamente as tarefas escolares* estão imediatamente seguidas das que *enceta conversa com os colegas* com 6 vezes observadas.

Quadro2: Itens com frequência mais elevada nos comportamentos

Pequeno grupo	Grande Grupo
34.Parece solitário; 38.Demonstra ansiedade quando está em situação de pequeno grupo de crianças; 39.fica facilmente envergonhado.	34.Parece solitário; 35.Distrai-se; 39.fica facilmente envergonhado.

Em relação aos **comportamentos em pequeno grupo** foram observados com maior número de vezes (3) os que dizem respeito aos que *parece solitário, demonstra ansiedade quando está em situação de pequeno grupo de crianças e fica facilmente envergonhado*.

Relativamente aos comportamentos em grande grupo foi observado com maior número de vezes (10) o item que indica *parecer solitário*. De seguida foram observados em 8 momentos os que se referem à *distração do aluno* e os permitem *ficar facilmente envergonhado*.

2ª Unidade de trabalho

Quadro3: Itens com frequência mais elevada nas habilidades sociais

Pequeno grupo	Grande Grupo
29.Dá-se bem com maioria os colegas da turma; 20.Segue as instruções do professor; 15.Cumpre regras de sala de aula.	15.Cumpre regras de sala de aula; 20.Segue as instruções do professor; 29.Dá-se bem com maioria os colegas da turma;

De acordo com a análise da grelha da **2ª unidade de trabalho**, verificou-se que as **habilidades sociais** mais observadas em **pequeno grupo** dizem respeito ao *relacionamento com maioria os colegas da turma* (observadas 17 vezes), seguindo-se do item *segue as instruções do professor* (observadas 16 vezes) e do *cumprimento de regras de sala de aula* (14 vezes observadas). Verificou-se, também, as habilidades sociais relacionadas com o item *enceta conversa com os colegas* (observadas 12 vezes). É de referir, ainda, com 11 ocasiões observadas, as habilidades sociais que mostram que *em situação de pequeno grupo coopera com os colegas por iniciativa própria*.

As **habilidades sociais** mais observadas em **grande grupo** dizem respeito ao *seguimento das instruções do professor* e do *cumprimento das regras de sala de aula*

com 17 vezes observadas. Seguem-se as **habilidades sociais** que indicam *o bom relacionamento com maioria os colegas da turma* (observadas 11 vezes).

A análise comparada de resultados da observação mostra que as **habilidades sociais** mais observadas em **pequeno grupo** na **primeira unidade de trabalho** foram também as mais frequentes na segunda unidade de trabalho: *segue instruções do professor; cumpre regras de sala de aula; dá-se bem com a maioria dos colegas da sala de aula*.

Quadro4: Itens com frequência mais elevada nos comportamentos

Pequeno grupo	Grande Grupo
35.Distrai-se; 36.Interrompe a conversa dos outros.	35.Distrai-se; 34.Parece solitário.

Em relação aos **comportamentos em pequeno grupo** foi observado 5 vezes os que dizem respeito à *distração do aluno*. De seguida foi observado em 3 momentos o item que refere que *interrompe a conversa dos outros*.

Relativamente aos **comportamentos em grande grupo** foi observado 10 vezes o que diz respeito à *distração do aluno*. De seguida foram observados 8 vezes os comportamentos que referem *parecer solitário* e com 5 momentos os que mostram *ficar facilmente envergonhado*.

Comparação entre Unidades de Trabalho para as habilidades sociais - Pequeno grupo

Quadro5

Item que sofreu maior subida de frequência relativa	Item que sofreu menor subida de frequência relativa
29.Dá-se bem com maioria os colegas da turma.	1.Entra em conflito com colegas; 7.Convida outros para participarem nas atividades; 18.Aceita ideias.

Na comparação entre as duas unidades de trabalho para as habilidades sociais observou-se que em **pequeno grupo** o **item que sofreu maior subida de frequência relativa foi o dá-se bem com maioria os colegas da turma** (observado 6 vezes mais que na 1ª Unidade de trabalho) Os **itens que sofreram menor subida de frequência relativa foram os** que *entram em conflito com colegas, convida outros para participarem nas*

atividades e aceita ideias (observado apenas mais 1 vez do que na 1º unidade de trabalho).

Quadro6

Item que sofreu maior descida de frequência relativa	Item que sofreu menor descida de frequência relativa
Nenhuma	Nenhuma

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho para as habilidades sociais** observou-se que em pequeno grupo não se registaram **descidas nas frequências relativas**.

Quadro7

Item que manteve igual frequência relativa
23.Ajuda voluntariamente os colegas da turma.

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho para as habilidades sociais** observou-se que em **pequeno grupo** o **item que manteve igual frequência relativa** foi a *ajuda voluntariamente aos colegas da turma*.

Comparação entre Unidades de Trabalho para as habilidades sociais - Grande grupo

Quadro8

Item que sofreu maior subida de frequência relativa	Item que sofreu menor subida de frequência relativa
6.Avalia positivamente o seu desempenho.	7.Convida outros para participarem nas atividades; 16. Faz corretamente as tarefas escolares; 21.Guarda o material escolar.

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho para as habilidades sociais** observou-se que em **grande grupo** o **item que sofreu maior subida de frequência relativa foi o avalia positivamente o seu desempenho** (foi observada 6 vezes mais do que na 1º unidade de trabalho). Os **itens que sofreram menor subida de frequência relativa foram os convida outros para participarem nas atividades, faz corretamente as tarefas escolares e guarda o material escolar** (apenas se registou 1 vez mais do que na 1ª unidade de trabalho).

Quadro9

Item que sofreu maior descida de frequência relativa	Item que sofreu menor descida de frequência relativa
Nenhuma	Nenhuma

Na comparação entre as duas unidades de trabalho para as habilidades sociais observou-se que em **grande grupo** não se registaram **descidas nas frequências relativas**.

Quadro10

Item que manteve igual frequência relativa
1.Entra em conflito com colegas; 6.Avalia positivamente o seu desempenho; 18.Aceita ideias; 19.Elogia os colegas; 23.Ajuda voluntariamente os colegas da turma; 24.Junta-se ao grupo ou à atividade em curso por iniciativa própria; 25.Responde positivamente aos pedidos dos colegas.

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho para as habilidades sociais** observou-se que em **grande grupo** os **itens que mantiveram igual frequência relativa foram os** entra em conflito com colegas, avalia positivamente o seu desempenho, aceita ideias, elogia os colegas, ajuda voluntariamente os colegas da turma, junta-se ao grupo ou à atividade em curso por iniciativa própria, responde positivamente aos pedidos dos colegas.

Comparação de frequência relativa dos itens entre Grupos e Unidades de trabalho para as habilidades sociais

Quadro11

Item em que a Frequência relativa mais subiu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª unidade de trabalho	
Pequeno grupo	Grande grupo
6.Avalia positivamente o seu trabalho; 29.Dá-se bem com maioria os colegas da turma.	6.Avalia positivamente o seu trabalho; 29.Dá-se bem com maioria os colegas da turma.

Observou-se que os **Itens em que a frequência relativa mais subiu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª unidade de trabalho foram os seguintes:** *avalia positivamente o seu trabalho e dá-se bem com maioria os colegas da turma* em ambos os grupos.

Quadro12

Item em que a Frequência relativa mais desceu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª unidade de trabalho	
Pequeno grupo	Grande grupo
Não se registaram descidas	Não se registaram descidas

Não foram observadas descidas em ambos os **grupos**, relativamente ao **Item em que a frequência relativa mais desceu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª unidade de trabalho**.

Comparação entre Unidades de Trabalho para os comportamentos - Pequeno grupo

Quadro13

Item que sofreu maior subida de frequência relativa	Item que sofreu menor subida de frequência relativa
35. Distrai-se.	36. Interrompe as conversas dos outros.

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho para os comportamentos** observou-se que em **pequeno grupo** o **item que sofreu maior subida de frequência relativa foi o *distrai-se*** (observado 3 vezes mais que na 1ª Unidade de trabalho). O **item que sofreu menor subida de frequência relativa foi o *interrompe as conversas dos outros*** (observado mais 2 vez do que na 1ª unidade de trabalho).

Quadro 14

Item que sofreu maior descida de frequência relativa	Item que sofreu menor descida de frequência relativa
38. Demonstra ansiedade quando está em situação de pequeno grupo; 39. Fica facilmente envergonhado.	24. Parece solitário.

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho para os comportamentos** observou-se que em **pequeno grupo** registaram-se **descidas nas frequências relativas** nos itens *demonstra ansiedade quando está em situação de pequeno grupo* e *fica facilmente envergonhado* (foram observados 2 vezes menos do que na 1ª unidades de trabalho). O **Item que sofreu menor descida de frequência relativa foi o *parece solitário*** (foi observado menos 1 vez relativamente à 1ª unidade de trabalho).

Quadro15

Item que manteve igual frequência relativa
33.Ameaça e goza; 37.Perturba a atividade em curso; 41.Discute com os outros.

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho para os comportamentos** observou-se que em **pequeno grupo** os **itens que mantiveram igual frequência relativa foram** os seguintes: *ameaça e goza, perturba a atividade em curso, discute com os outros*.

Comparação entre Unidades de Trabalho para os comportamentos - Grande grupo

Quadro16

Item que registou subida de frequência relativa
35.Distrai-se; 36.Interrompe as conversas dos outros.

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho para os comportamentos** observou-se que em **grande grupo** os **itens que registaram subidas de frequência relativa** foram os seguintes: *distrai-se e interrompe as conversas dos outros* (observou-se 2 vezes mais em cada um relativamente à 1ª unidade de trabalho).

Quadro17

Item que sofreu maior descida de frequência relativa	Item que sofreu menor descida de frequência relativa
39. Fica facilmente envergonhado.	34.Parece solitário.

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho para os comportamentos** observou-se que em **grande grupo** o **item que sofreu maior descida de frequência relativa foi o** *fica facilmente envergonhado* (observou-se uma descida de 3 vezes mais). **O Item que sofreu menor descida de frequência relativa foi o** *parece solitário* (observou-se uma descida de 2 vezes mais comparativamente à 1ª unidade de trabalho).

Quadro18

Item que manteve igual frequência relativa
33.Ameaça e goza;

37.Perturba a atividade em curso;
41.Discute com os outros

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho para os comportamentos** observou-se que em **grande grupo** os **itens que mantiveram igual frequência relativa foram** *a ameaça e goza, perturba a atividade em curso, discute com os outros*. Verificaram-se os mesmos que em situação de pequeno grupo.

Comparação de frequência relativa dos itens entre Grupos e Unidades de trabalho para os comportamentos

Quadro19

Item em que a Frequência relativa mais subiu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª unidade de trabalho	
Pequeno grupo	Grande grupo
35.Distrai-se	35.Distrai-se

Observou-se que em ambos os **grupos** o **item em que a Frequência relativa mais subiu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª unidade de trabalho** foi distrai-se. No **pequeno grupo** subiu 2 vezes mais e no grande grupo subiu 4 vezes mais em relação à **1ª unidade de trabalho**.

Quadro20

Item em que a Frequência relativa mais desceu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª unidade de trabalho	
Pequeno grupo	Grande grupo
39.Fica facilmente envergonhado.	39.Fica facilmente envergonhado.

Observou-se que em ambos os **grupos** o **item em que a Frequência relativa mais desceu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª unidade de trabalho** foi *fica facilmente envergonhado*. No pequeno grupo desceu 2 vezes mais e no grande grupo desceu 3 vezes mais comparando as unidades de trabalho.

Confrontando igualmente os resultados da observação dos **comportamentos** do aluno **nas duas unidades de trabalho** mostram que tanto **no pequeno grupo** como **no grande grupo** os **comportamentos** mais observados foram *parece solitário, fica facilmente envergonhado e distrai-se*.

É de mencionar que as frequências observadas nos comportamentos relativos aos itens *parece solitário*, *demonstra ansiedade quando está em situação de pequeno grupo de crianças*, *fica facilmente envergonhado*, da primeira unidade de trabalho (quer em pequeno grupo quer em grande grupo) sofreram descidas significativas relativamente à segunda unidade de trabalho. No entanto, na segunda unidade de trabalho as frequências dos itens *distrai-se* e *interrompe as conversas dos colegas* sofreram aumentos tanto em pequeno grupo como em grande grupo.

ALUNO2

1ª Unidade de trabalho

Itens com frequência mais elevada nas habilidades sociais

Quadro21

Pequeno grupo	Grande Grupo
20.Segue as instruções do professor; 22.Em situação de pequeno grupo coopera com os colegas por iniciativa própria; 14. Enceta conversa com os colegas.	20.Segue as instruções do professor; 14. Enceta conversa com os colegas.

De acordo com a análise da grelha da **1ª unidade de trabalho**, verificou-se que as **habilidades sociais** mais observadas em **pequeno grupo** dizem respeito ao *seguimento das instruções do professor* (15 vezes) o, seguindo-se da *cooperação com os colegas da turma em situação de pequeno grupo* (13 vezes) e ainda do item *enceta conversa com os colegas* com 12 vezes observadas.

As **habilidades sociais** mais observadas em **grande grupo** dizem respeito ao *seguimento das instruções do professor* com 14 vezes observadas e *com enceta conversas com os colegas* com 10 momentos observados.

Itens com frequência mais elevada nos comportamentos

Quadro22

Pequeno grupo	Grande Grupo
34.Parece solitário; 38.Demonstra ansiedade quando está em situação de pequeno grupo de crianças;	34.Parece solitário; 35.Distrai-se; 39.fica facilmente envergonhado.

39.fica facilmente envergonhado.	
----------------------------------	--

Em relação aos **comportamentos** em **pequeno grupo** foram observados com maior número de vezes (3) os que dizem respeito aos que *parece solitário, demonstra ansiedade quando está em situação de pequeno grupo de crianças e fica facilmente envergonhado*.

Relativamente aos **comportamentos** em **grande grupo** foi observado com maior número de vezes (10) o item que indica *parecer solitário*. De seguida foram observados em 8 momentos os que se referem à *distração do aluno* e os permitem *ficar facilmente envergonhado*.

2ª Unidade de trabalho

Itens com frequência mais elevada nas habilidades sociais

Quadro23

Pequeno grupo	Grande Grupo
20.Segue as instruções do professor; 22.Em situação de pequeno grupo coopera com os colegas da turma; 29.Dá-se bem com maioria os colegas da turma; 14. Enceta conversa com os colegas.	20.Segue as instruções do professor; 14. Enceta conversa com os colegas; 29.Dá-se bem com maioria os colegas da turma.

De acordo com a análise da grelha da **2ª unidade de trabalho**, verificou-se que as **habilidades sociais** mais observadas em **pequeno grupo** dizem respeito aos itens *segue as instruções do professor* (observadas 17 vezes), seguindo-se dos itens *em situação de pequeno grupo coopera com os colegas da turma e dá-se bem com maioria os colegas da turma* (ambas observadas 14 vezes). O item *enceta conversas com os colegas*, foi observado 13 vezes. Verificou-se, ainda, as habilidades sociais relacionadas com os itens *cumprir regras de sala de aula, fazer corretamente as tarefas escolares e aceitar ideias* (observadas 12 vezes).

As **habilidades sociais** mais observadas em **grande grupo** dizem respeito ao *seguimento das instruções do professor* com 16 vezes observado. Segue-se o item *enceta conversas com os colegas* (15 vezes observado) e o item *dá-se bem com maioria os colegas da turma* (12 vezes observado).

A análise comparada de resultados da observação mostra que as **habilidades sociais** mais observadas em **pequeno grupo** na primeira **unidade de trabalho** foram também as mais frequentes na segunda unidade de trabalho à exceção do item em situação de pequeno grupo coopera com os colegas da turma: *segue instruções do professor; enceta conversas com os colegas; dá-se bem com a maioria dos colegas da sala de aula.*

Itens com frequência mais elevada nos comportamentos

Quadro24

Pequeno grupo	Grande Grupo
35.Distrai-se.	35.Distrai-se.

Em relação aos **Itens com frequência mais elevada nos comportamentos** verificou-se que **ambos os grupos** foi observado o mesmo tipo de comportamento (*distrai-se*). O que difere é o número de vezes observado. Em pequeno grupo foi observado 6 vezes e em grande grupo foi observado 7 vezes.

Comparação entre Unidades de Trabalho para as habilidades sociais - Pequeno grupo

Quadro25

Item que sofreu maior subida de frequência relativa	Item que sofreu menor subida de frequência relativa
7.convida outros para participarem nas atividades.	14. Enceta conversa com os colegas; 22.Em situação de pequeno grupo coopera com os colegas da turma.

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho** para as habilidades sociais observou-se que em **pequeno grupo** o **item que sofreu maior subida de frequência relativa foi o convida outros para participarem nas atividades** (observado 6 vezes mais que na 1ª unidade de trabalho). Os **itens que sofreram menor subida de frequência relativa foi os encetam conversa com os colegas e em situação de pequeno grupo coopera com os colegas da turma** (observado apenas mais 1 vez do que na 1ª unidade de trabalho).

Quadro26

Item que registou maior descida de frequência relativa
25. Responde negativamente aos pedidos dos colegas.

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho** para as **habilidades sociais** observou-se que em **pequeno grupo** o **item que mostrou descida** foi o *responde negativamente aos pedidos dos colegas* (observou-se uma descida de 2 vezes a menos do que na 1ª unidade de trabalho).

Quadro27

Item que manteve igual frequência relativa
Nenhum

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho** para as **habilidades sociais** observou-se que em **pequeno grupo** não se registaram **itens que mantivessem igual frequência relativa**.

Comparação entre Unidades de Trabalho para as habilidades sociais - Grande grupo

Quadro28

Item que sofreu maior subida de frequência relativa	Item que sofreu menor subida de frequência relativa
7. Convida outros para participarem nas atividades;	19. elogia os colegas.

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho** para as **habilidades sociais** observou-se que em **grande grupo** o **item que sofreu maior subida de frequência relativa** foi o *convida outros para participarem nas atividades* (registou-se uma subida de 7 vezes mais observado). O **item que sofreu menor subida de frequência relativa** foi o *que se refere ao elogia os colegas* (observado apenas mais 1 vez do que na 1ª unidade de trabalho).

Quadro29

Item que registou maior descida de frequência relativa
25. Responde negativamente aos pedidos dos colegas.

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho** para as **habilidades sociais** observou-se que em **grande grupo** o **item que mostrou descida** foi o *responde*

negativamente aos pedidos dos colegas (observou-se uma descida de 1 vez em relação à 1ª unidade de trabalho).

Quadro30

Item que manteve igual frequência relativa
Nenhum

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho** para as **habilidades sociais** observou-se que em **grande grupo** não se registaram **itens que mantivessem igual frequência relativa**.

Comparação de frequência relativa dos itens entre Grupos e Unidades de trabalho para as habilidades sociais

Quadro31

Item em que a Frequência relativa mais subiu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª unidade de trabalho	
Pequeno grupo	Grande grupo
7. Convida outros para participarem nas atividades;	29. Dá-se bem com maioria os colegas da turma;

Observou-se que os **Itens em que a frequência relativa mais subiu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª unidade de trabalho** foram os seguintes: em **pequeno grupo** foi *convida outros para participarem nas atividades* e em **grande grupo** foi *dá-se bem com maioria os colegas da turma*.

Quadro32

Item em que a Frequência relativa mais desceu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª unidade de trabalho	
Pequeno grupo	Grande grupo
Não se registaram descidas	Não se registaram descidas

Não foram observadas descidas em **ambos os grupos**, relativamente ao **Item em que a frequência relativa mais desceu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª unidade de trabalho**

Comparação entre Unidades de Trabalho para os comportamentos - Pequeno grupo

Quadro33

Item que registou maior subida de frequência relativa
35.Distrai-se;

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho** para os **comportamentos** observou-se que em pequeno grupo o **item que registou subida de frequência relativa foi o *distrai-se*** (observado 2 vezes mais que na 1ª Unidade de trabalho).

Quadro34

Item que sofreu maior descida de frequência relativa	Item que sofreu menor descida de frequência relativa
36.Interrompe a conversa dos outros.	39.Fica facilmente envergonhado.

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho** para os **comportamentos** observou-se que em **pequeno grupo** registaram-se **descidas nas frequências relativas** nos itens *interrompe a conversa dos outros* (foram observados 2 vezes menos do que na 1ª unidades de trabalho). O **Item que sofreu menor descida de frequência relativa** foi o *fica facilmente envergonhado* (foi observado menos 1 vez relativamente à 1ª unidade de trabalho).

Quadro35

Item que manteve igual frequência relativa
33.Ameaça e goza; 34.Parece solitário; 38.Demonstra ansiedade quando está em situação de grande grupo de crianças; 41.Discute com os outros.

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho** para os comportamentos observou-se que em **pequeno grupo** os **itens que mantiveram igual frequência relativa** foram os seguintes: *ameaça e goza, parece solitário, demonstra ansiedade quando está em situação de grande grupo de crianças e discute com os outros*.

Comparação entre Unidades de Trabalho para os comportamentos

Grande grupo

Quadro36

Item que registou subida de frequência relativa

35.Distrai-se;

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho** para os **comportamentos** observou-se que em **grande grupo** o **item que registou subidas de frequência relativa foi o *distrai-se*** (observou-se 4 vezes mais em cada um relativamente á 1º unidade de trabalho).

Quadro37

Item que sofreu maior descida de frequência relativa	Item que sofreu menor descida de frequência relativa
39. Fica facilmente envergonhado.	33.Amiaça e goza; 34.Parece solitário.

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho** para os comportamentos observou-se que em **grande grupo** o **item que sofreu maior descida de frequência relativa foi o *fica facilmente envergonhado*** (observou-se uma descida de 5 vezes mais). **Os Itens que sofreram menor descida de frequência relativa foram os seguintes: *ameaça e goza e parece solitário*** (observou-se uma descida de 1 vez mais comparativamente à 1º unidade de trabalho).

Quadro38

Item que manteve igual frequência relativa
Nenhum

Na comparação entre as **duas unidades de trabalho** para os **comportamentos** observou-se que em grande grupo não se registaram **itens que mantivessem igual frequência relativa**.

Comparação de frequência relativa dos itens entre Grupos e Unidades de trabalho para os comportamentos

Quadro39

Item em que a Frequência relativa mais subiu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª unidade de trabalho	
Pequeno grupo	Grande grupo
35.Distrai-se	35.Distrai-se

Observou-se que em **ambos os grupos o item em que a Frequência relativa mais subiu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª unidade de trabalho** foi *distrai-se*. No **pequeno grupo** subiu 2 vezes mais e no grande grupo subiu 4 vezes mais em relação à 1ª unidade de trabalho.

Quadro40

Item em que a Frequência relativa mais desceu da 1ª Unidade de trabalho para a 2ª unidade de trabalho	
Pequeno grupo	Grande grupo
36. Interrompe a conversa dos outros.	39. Fica facilmente envergonhado.

Observou-se que **no pequeno grupo o item em que a Frequência relativa mais desceu foi o *interrompe a conversa dos outros*** (desceu 2 vezes mais comparando as unidades de trabalho). **O item em que a Frequência relativa mais desceu no grande grupo foi o *fica facilmente envergonhado*** (desceu 1 vez mais comparando as unidades de trabalho).

Confrontando igualmente os resultados da observação dos **comportamentos** do aluno nas **duas unidades de trabalho** mostram que tanto no **pequeno grupo como no grande grupo o comportamento** mais observado foi *distrai-se*.

4.1.2. Análise das entrevistas

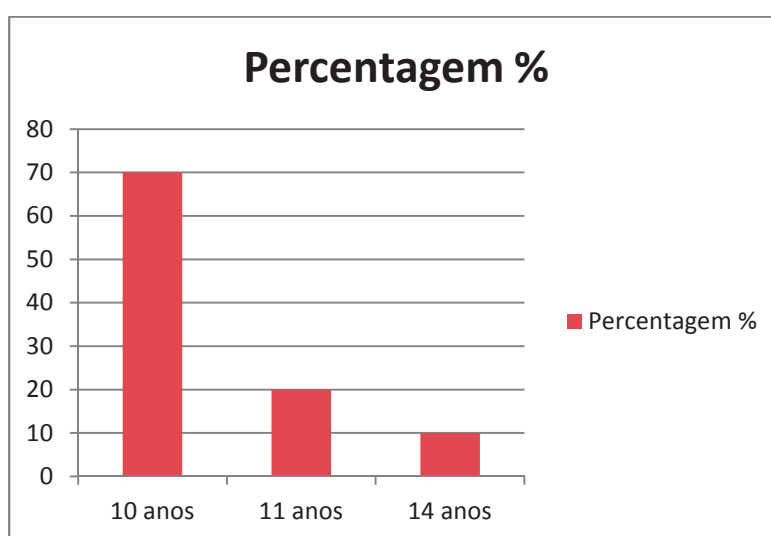
(Quivy, R. Campenhoudt, L. 1998) refere que a investigação qualitativa tem como objetivo o entendimento do significado ou da tradução dada pelos próprios sujeitos inquiridos, com frequência e de modo implícito, aos acontecimentos que lhes dizem respeito e aos comportamentos que exteriorizam. Através da entrevista consegue-se perceber mais corretamente a opinião que os alunos têm sobre a importância que atribuíam à Expressão Plástica na escola e ao fascínio pela sua prática; sobre os seus efeitos educativos e sociais; as suas opiniões relativamente à prática da Expressão Plástica em contexto curricular obrigatório; qual a ideia que tem em relação à diferença, à Inclusão desses alunos na turma, e a relação sócio afetiva que possuem ou podem possuir com as crianças com Necessidades Educativas Especiais.

Assim, de uma forma qualitativa e descritiva consegui ver os pontos de vista, as opiniões e as alternativas que gostariam de verificar neste contexto.

Responderam às questões 10 alunos das duas turmas, sendo escolhidos de forma aleatória 5 de cada turma.

Segundo (Quivy, R. Campenhoudt, L. (1998), só a partir do momento em que analisamos o material já recolhido é que podemos falar em dados da investigação. Os dados de investigação só serão considerados como tal depois de serem tratados, depois de organizadas todas as transcrições. Neste trabalho de investigação, as entrevistas foram anotadas, posteriormente foram descritas de questão em questão pelos 5 entrevistados de cada turma de forma a se poderem comparar facilmente as respostas.

Gráfico I - Constituição da Amostra por Idade da totalidade da amostra



Tive em conta o Gráfico I, constituição da amostra segundo a idade dos entrevistados, verifiquei que o intervalo de idades é entre os 10 e os 14 anos. Sendo a idade mais representada os 10 anos (70%) e verificando-se apenas 2 crianças com 11 anos (20%) e 1 criança com 14 anos (10%).

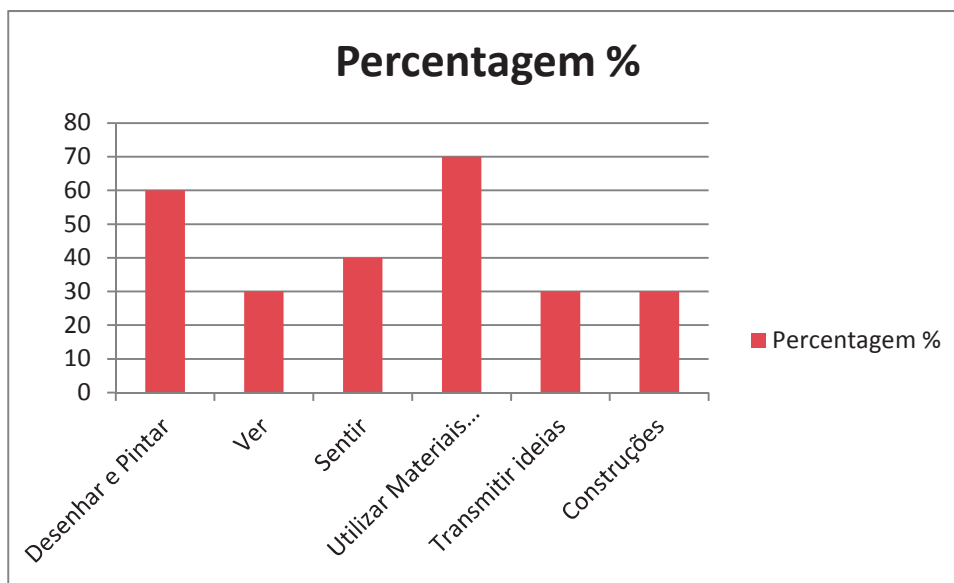
Pergunta 1: O que é a Expressão Plástica?

Tabela1 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 1

Categoria	Número de Ocorrências	Percentagem %
Desenhar e Pintar	6	60
Ver	3	30
Sentir	4	40
Utilizar Materiais diferentes	7	70
Transmitir ideias	3	30
Construções	3	30

A tabela 1 apresenta as **categorias** referidas pelos alunos das duas turmas. Na **turma A** as categorias referidas com maior frequência foram **“Desenhar e Pintar”** e **“Utilizar Materiais diferentes”**. Na **turma B** as categorias referidas com maior frequência foram **“Sentir”**, **“Utilizar Materiais diferentes”** e **“construções”**.

Gráfico II – O que os alunos entendem por Expressão Plástica



Quando questionados sobre o que é Expressão Plástica, a maioria dos alunos (70%) consideraram expressão plástica utilizar **materiais diferentes**, seguindo-se os que a definem como **desenhar e pintar** com 60%, e logo seguidos por aqueles que acham que é **sentir** com 40%. Com igual percentagem (30%) os alunos definem expressão plástica como **ver, transmitir ideias ou construções**.

Numa análise de gráfico II, verifiquei que a tendência dos alunos foi definir Expressão Plástica como a manifestação de prazer ao desenhar ou ao pintar, através da multiplicidade de materiais e técnicas que o adulto lhe coloca ao dispor, como referiu a Aluno9: “A Expressão Plástica é desenhar ou pintar o que vimos e o que sentimos com vários materiais.”

Pergunta 2: Como seria para ti a escola se não existisse a disciplina de Educação Visual e Tecnológica? Porquê?

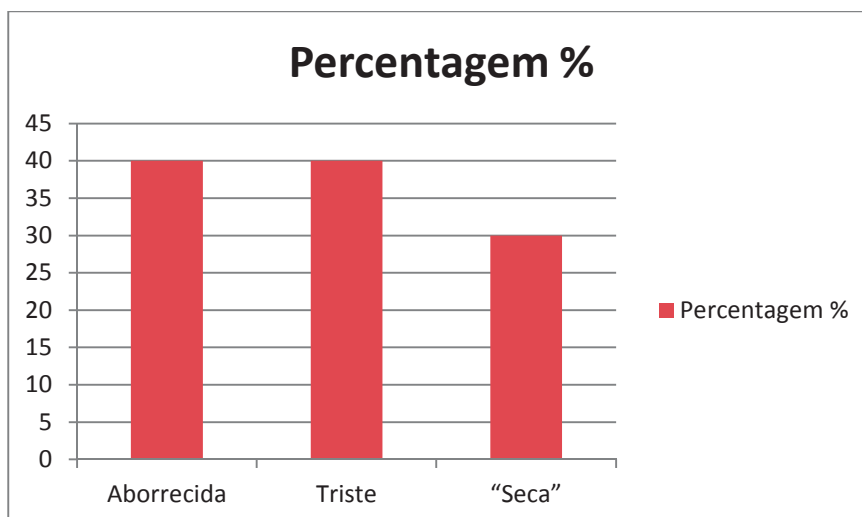
Tabela 2 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 2

Categoria	Número de Ocorrências	Percentagem %
-----------	-----------------------	---------------

Aborrecida	2	40
Triste	3	40
“Seca”	3	30

A tabela 2 apresenta as **categorias** referidas pelos alunos das duas turmas. Na **turma A** a categoria referida com maior frequência foi “Triste”. Na **turma B** a categoria referida com maior frequência foi “Seca”.

Gráfico III – Como seria a escola sem a área artística de Educação Visual e Tecnológica



Ao observar o gráfico III constatei que, 40% dos alunos consideraram que a escola se tornaria **triste** sem a existência da área artística de Educação Visual e Tecnológica no Currículo Nacional do Ensino Básico. Também 40% dos alunos pensaram que se tornaria **Aborrecida** sem a existência da mesma no Currículo Nacional. Seguidamente 30% dos alunos consideraram que a escola ficaria **“Seca”**.

Nesta análise de gráfico, levou-me a pensar que a área artística de Educação Visual e Tecnológica pressupõe uma dinâmica de aula que vai ao encontro dos interesses dos alunos. O estímulo de competências empreendedoras de produção/criação de objetos utilitários, buscando materiais e suportes diversos, constitui um laboratório de experiências muito atrativo para os alunos.

Pergunta 3 – Quando realizas trabalhos na disciplina de Educação Visual e Tecnológica tentas exprimir graficamente as tuas ideias e interesses? De que forma exprimes essas ideias e interesses?

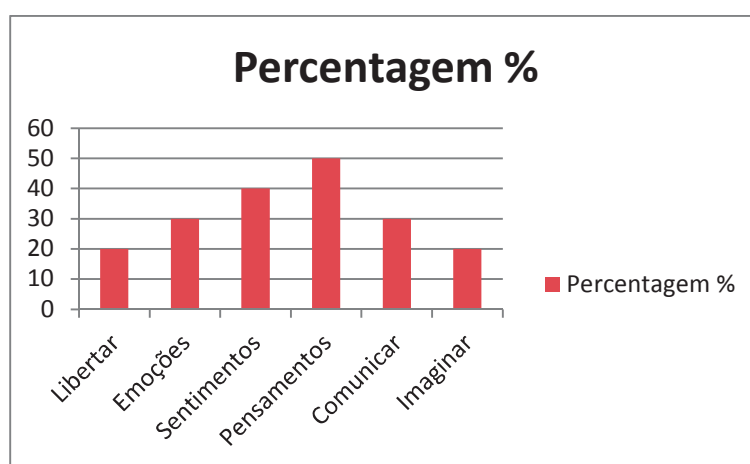
Tabela 3 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 3

Categoria	Número de Ocorrências	Percentagem %
-----------	-----------------------	---------------

Libertar	2	20
Emoções	3	30
Sentimentos	4	40
Pensamentos	5	50
Comunicar	3	30
Imaginar	2	20

A tabela 3 apresenta as **categorias** referidas pelos alunos das duas turmas. Na **turma A** a categoria referida com maior frequência foi “Emoções”. Na **turma B** a categoria referida com maior frequência foi “Pensamentos”.

Gráfico IV – Como costumam exprimir graficamente as suas ideias e seus interesses durante a realização dos projetos na disciplina de Educação Visual e Tecnológica



Ao observar o gráfico IV comprovei que 50% dos alunos tentam exprimir graficamente os seus **pensamentos** ao realizarem os trabalhos na área artística de Educação Visual e Tecnológica. 40% Dos alunos referiram que exprimem graficamente os seus **sentimentos**. 30% Dos alunos exprimem as suas **emoções** e tentam **comunicar** graficamente. 20% Dos alunos referiram que manifestam a sua **imaginação** e é uma forma de se **libertarem**.

Nesta análise de gráfico IV, levou-me a inferir que a área plástica de Educação Visual e tecnológica é um espaço de liberdade que permite ao individuo a partilha de sentimentos, emoções e uma linguagem de pensamentos.

As atividades gráficas e plásticas representam uma autêntica linguagem para as crianças. Ensinam a desenvolver as habilidades motoras das crianças, dão mais liberdade de expressão e enriquecem o seu mundo. O contato com diferentes materiais estimula as suas ideias e a sua expressividade.

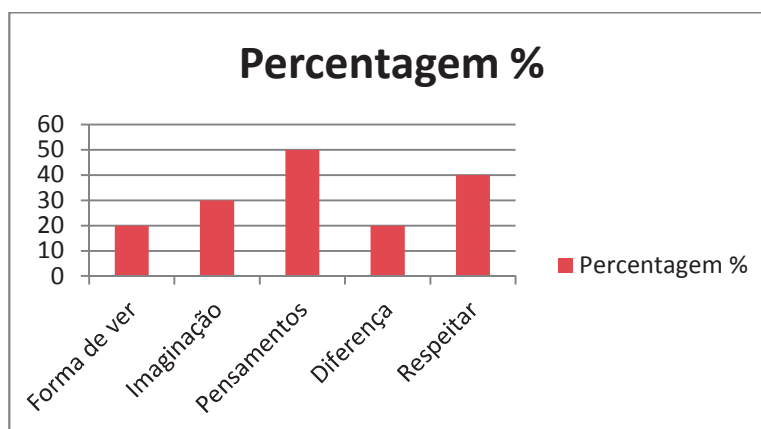
Pergunta 4: Consideras que todos têm ideias interessantes nos diferentes projetos realizados na disciplina de Educação Visual e Tecnológica? Porquê?

Tabela 4 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 4

Categoria	Número de Ocorrências	Percentagem %
Forma de ver	2	20
Imaginação	3	30
Pensamentos	5	50
Diferença	2	20
Respeitar	4	40

A tabela 4 apresenta as **categorias** referidas pelos alunos das duas turmas. Na **turma A** as categorias referidas com maior frequência foram “Forma de ver” e “Imaginação”. Na **turma B** a categoria referida com maior frequência foi “Pensamentos”.

Gráfico V – Opinião dos alunos relativamente às ideias dos colegas



Quando questionados sobre o interesse das ideias dos colegas, 50% dos alunos consideraram que os **pensamentos** dos colegas têm interesse na dinamização dos projetos da disciplina, seguindo-se 40% que acharam que devem **respeitar** as ideias dos colegas. 30% Julgam que a **imaginação** também tem interesse. 20% Acham que a **forma de ver** é igualmente interessante para os projetos dinamizados. Também 20% consideram importante o respeito pela **diferença** e a singularidade.

Nesta análise de gráfico V, levou-me a inferir que a afirmação da singularidade de cada um perante o coletivo, promove e facilita a sua expressão podendo tornar-se importante para a aceitação na turma.

Levou-me a pensar que os alunos dão importância ao que cada um pensa. Refletem no modo como pensam, no que pensam e no que produzem com o pensamento.

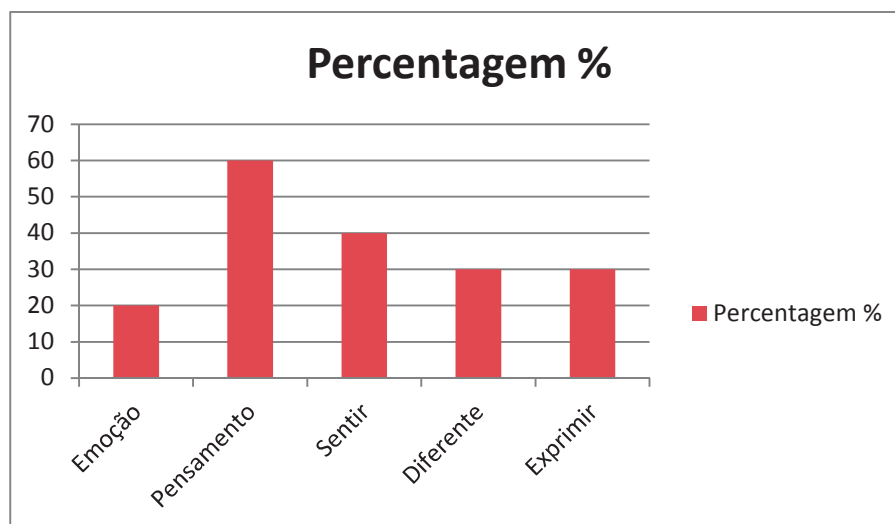
Pergunta 5: Achas que podem existir desenhos/pinturas mal feitas? Que não tem qualidade nem expressividade? Porquê?

Tabela 5 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 5

Categoria	Número de Ocorrências	Percentagem %
Emoção	2	20
Pensamento	6	60
Sentir	4	40
Diferente	3	30
Expressar	3	30

A tabela 5 apresenta as **categorias** referidas pelos alunos das duas turmas. Na **turma A** as categorias referidas com maior frequência foram “**Pensamento**” e “**Diferente**”. Na **turma B** as categorias referidas com maior frequência foram “**Pensamento**” e “**Sentir**”.

Gráfico VI – Opinião dos alunos relativamente à qualidade e expressividade dos trabalhos dos colegas



Quando interrogados sobre a sua opinião relativamente à qualidade dos trabalhos dos colegas, 60% dos alunos consideraram que os pensamentos transmitidos são importantes para qualidade e expressividade do trabalho dos colegas, seguindo-se 40% julgam os sentimentos expressados importantes para a qualidade e expressividade dos trabalhos dos colegas. 30% Pensam que a diferença é importante para a qualidade da expressividade. Também 30% julgam essencial a forma de exprimir na qualidade dos

trabalhos. 20% Achem que as emoções são igualmente relevantes para determinar a qualidade e expressividade dos trabalhos.

Nesta análise de gráfico VI, levou-me a inferir que na infância, é preciso considerar a arte sob o prisma da experiência significativa e expressiva e não sob o prisma da estética. A atividade artística na infância é uma forma de comunicação, é a seleção de aspetos do meio em que a criança vive. Portanto, a importância da arte para a criança acontece à medida que contribui para os processos de pensamento e de desenvolvimento perceptual, emocional, afetivo, social e criativo.

A Expressão Plástica facilita a exploração e o desenvolvimento da criatividade, servindo para descobrir a emoção estética que reside, justamente, na satisfação que experimentamos por nos sentirmos capazes de explorar ao máximo as nossas capacidades inatas de percepção.

Pergunta 6: Achas que através do desenho consegues conhecer os teus colegas?

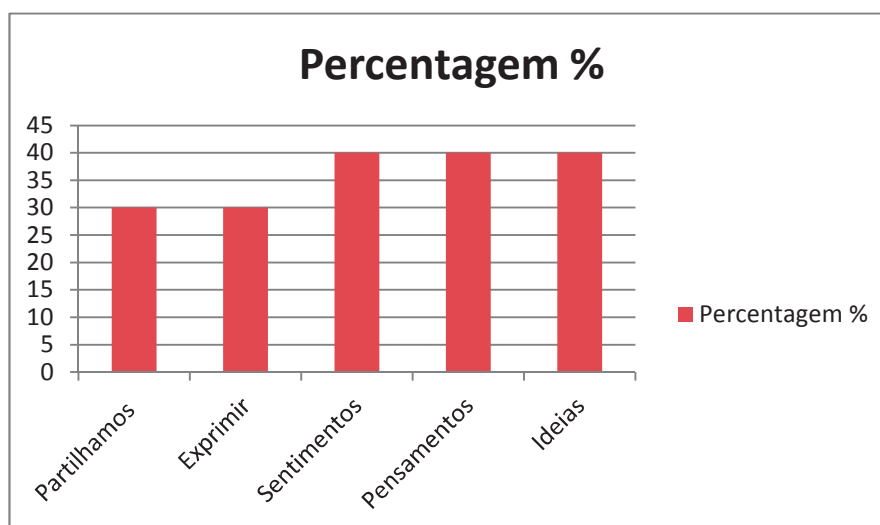
Como se manifestam?

Tabela 6 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 6

Categoria	Número de Ocorrências	Percentagem %
Partilhamos	3	30
Expressar	3	30
Sentimentos	4	40
Pensamentos	4	40
Ideias	4	40

A tabela 6 apresenta as **categorias** referidas pelos alunos das duas turmas. Na **turma A** a categoria referida com maior frequência foi “Pensamentos”. Na **turma B** a categoria referida com maior frequência foi “Ideias”.

**Gráfico VII – Conhecer os colegas a partir da manifestação de interesses através
desenho**



Ao observar o gráfico VII comprovei que 40% dos alunos julgam conhecer os colegas a partir da manifestação **de sentimentos** nas suas criações plásticas. Também 40% julgam conhecer os colegas a partir da manifestação de **pensamentos**, e ainda 40% acham conhecer os colegas a partir do desenho de **ideias**. 30% Dos alunos referiram que a **partilha durante os projetos** aumenta a possibilidade de conhecer os colegas e por último 30% disseram que a **expressividade** nos desenhos também permite conhecer os colegas.

Nesta análise de gráfico VII, levou-me a inferir que a área artística facilita as interações sociais, a aproximação entre os alunos, como refere o aluno3 “...porque partilhamos ideias, pensamentos nos trabalhos e durante a realização dos mesmos.”

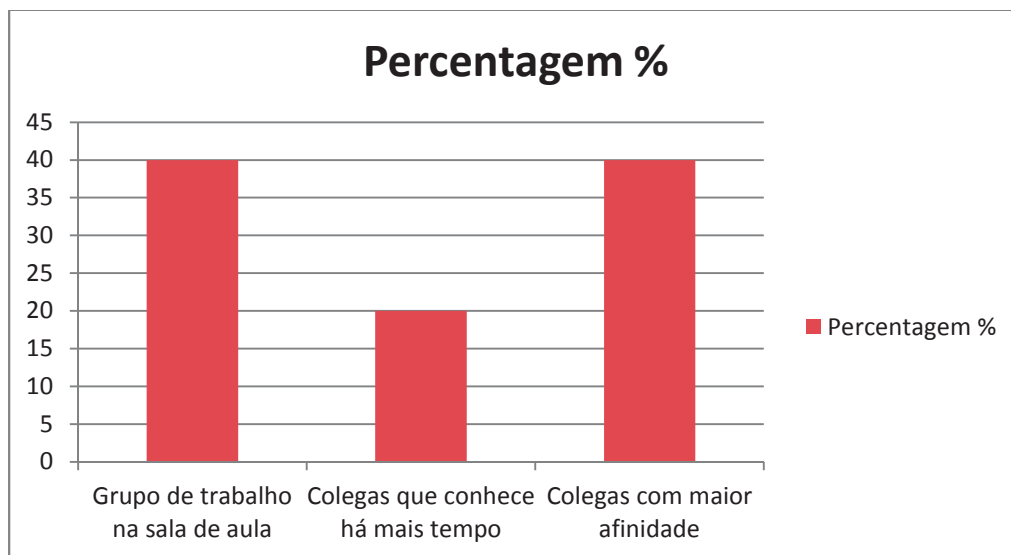
Pergunta 7: Nos projetos dinamizados pelo grupo turma cooperas com os teus colegas? Que tipo de colegas?

**Tabela 7 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da
pergunta 7**

Categoria	Número de Ocorrências	Percentagem %
Grupo de trabalho na sala de aula	4	40
Colegas que conhece há mais tempo	2	20
Colegas com maior afinidade	4	40

A tabela 7 apresenta as **categorias** referidas pelos alunos das duas turmas. Os alunos de ambas as **turmas** referiram com maior frequência as categorias “**grupo de trabalho na sala de aula**” e “**colegas com maior afinidade**”.

Gráfico VIII – Qual o tipo de colegas com que habitualmente coopera nos projetos da disciplina de Educação Visual e Tecnológica



Quando interrogados sobre o tipo de colegas que habitualmente coopera nos projetos da disciplina de Educação Visual e Tecnológica, 40% diz que coopera com os **colegas do seu grupo de trabalho**. 20% Refere que coopera com os colegas que **conhece há mais tempo**. 40% Menciona que coopera como os **colegas com maior afinidade**.

É de salientar que a disposição da sala de trabalho se encontra em grupos de quatro elementos. Assim na análise do gráfico VIII, levou-me a inferir que a aprendizagem cooperativa é considerada um dos instrumentos importantes no combate à discriminação social e fator de motivação para a aprendizagem e para a melhoria do rendimento académico de todos os alunos. Considerei por isso uma estratégia eficaz quando se pretendeu promover a igualdade de oportunidades e a dimensão intercultural da educação. Pôde também ter funcionado como modelo de aprendizagem da cidadania democrática e semente de coesão social, uma vez que ‘elege’ a heterogeneidade e o trabalho entre pares como formas privilegiadas de reduzir estereótipo e preconceito, ao proporcionar o conhecimento do outro, nas suas diferenças e semelhanças, na experimentação de um percurso e na construção de um propósito comum.

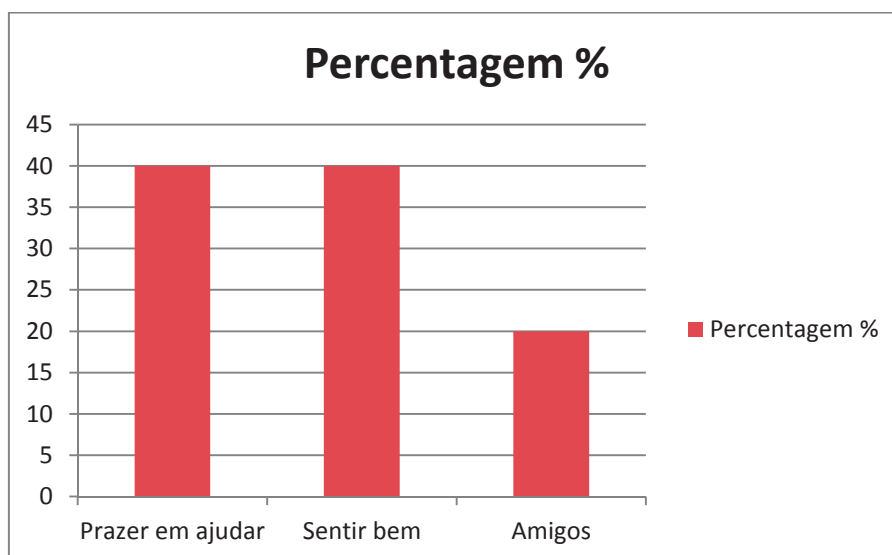
Pergunta 8: Costumas ter iniciativa para ajudar os teus colegas que tem mais dificuldades na realização dos trabalhos da disciplina de Educação Visual e Tecnológica? Porquê?

Tabela 8 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 8

Categoria	Número de Ocorrências	Percentagem %
Prazer em ajudar	4	40
Sentir bem	4	40
Amigos	2	20

A tabela 8 apresenta as **categorias** referidas pelos alunos das duas turmas. Os alunos da **turma A** mencionaram a categoria “**prazer em ajudar**” com maior frequência. A **turma B** citou as categorias “**sentir bem**” e “**amigos**” com maior frequência.

Gráfico IX – O que leva o aluno a ter iniciativa para ajudar os colegas com dificuldades



Ao observar o gráfico IX comprovei que 40% ajuda os colegas pelo fato de se **sentir bem**. 40% Fá-lo por **prazer em ajudar** e 20% menciona que o faz porque são todos **amigos**.

Na análise do gráfico IX, levou-me a inferir que esta área artística é uma área de partilha de conhecimentos e sentimentos. Desempenha um papel facilitador do desenvolvimento/integração de pessoas com necessidades educativas especiais, porque a maior parte dos alunos ajuda os colegas para se sentir bem ou pelo simples prazer de ajudar.

Na minha perspectiva, a atitude das crianças pequenas é assim. Elas não se importam com nível social, religião, raça, cor ou riqueza das outras crianças. Elas brincam juntas, são colegas de verdade, desde que sejam amigáveis umas com as outras.

A fomentação da criatividade e da motivação à expressão, a qual tem a finalidade de tornar a experiência importante e significativa, acontece em ambientes flexíveis. Neste espaço a criança com Necessidades Educativas Especiais elabora e põe em prática as suas ideias, coletiva ou individualmente, sem que seja reprimida na sua forma de trabalhar. No campo artístico, a orientação educacional dá-se em função da estimulação para a descoberta de si e para a profundidade da expressão, mediada pelo diálogo coletivo e colaborativo e num ambiente aberto para a criação.

Pergunta 9: O trabalho que realizas na disciplina de Educação Visual e Tecnológica aumenta a tua autoestima? Explica o motivo que leva a melhorar a tua autoestima? O que melhora na tua maneira de ser?

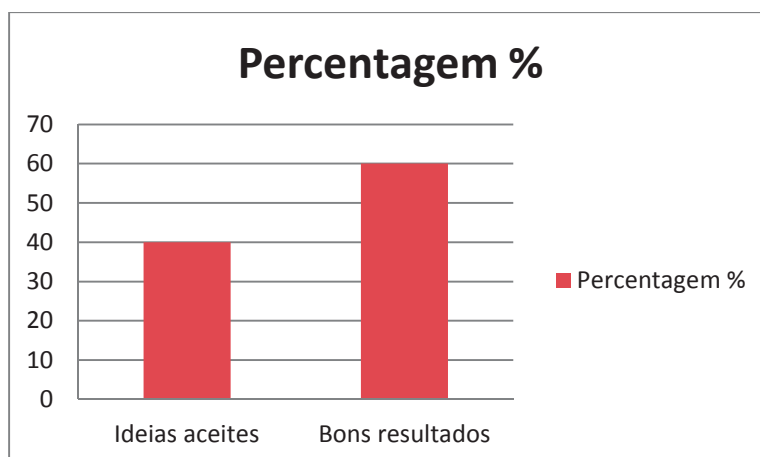
Tabela 9 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 9

Motivos que aumentam a autoconfiança

Categoria	Número de Ocorrências	Percentagem %
Ideias aceites	4	40
Bons resultados	6	60

A tabela 9 apresenta as **categorias** referidas pelos alunos das duas turmas. A **turma A** mencionou a categoria “**ideias aceites**” com maior frequência. A **turma B** citou a categoria “**bons resultados**” com maior frequência.

Gráfico X – Motivos na opinião dos alunos que levam ao aumento da sua autoestima na disciplina de Educação Visual e Tecnológica.



Ao observar o gráfico X confirmei que 60% dos alunos dizem que o aumento da sua autoestima deve-se aos **bons resultados**. 40% Referem que o aumento da sua autoestima deve-se ao fato das suas **ideias serem aceites** pelos colegas.

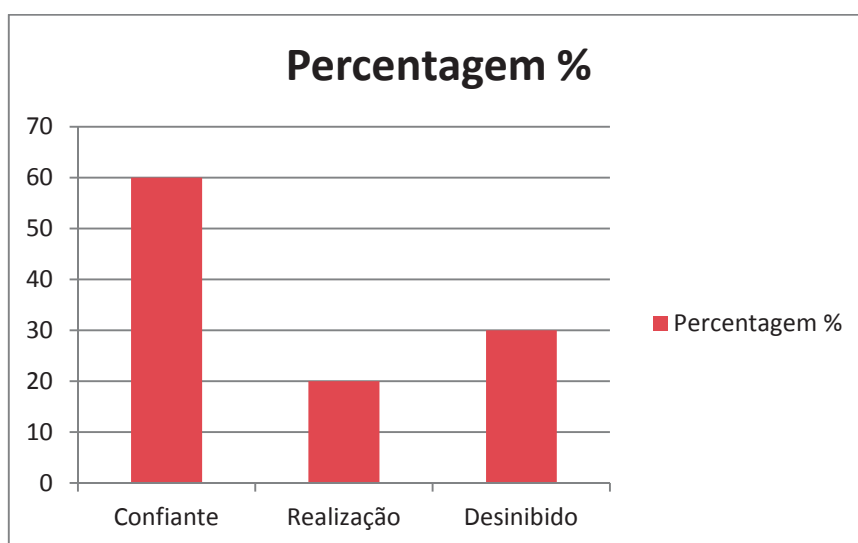
Tabela 10 – Percentagem do número de ocorrências para cada categoria da pergunta 9

A influência da disciplina de Educação Visual e Tecnológica nas suas atitudes

Categoria	Número de Ocorrências	Percentagem %
Confiante	6	60
Realização	2	20
Desinibido	3	30

A tabela 10 apresenta as **categorias** referidas pelos alunos das duas turmas. Os alunos da **turma A** mencionaram as categorias “**confiante**” e “**desinibido**” com maior frequência. A **turma B** citou a categoria “**confiante**” com maior frequência.

Gráfico XI – A opinião dos alunos relativamente à influência da disciplina nas suas atitudes



Ao observar os gráficos X e XI comprovei que 60% dos alunos ficam mais **confiantes**. 30% Referem que ficam mais **desinibidos**. 20% Açam que aumenta a sua **realização** pessoal.

Nesta análise de gráficos, levou-me a inferir que a disciplina de Educação Visual e Tecnológica. é um território de prazer, um espaço de liberdade, de vivência lúdica, capaz de proporcionar a afirmação do indivíduo reforçando a sua autoestima e a sua

coerência interna, fundamentalmente pela capacidade de realização e consequente reconhecimento pelos seus pares.

Importa aqui, também, referir o papel que o professor assume. Assim ao estimular a experiência estética da criança, o docente estará a fomentar a expressão livre, o que pesa sobremaneira na vertente afetiva e relacional dos alunos. Ao serem estimulados a exprimir-se livremente em momentos de contemplação e de criação, intensifica-se a consolidação da sua autoconfiança e da sua autoestima, o que se traduz numa maior eficácia das relações interpessoais, pois tornar-se-ão mais seguros de si e cooperantes.

4.1.3. Análise dos questionários

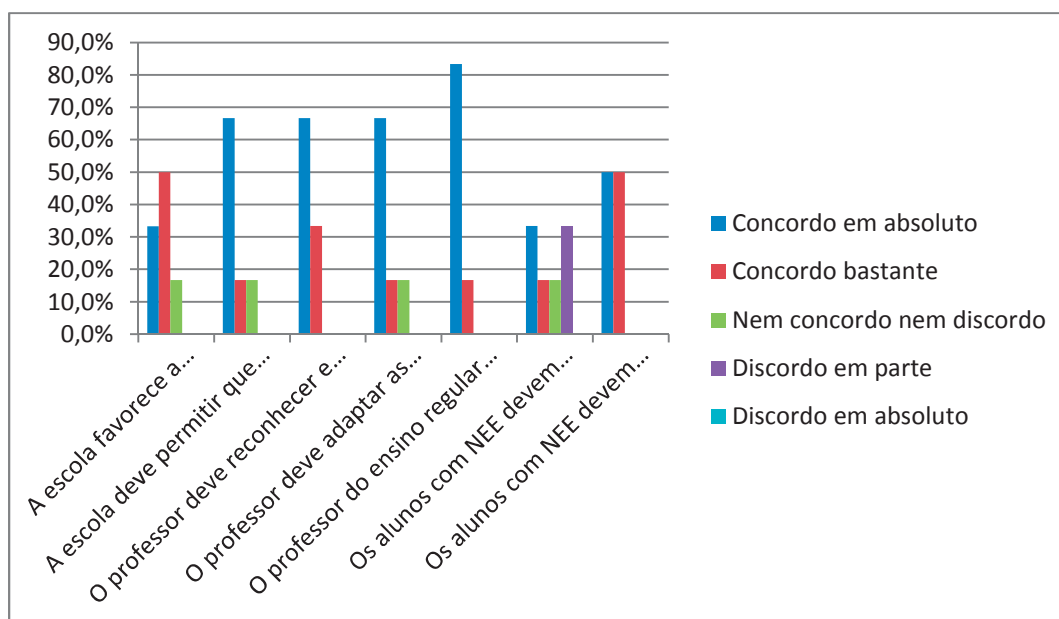
A recolha dos dados deste trabalho de investigação incidiu sobre Professores da área artística plástica através de um inquérito por questionário. Foram inquiridos 6 professores (total de professores do agrupamento de Serpa). Foram entregues 6 questionários em formato de papel A4.

Como foram recolhidos 6 no total, dá uma percentagem de recuperação de 100 %. Dado que o questionário é composto por 2 questões e a primeira aparece fragmentada em cinco áreas.

Após a receção dos questionários distribuídos pelos vários docentes foi feita a análise dos instrumentos de avaliação, a apresentação dos resultados será apresentada através de alguns gráficos e de tabelas para favorecer a compreensão e interpretação.

- **Caraterização dos inquiridos** (conforme anexo3 por se considerar menos representativo)
- **Práxis**

Gráfico XII - Conhecimento de conceitos sobre educação inclusiva



Da análise das frequências e percentagens das respostas do Gráfico XII, verificámos que 66,6% do Professores inquiridos concordam em absoluto que a escola permita a todos os alunos uma aprendizagem conjunta independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem, que o professor deve reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos e que deve também adaptar as atividades de forma a responder eficazmente às necessidades dos alunos o que pressupõe que existe uma boa perceção das necessidades dos alunos.

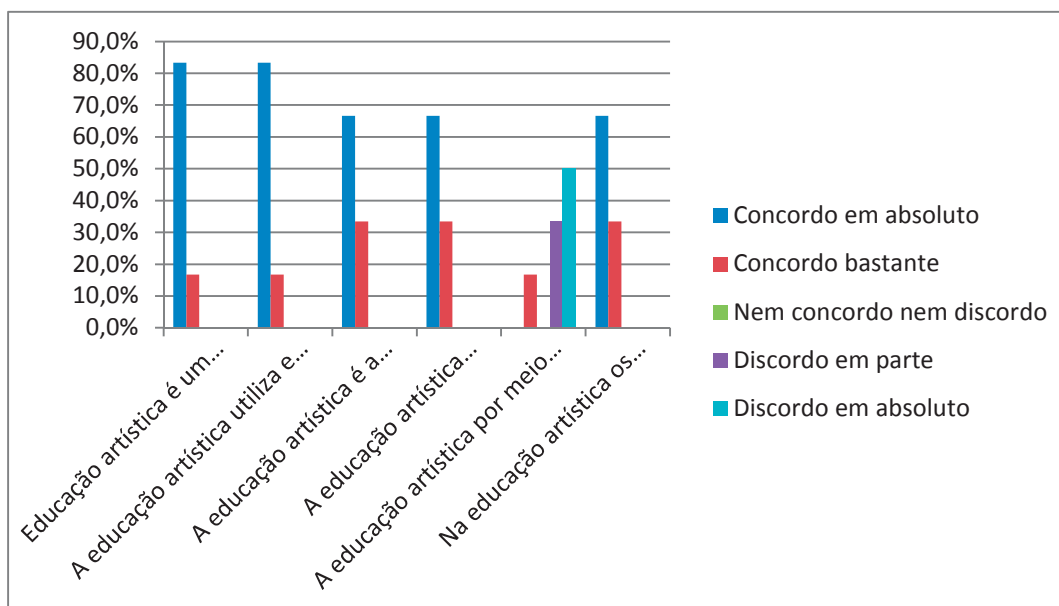
A sexta afirmação “os alunos com Necessidade Educativas Especiais devem realizar sempre os mesmos projetos que os colegas” não reúne consenso. 33,4% Dos Professores inquiridos concorda em absoluto com a afirmação, mas também, a mesma percentagem de Professores discorda da mesma asserção.

A última afirmação é a que reúne maior consenso, a totalidade dos Professores inquiridos concorda em absoluto ou concorda bastante com a asserção.

De salientar o posicionamento de 83,3% dos professores em “concordo em absoluto” e 16,7% em “concordo bastante” relativamente à afirmação, “O professor do ensino regular deve realizar um trabalho cooperativo com o professor de educação especial”. As posições “nem concordo nem discordo”, “discordo em parte” e “discordo em absoluto” não foram assinaladas por nenhum dos inquiridos, o que é manifestamente positivo, atendendo a que durante muito tempo, os docentes estiveram de costas voltadas, face à presença de dois sistemas de ensino distintos.

Nesta análise de gráfico, levou-me a pensar que os Professores inquiridos tem a percepção que a escola deve, com efeito, estar aberta à diferença dos alunos aceitando-os e respeitando-os, munindo-se de recursos humanos, materiais e didáticos necessários a uma resposta adequada a este tipo de problemas e que para isso é, por vezes, necessário efetuar mudanças ao nível da organização, estrutura e metodologia.

Gráfico XIII - Conhecimento de conceitos sobre Educação Artística



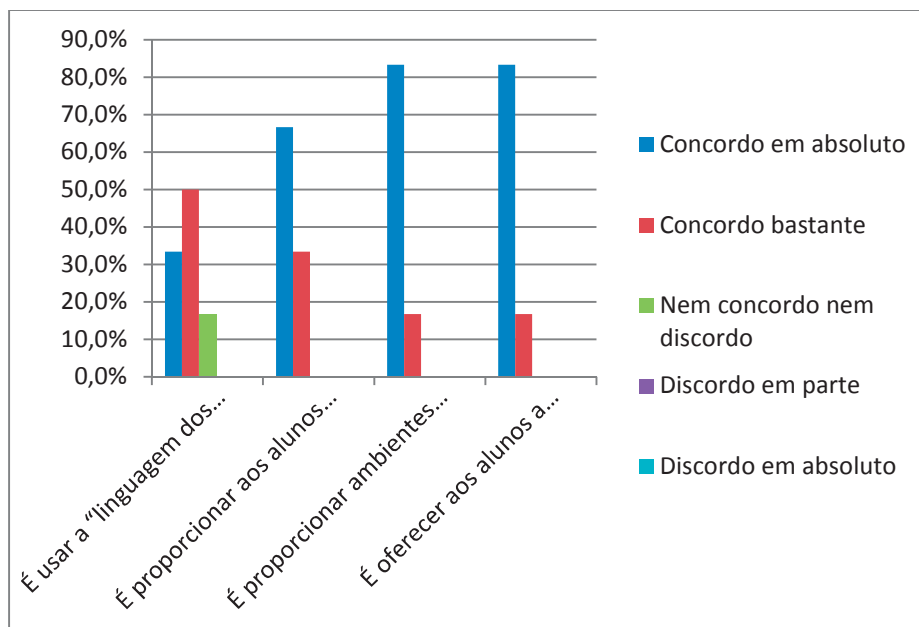
Da análise das frequências e percentagens das respostas do Gráfico XIII, verificámos que 83,3% dos Professores inquiridos concordam em absoluto que a Educação Artística é um espaço de cooperação e partilha de sentimentos, pensamentos e emoções e que utiliza e aperfeiçoa processos que desenvolvem a expressão e a comunicação, a criatividade, a observação, o raciocínio, o controlo gestual.

Apurámos igualmente que 66,6% dos Professores inquiridos concordam em absoluto que a Educação Artística é a “educação dos sentidos” e proporciona ao educando um ambiente favorável à participação em experiências, processos e desenvolvimentos criativos.

De salientar o posicionamento de 50% dos professores em “discordo em absoluto”, 33,4% em “discordo em parte” e 16,7% em “concordo bastante” relativamente à afirmação, “A educação artística por meio da Expressão Plástica apenas aprofunda conhecimentos na área plástica”. A posição “concordo em absoluto” não foi assinalada por nenhum dos inquiridos, o que é manifestamente positivo, atendendo a que a Educação Artística proporciona a criação e a expressão, pela vivência e prazer do

património cultural e artístico, contribuindo para o apuramento da sensibilidade e constituindo, igualmente uma área de reconhecida importância na formação pessoal em diversas dimensões – cognitiva, afetiva e comunicativa.

Gráfico XIV - Opinião dos docentes quanto à integração de alunos com Necessidades Educativas Especiais na área artística plástica



Da análise das frequências e percentagens das respostas do Gráfico XIV, verificámos que 83,3% dos Professores inquiridos concordam em absoluto que integrar alunos com Necessidades Educativas Especiais na área artística plástica é proporcionar ambientes favoráveis à criação e oferecer aos alunos a oportunidade de manipularem diretamente os materiais de comunicação e expressão.

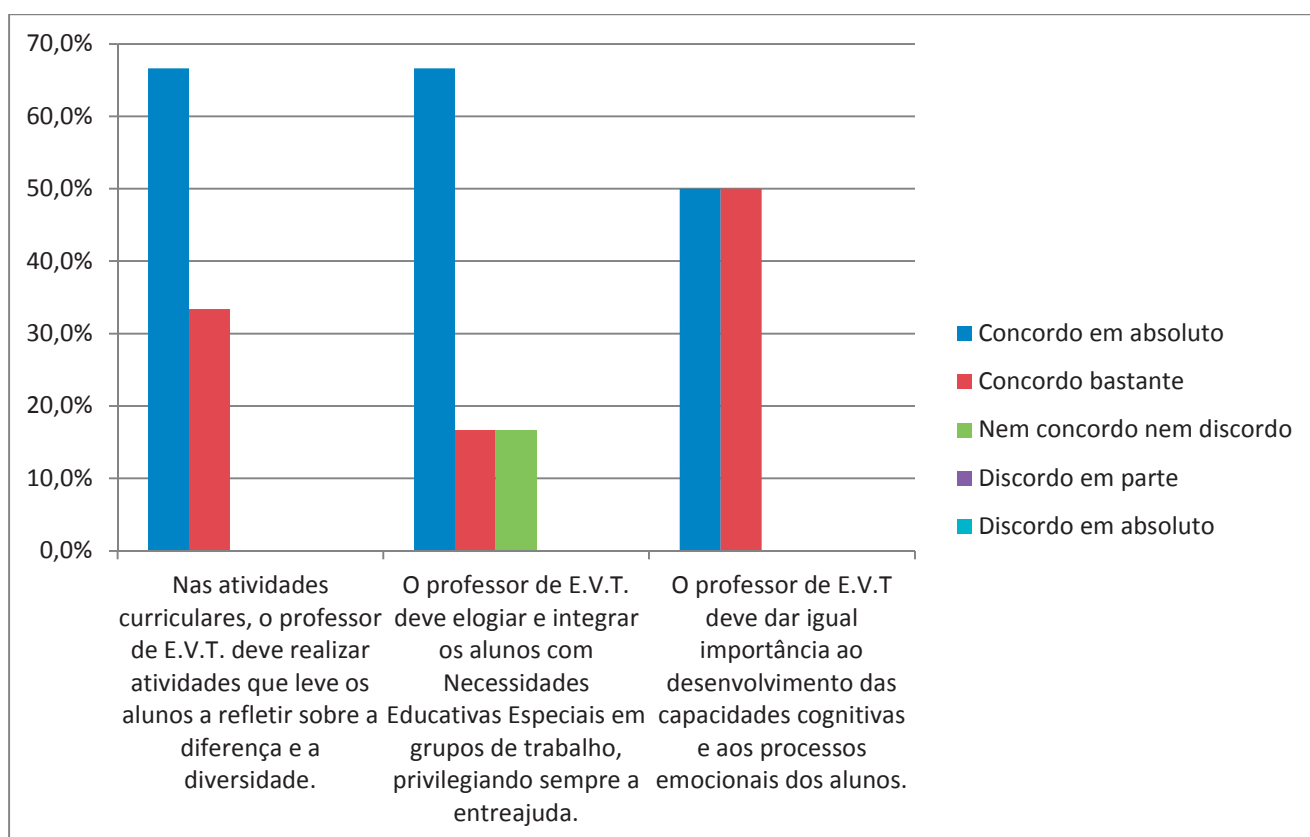
A primeira afirmação é a que reúne maior consenso, a totalidade dos Professores inquiridos concorda em absoluto ou concorda bastante com a asserção. Deste modo, consigo inferir que a educação por meio da área artística plástica permite potenciar as capacidades dos sentidos através de processos que permitam “inovar o olhar”, numa perspetiva de integração da identidade do educando no dinamismo da percepção sensível da realidade envolvente, e fornecendo critérios para interpretar simbolicamente a realidade envolvente.

Na minha opinião, quanto maior for a oportunidade de exercitar os sentidos maior será a oportunidade de aprender, pois todo o conhecimento começa por uma exploração sensorial. O contacto e a manipulação de diferentes materiais e o prazer que estes proporcionam à criança permitem-lhe desenvolver os sentidos e encontrar o equilíbrio.

Certificámos igualmente que 66,6% dos Professores inquiridos concordam em absoluto que Integrar alunos com Necessidades Educativas Especiais na área artística plástica é proporcionar aos alunos práticas e experiências diversificadas que permitam desenvolver capacidades afetivas e cognitivas.

A análise de gráfico levou-me a refletir que as atividades artísticas diversificadas permitem trocas profundas entre os elementos de uma turma, prevenindo o isolamento das crianças com dificuldades. Estes momentos de interação permitem à criança ter consciência dos outros, partilhar, dando e recebendo, o que contribui para uma melhor integração e reajustamento ao meio.

Gráfico XV - Atividades curriculares desenvolvidas pelos docentes da área artística plástica

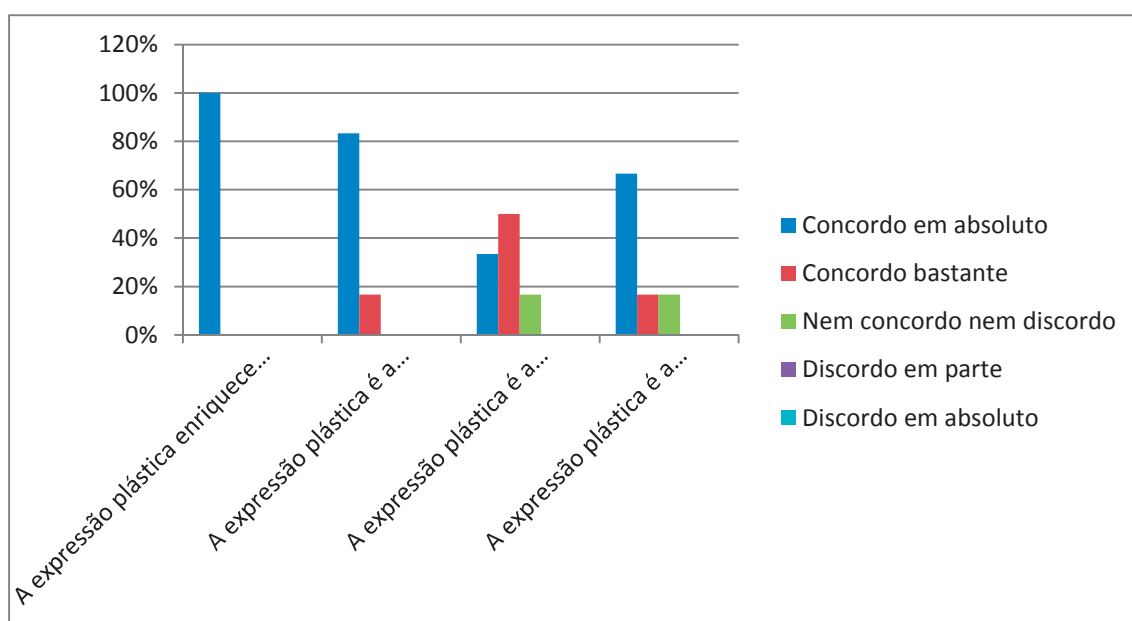


Da análise das frequências e percentagens das respostas do Gráfico XV, verificámos que 66,6% dos Professores inquiridos concordam em absoluto que no decorrer das atividades curriculares, o professor de Educação Visual e Tecnológica deve realizar atividades que leve os alunos a refletir sobre a diferença e a diversidade e deve elogiar e integrar os alunos com Necessidades Educativas Especiais em grupos de trabalho, privilegiando sempre a entreajuda.

Na segunda afirmação apurámos o posicionamento de 66,6% dos professores em “concordo em absoluto” e 16,7% em “concordo bastante” relativamente à afirmação, “o professor de Educação Visual e Tecnológica deve elogiar e integrar os alunos com Necessidades Educativas Especiais em grupos de trabalho, privilegiando sempre a entreaajuda”, o que nos permite concluir que as metodologias de integração destes alunos na disciplina de Educação Visual e Tecnológica é uma prática comum.

A última afirmação é a que reúne maior consenso, a totalidade dos Professores inquiridos concorda em absoluto ou concorda bastante com a asserção.

Gráfico XVI - Opinião dos docentes relativamente ao conceito de Expressão Plástica



Da análise das frequências e percentagens das respostas do Gráfico XVI, verificámos que 100% dos professores inquiridos concorda em absoluto com a primeira afirmação. Leva-nos a crer que os inquiridos valorizam a criação por meio da experiência, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e da participação de uma forma crítica.

Quanto ao conceito de Expressão Plástica valorizando o manuseamento de diferentes materiais plásticos, grande parte dos inquiridos (83,3%) concordam em absoluto e 16,7% concorda bastante. Os docentes encaram a Expressão Plástica como forma de desenvolvimento criativo que potencia a exploração de diferentes materiais e técnicas.

A partir dos dados e tendo em conta o conceito de Expressão Plástica, como forma de produção de obras de arte, verificámos que, 50% dos Professores inquiridos concorda bastante com a afirmação e que 33,4% concorda em absoluto. O que me levou a concluir que grande parte dos inquiridos considera que as crianças se exprimem plasticamente com a finalidade de criar obras de arte.

Na minha perspetiva a criança, quando desenha ou pinta, não o faz com a intenção de criar qualquer obra para ser contemplada ou avaliada por outras pessoas. O objetivo da sua ação criadora não é o desenho ou a pintura em si, mas a libertação do seu inconsciente mais profundo.

Na última afirmação, confirmámos que 66,6% dos inquiridos concorda em absoluto com a afirmação “A Expressão Plástica é a manifestação de ideias, emoções e sentimentos”, 16,7% concorda bastante e, ainda, 16,7% nem concorda nem discorda. O que me permite inferir que grande parte dos inquiridos recolhesse a Expressão Plástica como o modo da criança exteriorizar sentimentos. De facto, e no sentido da perspectiva de vários autores, ainda permanece uma saliente valorização deste domínio, essencialmente, enquanto forma de expressão pessoal (Barbosa, 2002; Hernández, 1997; Errázuriz, 2001). Na minha opinião a comunicação não-verbal, através da Expressão Plástica, favorece a representação do seu mundo interior, oferecendo-lhes uma possibilidade de transmitirem as suas ideias, os seus sentimentos, comunicando, assim, com o exterior.

Assim e de acordo com Gonçalves (1991) a expressão desenvolve na criança a imaginação e a sensibilidade, permite-lhe aprender a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando a autenticidade de cada um ou o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações.

Capítulo5: Análise geral dos dados do estudo

Neste ponto apresentámos, discutimos e analisámos os dados recolhidos nesta pesquisa, confrontámos ideias e opiniões. Expusemos trabalhos dos alunos participantes, realizados durante o tempo em que decorreu o trabalho de campo que, com empenho, alegria, amizade, compreensão, entendimento e aceitação das ideias e atos divergentes,

foram capazes de dar mais um passo no conhecimento e reconhecimento, de que todos temos o direito à diferença e que a realidade em que vivemos é composta por essa diversidade que a cada um de nós compete respeitar, almejando um mundo mais fraterno e solidário. Afinal, como dizia Rômulo de Carvalho

"Ensinar é tornar as coisas mais comuns do mundo em objetos de contemplação e reflexão. Precisamos de transformar tudo o que nos rodeia, tudo o que é estranho - e no entanto parte da nossa realidade - num desejo real de compreender" (cf.1992:11).

Se nesse sentido seguirmos Herbert Read, entendendo que o cultivo da expressividade favorecerá uma mais verdadeira manifestação das potencialidades criativas de cada um, *"E se por esse modo, a descoberta e o conhecimento de nós mesmos se processarem desde a infância, (...) mais a verdade e a liberdade que somos e procuramos se encontram e harmonizam com as dos outros."* (cf. Santos, 1989:29).

Nesta ótica, mais do que atender a um resultado, sempre questionável, procurámos analisar os dados recolhidos numa perspectiva compreensiva tanto advinda do sentido discursivo como do prático-expressivo daqueles que foram os nossos atores neste empreendimento, os pareceres de cada um deles de que revelou o importantíssimo contributo face ao tema central do presente estudo, que se desdobrou num leque de questões com que parti para esta investigação:

- Será que, em turmas de crianças com e sem Necessidades Educativas Especiais, se estabelecem, por meio da Expressão Plástica, relações que desenvolvem nos alunos atitudes de autoestima, respeito mútuo, regras de convivência e ainda promovem valores de tolerância e solidariedade?

A partir desta questão de partida formulamos outras que nos irão ajudar na procura de respostas mais concisas:

- Como se promove as relações interpessoais nas turmas de crianças com necessidades educativas especiais através da Expressão Plástica?

- Como se estabelece as relações interpessoais entre as crianças com Necessidades Educativas Especiais e as outras crianças sem necessidades especiais?

No que se refere às notas de campo (diário de bordo) diversos autores (Bogdan e Biklen, 1994; e Máximo-Esteves, 2008) referem a importância de combinar a análise de dados com a recolha, ou seja, ir analisando e interpretando a informação imediatamente após o

seu registo e, assim, ir refinando e melhorando o processo com o tempo e a acumulação de experiências, até atingir um resultado global no final do trabalho. No nosso caso, este processo foi inerente à metodologia utilizada e ao modelo adoptado, pois todas as atividades acabaram com uma reflexão baseada na análise e na interpretação dos dados recolhidos: com o registo escrito do que era dito e mostrado em cada atividade; Reflexões críticas dos alunos – as suas opiniões, preferências e aprendizagens. Por fim, as notas de campo da investigadora/professora. Sem as conclusões provenientes desta análise e interpretação dos dados recolhidos, não se podia replanificar a atividade seguinte, logo, a recolha e a análise de dados andaram sempre juntas.

De acordo com os registos das notas de campo (anexo9) concluímos que nos momentos de reflexão com os alunos permitiram-nos perceber que a utilização de linguagens de fácil compreensão e aceitação são facilitadoras na afirmação e inclusão pessoal e social. Compreendemos, também, que os trabalhos dos alunos dão facilmente a conhecer as suas vivências, interesses e gostos, independentemente de uns desenharem melhor que outros, como foi notório na reflexão que as turmas fizeram a partir das fichas de autoavaliação, logo no início do ano letivo.

Foi, igualmente, importante perceber através destes registos, que o trabalho de pares é essencial para os alunos no sentido que melhoram as relações entre eles. O respeito pelas ideias de cada um nas relações de amizade deve ser recíproco e permeado em valores verdadeiramente humanos.

A análise das grelhas de observação de comportamentos e atitudes (anexo7 e 8) foi muito importante para obtermos conclusões relativamente a um dos objetivos do estudo: **“Compreender de que forma as crianças com Necessidades Educativas Especiais se relacionam com os seus pares por meio da Expressão Plástica”**.

Na análise comparada de resultados da observação do aluno1 mostraram que as habilidades sociais sofreram uma evolução muito significativa no que se refere ao relacionamento com os colegas da turma. O aluno relacionou-se de forma positiva com a maioria dos colegas e durante as atividades foi o próprio a iniciar conversas. No entanto, foi observado que os progressos do aluno foram mais consistentes em pequeno grupo do que em grande grupo.

Em termos de trabalho desenvolvido, o aluno1, também, avaliou positivamente o seu desempenho e cooperou mais facilmente com os colegas por iniciativa própria em situação de pequeno grupo.

Relativamente ao relacionamento com as professoras, o aluno seguiu frequentemente as instruções e cumpriu as regras estabelecidas em sala de aula. Esta análise foi observada com maior frequência em situação de grande grupo.

Quanto aos comportamentos, concluímos que a evolução positiva que foi observada no relacionamento com os colegas levou a um aumento da distração do aluno durante as atividades e diminuiu o número de vezes que facilmente ficava envergonhado. Estas observações registam-se com maior frequência em grande grupo.

Relativamente ao aluno2 concluímos que em termos de habilidades sociais mostrou uma evolução muito significativa no que se refere ao relacionamento com os colegas da turma. O aluno relacionou-se de forma positiva com a maioria dos colegas e frequentemente incentivava os colegas a participarem nas atividades. No entanto, confrontando os momentos de observação verificou-se que os progressos do aluno, também, são mais sólidos em pequeno grupo do que em grande grupo como no aluno1.

Em termos de trabalho desenvolvido, o aluno 2, fez corretamente as tarefas escolares, aceitou ideias e cooperou com os colegas mais facilmente em situação de grande grupo.

Relativamente ao relacionamento com as professoras, o aluno seguiu frequentemente as instruções e cumpriu as regras estabelecidas em sala de aula. Esta análise foi observada com maior frequência em situação de pequeno grupo.

Quanto aos comportamentos, concluímos que a evolução positiva que foi observada no relacionamento com os colegas, tal como aconteceu com o aluno 1, conduziu a um aumento da distração do aluno durante as atividades e diminuiu o número de vezes que facilmente ficava envergonhado. Estas observações registaram-se com maior frequência em grande grupo.

As observações efetuadas em pequeno e grande grupo permitiram analisar os comportamentos dos dois alunos na sua atmosfera natural, averiguar a sua evolução no relacionamento com os colegas e, ainda, a importância dos grupos para a sua integração na turma. Esta recolha de dados permitiram-nos refletir sobre as características pessoais e desencadear uma atitude reflexiva e crítica sobre o ensino/aprendizagem e sobre as condições do processo de aprendizagem.

O objetivo **“Observar o modo como as crianças se comportam no seu ambiente natural e tentar compreender ao pormenor o desenrolar dos acontecimentos nesse mesmo ambiente”** levantado neste estudo foi, também, ao encontro destas observações. A utilização, neste estudo, das estratégias de trabalho de pares ou de grupo permitiram a observação dos comportamentos dos alunos com Necessidades Educativas Especiais e compreender a influência do ambiente natural para a sua evolução em termos de relações interpessoais.

A investigação realizada pela Agência Europeia para o desenvolvimento da educação das pessoas com Necessidades Educativas Especiais (2003) veio dar, na nossa opinião, maior sustentabilidade às observações efetuadas neste estudo, quando apresentou alguns exemplos de estratégias que puderam ser postas em prática para construir turmas mais inclusivas: o trabalho cooperativo, a intervenção em parceria, a aprendizagem com os pares, o agrupamento heterogéneo e o ensino efetivo (Programa Educativo Individual deve ser organizado com base no currículo comum). Estas estratégias, na nossa óptica, surgem na tentativa de ultrapassar um dos maiores desafios da inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais - problemas de comportamento, sociais e/ou emocionais e, também, para se construir uma verdadeira *diferenciação pedagógica inclusiva*.

Através do resultado das entrevistas (anexo4), pudemos observar que os alunos encaram a Expressão Plástica como a manifestação de prazer ao desenhar ou ao pintar, através da multiplicidade de materiais e técnicas que o adulto lhe coloca ao dispor, como referiu o Aluno9: “A Expressão Plástica é desenhar ou pintar o que vimos e o que sentimos com vários materiais”.

Na análise de gráfico da pergunta 2, levou-nos a deduzir que a área artística de Educação Visual e Tecnológica pressupõe uma dinâmica de aula que vai ao encontro dos interesses dos alunos. O estímulo de competências empreendedoras de produção/criação de objetos utilitários, buscando materiais e suportes diversos, constitui um laboratório de experiências muito atrativo para os alunos.

Quanto à forma como se expressam os alunos entrevistados vêm esta área como um espaço de liberdade que permite ao indivíduo a partilha de sentimentos, emoções e uma linguagem de pensamentos. As atividades gráficas e plásticas representam uma autêntica linguagem para as crianças. Ensinam a desenvolver as habilidades motoras das

crianças, dão mais liberdade de expressão e enriquecem o seu mundo. O contato com diferentes materiais estimula as suas ideias e a sua expressividade.

No que se refere à opinião dos alunos entrevistados relativamente às ideias dos colegas, conseguimos apurar no estudo que os alunos entrevistados dão importância ao que cada um pensa. Refletem no modo como pensam, no que pensam e no que produzem com o pensamento e a afirmação da singularidade de cada um perante o coletivo, promove e facilita a sua expressão podendo tornar-se importante para a aceitação na turma.

No que diz respeito ao parecer dos alunos entrevistados relativamente à qualidade e expressividade dos trabalhos dos colegas, levou-nos a afirmar que na infância, é preciso considerar a Arte sob o prisma da experiência significativa e expressiva e não sob o prisma da estética. A atividade artística na infância é uma forma de comunicação, é a seleção de aspetos do meio em que a criança vive. Logo, a importância da Arte para a criança acontece à medida que contribui para os processos de pensamento e de desenvolvimento perceptual, emocional, afetivo, social e criativo.

A nível de competências de grupo, as afirmações dos alunos entrevistados demonstram que estes colaboram com os colegas do grupo de trabalho ou com os colegas que tem mais afinidade. Considerámos, por isso, o trabalho de pares ou de grupo, uma estratégia eficaz quando se pretende promover a igualdade de oportunidades e a dimensão intercultural da educação. Nesta perspetiva, pode também funcionar como modelo de aprendizagem da cidadania democrática e semente de coesão social, uma vez que ‘elege’ a heterogeneidade e o trabalho entre pares como formas privilegiadas de reduzir estereótipo e preconceito, ao proporcionar o conhecimento do outro, nas suas diferenças e semelhanças, na experimentação de um percurso e na construção de um propósito comum.

Comparando os resultados da influência da disciplina de Educação Visual e Tecnológica nas atitudes dos alunos, verificou-se que a disciplina contribui bastante para o aumento da confiança dos alunos. A vivência lúdica, oferecida pela Expressão Plástica é capaz de proporcionar a afirmação do indivíduo reforçando a sua autoestima e a sua coerência interna, fundamentalmente pela capacidade de realização e consequente reconhecimento pelos seus pares. Comparadas as respostas dadas pelos alunos entrevistados, confirmamos a validade do objetivo **“Compreender de que forma a Expressão Plástica contribui para o aumento das relações interpessoais das crianças com Necessidades Educativas Especiais”**. Considerámos, a legitimidade

deste objetivo através: da utilização de competências empreendedoras de produção/criação de objetos utilitários, buscando materiais e suportes diversos; da Expressão Plástica como um espaço de liberdade que permite ao indivíduo a partilha de sentimentos, emoções e uma linguagem de pensamentos; da utilização de estratégias de trabalho de pares ou em grupo; da vivência lúdica oferecida pela Expressão Plástica como forma de afirmação individual.

Relativamente aos resultados dos questionários (anexo3) observamos que 66,6% dos inquiridos tem entre 10 e 15 anos de serviço.

Em relação aos conceitos e ao conhecimento dos docentes, a maioria, 66,6% optou pela resposta “A escola deve permitir que todos os alunos aprendam juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem.” Segundo a Declaração de Salamanca de 1994 da UNESCO (1994:11), a inclusão prevê que

“ (...)“O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. .”

De acordo com os inquiridos a escola deve, com efeito, estar aberta à diferença dos alunos aceitando-os e respeitando-os, munindo-se de recursos humanos, materiais e didáticos necessários a uma resposta adequada a este tipo de problemas e que para isso é, por vezes, necessário efetuar mudanças ao nível da organização, estrutura e metodologia.

83,3% Dos Professores inquiridos concordam em absoluto que a Educação Artística é um espaço de cooperação e partilha de sentimentos, pensamentos e emoções e que utiliza e aperfeiçoa processos que desenvolvem a expressão e a comunicação, a criatividade, a observação, o raciocínio, o controlo gestual.

Segundo os dados observados neste estudo, podemos inferir que os inquiridos consideram que a Educação Artística **estima o valor das emoções** pois são elas que nos orientam para o Outro e que verdadeiramente nos conferem humanidade. É necessário que o afectivo e o emotivo assumam um lugar essencial no quotidiano das salas de aula.

Portanto, quanto maior for a oportunidade de exercitar os sentidos, maior será a oportunidade de aprender, pois todo o conhecimento começa por uma exploração

sensorial. O contacto e a **manipulação de diferentes materiais** e o prazer que estes proporcionam à criança permitem-lhe desenvolver os sentidos e encontrar o equilíbrio.

No que se refere à integração de alunos com Necessidades Educativas Especiais na área artística plástica, verificámos que 83,3% dos Professores inquiridos concordam em absoluto que integrar estes alunos na área artística plástica é proporcionar ambientes favoráveis à criação e oferecer aos alunos a oportunidade de manipularem diretamente os materiais de comunicação e expressão.

A análise dos dados em estudo levou-nos a refletir que as atividades artísticas plásticas diversificadas permitem trocas profundas entre os elementos de uma turma, prevenindo o isolamento das crianças com dificuldades. Estes momentos de interação permitem à criança ter consciência dos outros, partilhar, dando e recebendo, o que contribui para uma melhor integração e reajustamento ao meio. O aumento destes momentos de interação e partilha com vista a ampliar o valor das emoções permitiu confirmar, mais uma vez, o objetivo: **“Compreender de que forma as crianças com Necessidades Educativas Especiais se relacionam com os seus pares por meio da Expressão Plástica”** levantado no início do nosso estudo.

Quando questionados relativamente ao conceito de Expressão Plástica, verificámos que os Professores inquiridos são unânimes no que se refere à Expressão Plástica como meio de enriquecimento da personalidade. Leva-nos, desta forma, a crer que os inquiridos valorizam a criação por meio da experiência, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e da participação de uma forma crítica.

Confirmámos, ainda, que 66,6% dos inquiridos concorda em absoluto com a afirmação “A Expressão Plástica é a manifestação de ideias, emoções e sentimentos”, 16,7% concorda bastante e, ainda, 16,7% nem concorda nem discorda. O que nos permitiu inferir que grande parte dos inquiridos recolhesse a Expressão Plástica como o modo da criança exteriorizar sentimentos. De facto, e no sentido da perspectiva de vários autores, ainda permanece uma saliente valorização deste domínio, essencialmente, enquanto forma de expressão pessoal (Barbosa, 2002; Hernández, 1997; Errázuriz, 2001). Na nossa opinião a comunicação não-verbal, através da Expressão Plástica, favorece a representação do seu mundo interior, oferecendo-lhes uma possibilidade de transmitirem as suas ideias, os seus sentimentos, comunicando, assim, com o exterior.

Assim e de acordo com Gonçalves (1991) a Expressão desenvolve na criança a imaginação e a sensibilidade, permite-lhe aprender a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando a autenticidade de cada um ou o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações.

A concordância da maioria dos Professores inquiridos relativamente à Expressão Plástica como meio de expressividade levou-nos a inferir que o autoconhecimento, o aumento da confiança em si próprio e a consciencialização da diferença relativamente aos outros nos alunos, conduz a um crescimento pessoal e social e permitiu-nos confirmar o objetivo **“Compreender de que forma a Expressão Plástica contribui para a qualidade das relações interpessoais das crianças com Necessidades Educativas Especiais”** levantado no início do nosso estudo.

No contributo da Expressão Plástica para as relações interpessoais dos alunos com Necessidades Educativas Especiais os Professores inquiridos mostraram-se igualmente concordantes. Na maioria das questões levantadas no questionário, os docentes responderam concordo em absoluto, podendo ter sido este facto um indicador de que a Expressão Plástica desempenha um papel facilitador no desenvolvimento/ integração de crianças Necessidades Educativas Especiais.

Asseveramos, igualmente, que a Expressão Plástica facilita a exploração e o desenvolvimento da criatividade, servindo para descobrir a emoção estética que reside, justamente, na satisfação que experimentamos por nos sentirmos capazes de explorar ao máximo as nossas capacidades inatas de percepção.

Através das informações fornecidas pela revisão da literatura, comparadas com as respostas dadas pelos inquiridos, confirmamos a validade mais uma vez do objetivo **“Compreender de que forma a Expressão Plástica contribui para o aumento das relações interpessoais das crianças com Necessidades Educativas Especiais”**.

Para concluir, pensamos que a Expressão Plástica, para além de ser uma via de expressão e comunicação excecional, proporciona-lhe segurança, estabilidade e canaliza a sua energia de uma forma criativa. Educar uma criança através da Arte não só contribui para o seu equilíbrio emocional, como também aumenta a sua capacidade de aprender.

Capítulo 6. Considerações Finais

Refletir sobre educação inclusiva é pensar de uma forma clara e objetiva em todas as crianças serem incluídas na vida educativa e social da escola e isso só é possível quando a atenção das escolas se concentra em construir um sistema inclusivo que se encontre estruturado para fazer frente às necessidades de cada um e onde a responsabilidade é pertença de toda uma comunidade. Correia (2003:9) alerta “ a criança com Necessidades Educativas Especiais não se alimenta de sonhos, mas sim de práticas educativas eficazes que têm sempre em linha de conta as suas capacidades e necessidades”.

A igualdade é um direito que nos assiste a todos, como tal, não deve ser esquecida principalmente para aqueles que se encontram em desvantagem em relação aos outros.

A aceitação é um valor por vezes esquecido na nossa sociedade. Todos nós temos os nossos próprios limites que teremos de reconhecer tal e qual como temos de aceitar os limites dos outros. É neste sentido que o desenvolvimento da investigação foi realizado, é importante haver uma sensibilização dos direitos de oportunidade que estão dispostos na nossa sociedade e o que se pode fazer para evitar discriminações e para promover a convivência em harmonia.

Os alunos com Necessidades Educativas Especiais apresentam dificuldades específicas na aprendizagem e precisam, além de interagir com outras crianças, de um ensino apto a responder às suas necessidades. São alunos que têm dificuldades no controlo dos movimentos, necessitam de estimulação e de conviver de forma harmoniosa com os outros para se sentirem integrados. A UNESCO (1995) resolveu criar uma chamativa para a sociedade na inclusão de todos os alunos apelando à igualdade de condições.

A Educação Artística é uma linguagem universal que nos une a todos como seres humanos.

A Educação Artística parte do pressuposto de que a Arte é também, uma linguagem. E como tal, no universo escolar, pertence à área das Linguagens e Códigos, portanto, uma das formas de comunicação e expressão humana. A característica de se constituir expressão e comunicação aliada ao sentido estético, possibilita à Arte o poder dizer e

comunicar aos indivíduos o indizível. E é esta sua identidade tão própria que a torna não só universal, mas o centro aglutinador de outros conhecimentos e outros saberes.

O ensino de Arte, além de priorizar a educação estética, que é seu fundamento, objetiva também: preparar para a vida, formar para a cidadania – cidadãos éticos, sabedores de seus direitos e deveres – e capacitar para a aprendizagem permanente, já que o processo do conhecimento nunca está acabado, mas sempre recomeça.

Em suma, este trabalho representa uma proposta de trabalho, um caminho que se percorreu e que obedeceu a reflexão, a um espírito crítico que se vai amadurecendo para que a teoria e a prática se ajudem e complementem. É igualmente importante considerar que um trabalho desta natureza, que incide nas potencialidades da Arte na Educação, poderá abrir outros caminhos, pistas e novas ideias para a Educação Especial e que sejam, de facto, uma mais-valia neste âmbito. Será interessante verificar, por exemplo, como é que a Arte pode ajudar a promover outras competências em crianças com Necessidades Educativas Especiais e que áreas específicas dentro da Arte serão mais promotoras dessas competências.

Estudar, aprofundar, compreender e atuar de forma competente são aspetos fundamentais de qualquer um, sobretudo quando nos encontramos na Educação Especial, com crianças que merecem serem felizes. É nossa responsabilidade de com estas crianças e por elas construir esse caminho.

Bibliografia

- AA.VV. (1992). *Educação Pela Arte Pensar no Futuro*, Lisboa, ACARTE/Fundação Calouste Gulbenkian
- AA. VV. (1996). *Ensino Artístico*, Porto, Edições ASA.
- AA. VV. (1998) - *Educação. Memórias e Testemunhos*, Lisboa, Gradiva.
- AA. VV. (2000). *Educação pela Arte, Estudos em homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos*, Lisboa, Livros Horizonte.
- ALMEIDA, L.; FREIRE, T., (2007). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilibrios.
- BARBOSA, A. (2002), *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Editora Cortez.
- BARRETT, M. (1979): *Educação em Arte*, Lisboa: Editorial Presença.
- BEST, D. (1996). *A Racionalidade do Sentimento*, 1ªed. Lisboa, Edições Asa.
- BOGDAN, R., BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela (1998). *Metodologia da Investigação, Guia para auto-aprendizagem*. Universidade Aberta.
- CIRLOT, J. (2000). *Dicionário de Símbolos*. Lisboa: D. Quixote.
- CLAES, M. (2005). *L'univers social des adolescents*. Montréal: Presses de l'université de Montréal.
- COMÊNIO (1996). *Didáctica Magna*, 4ª ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- CORREIA, L. (1999). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. Porto: Porto Editora.

- CORREIA, Luís de Miranda (org) (2003). *Educação Especial e Inclusão: quem disser que uma sobrevive sem a outra não está no seu perfeito juízo*. Porto: Porto Editora. pp 9-15
- CORREIA, L. (2008). *A Escola Contemporânea e a inclusão de alunos com NEE. Considerações para uma educação com sucesso*. Porto: Porto Editora, Lda.
- COSTA, A. (2006). “*A Educação Inclusiva dez anos após Salamanca: reflexões sobre o caminho percorrido*”. In D. RODRIGUES, (org) (2006). *Educação Inclusiva: estamos a fazer progressos?* Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.
- COUTINHO, Clara (2004). *Metodologia da Investigação em Educação*. Braga: CIED, Universidade do Minho.
- CRUZ, V. (2009). *Dificuldades de Aprendizagem Específicas*. Lisboa: Lidel.
- ERRÁZURIZ, L. (2001), *Mejorar la calidad de la Educación Artística en América Latina: un derecho y un desafío*. In UNESCO. Métodos, Contenidos y Enseñanza de las Artes en América Latina y el Caribe. Brasil: UNESCO.
- FORTIN, M. (1999). *O processo de investigação: da conceção à realização*. Loures: Lusociência.
- FOX, David (1987). *El proceso de investigación en educación. Ediciones Universidad de Navarra*, S.A. Pamplona.
- FULLER, P. (1983). *Arte e psicanálise*. Lisboa: D. Quixote.
- GARDNER, H. (1999). *Arte, Mente e Cérebro. Uma Abordagem Cognitiva da Criatividade*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- GRESHAM, F.M., & Elliott, S.N.(1990). *Social skills rating system: «Manual*. Circle Pines, MN: American Guidance Service.
- HERNÁNDEZ, F. (1997), *Cultura Visual y Educación*, Sevilla: MCEP.
- HUYGHE, R. (1986). *O Poder da Imagem*. Lisboa: Edições 70.
- LEMOS, M. & Meneses, I. (2002). *A avaliação da competência social: Versão portuguesa da forma para professores do SSRS. Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18, 3, 267-274.
- LOWENFELD, V. (1977). *A Criança e sua Arte*. São Paulo: Mestre Jou.
- MARCHESI, A. & MARTIN, L. (1993). *Da terminologia do distúrbio às necessidades educacionais especiais*. Coll, C.; Palácios, J.; MARCHESI, A. (1995)

Desenvolvimento Psicológico e Educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas.

- MARINA, J. A. (2007) *Aprender a Conviver*. Lisboa: Sudoeste Editora, Lda.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001), Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, Lisboa, Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica.
- PACHECO, José Augusto (2001). *Curriculo: Teoria e Praxis*. Porto: Porto Editora.
- PINTO, Amâncio (1990). *Metodologia da Investigação da Investigação Psicológica*. Porto: Edições Jornal de Psicologia.
- PINTO, M. (2002). Intervenção na Conferência Internacional sobre “*Cruzamento de Saberes. Aprendizagens Sustentáveis*” (Sessão sobre Educação e Reflexividade: onde se aprende o quê?), promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 27 e 28 de Novembro de 2002.
- PORFÍRIO, M. (2005). *Educação Visual e Tecnológica: 5º e 6º anos / 2º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: ASA.
- QUENTAL, A. (1948). *Antologia do Pensamento Português*, Lisboa: Edições SNI.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva, Lisboa.
- READ, H. (2001). *A Educação Pela Arte*. São Paulo, Martins Fontes.
- READ, H. (2010). *A Educação Pela Arte*. Lisboa: Edições 70, LDA.
- RODRIGUES, D. (2002). *A Infância da Arte, a Arte da Infância*. Porto: ASA.
- SANCHES, I. (2001). *Comportamentos e Estratégias de Atuação na Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.
- SANTOS, A. (1989). *Mediações Artístico - Pedagógicas*, Lisboa: Livros Horizonte.
- SANTOS, Arquimedes (2000). *Breve Retrospectiva do Movimento da Educação Pela Arte em Portugal*, in AA. VV., *Educação Pela Arte – Estudos em homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos*, pp.59-73. Lisboa: livros Horizonte.
- SILVA, A. & PINTO, J. (orgs.) (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*. Biblioteca das Ciências do Homem. 5ªed.Lisboa: Edições Afrontamento.
- SOUSA, A. (2003). *Educação Pela Arte e Artes na Educação*. 3º V. Lisboa: Horizontes Pedagógicos

- WARNOCK, M. (1978). *Special education needs – Report of the committee of enquiry into education of handicapped children and young people*. London: Her Majesty's Stationery Office.

Legislação Interna

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, DGIDC, Decreto-Lei 3/2008 de 7 de Janeiro.

Declarações

- UNESCO (1994). “Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na área das necessidades educativas Especiais”. Paris: Ed. UNESCO.

Anexos

Anexo1

Guião de entrevista – aos alunos que não tem Necessidades Educativas Especiais envolvidos no estudo.

Objetivos Gerais:

- Obter informações sobre as relações interpessoais dos alunos do 5º ano do segundo ciclo;
- Verificar a influência da Expressão Plástica nas relações interpessoais.

Formulário de perguntas	Objetivo específico
1.O que é a Expressão Plástica?	Conceito de Expressão Plástica
2.Como seria para ti a escola se não existisse a disciplina de Educação Visual e Tecnológica? Porquê?	Interesse pela disciplina
3.Quando realizas trabalhos na disciplina de Educação Visual e Tecnológica tentas exprimir graficamente as tuas ideias e interesses? De que forma exprimes essas ideias e interesses?	Conhecer a forma como expressam as ideias na área curricular
4.Consideras que todos têm ideias interessantes nos diferentes projetos realizados na disciplina de Educação Visual e Tecnológica? Porquê?	Conhecer a opinião dos alunos relativamente às ideias dos colegas;
5.Achas que podem existir desenhos/pinturas mal feitas? Que não tem qualidade nem expressividade? Porquê?	Conhecer a opinião dos alunos relativamente à qualidade e expressividade dos trabalhos dos colegas;
6.Achas que através do desenho consegues conhecer os teus colegas? Como se manifestam?	Conhecer a opinião dos alunos em relação as manifestações artísticas dos colegas.

7.Nos projetos dinamizados pelo grupo turma cooperas com os teus colegas? Que tipo de colegas?	Conhecer o tipo de colegas com que habitualmente coopera nos projetos da disciplina de Educação Visual e Tecnológica
8.Costumas ter iniciativa para ajudar os teus colegas que tem mais dificuldades na realização dos trabalhos da disciplina de Educação Visual e Tecnológica? Porquê?	Conhecer o que leva o aluno a ter iniciativa para ajudar os colegas com dificuldades
9.O trabalho que realizas na disciplina de Educação Visual e Tecnológica aumenta a tua autoestima? De que forma?	Conhecer a opinião dos alunos relativamente à sua autoestima na disciplina de Educação Visual e Tecnológica

Anexo 2

Guião do inquérito por questionário - aos professores da área artística plástica

Objetivos Gerais:

- Obter informações sobre: Conhecer a opinião dos professores sobre a importância da Arte na Educação

Conhecer o entendimento dos professores sobre a prática da Expressão Plástica na escola como forma de contribuição para o desenvolvimento integral das crianças;

- Verificar a influência da Expressão Plástica nas relações interpessoais.

Objetivos específicos

Caracterizar os sujeitos inquiridos
- Idade
- Situação profissional
- Habilitações profissionais
- Tempo de serviço na docência
Conhecer a opinião dos professores sobre Educação Inclusiva;
Conhecer a forma como o professor desenvolve a sua prática tendo em conta a diferenciação;
Conhecer a opinião dos professores sobre Educação Artística;
Conhecer as conceções dos professores no que respeita à integração dos alunos com Necessidades Educativas Especiais na área artística plástica;
Saber se os professores realizam práticas reflexivas;
Conhecer a opinião dos professores sobre Expressão Plástica;
Saber se a opinião dos professores quanto à Expressão Plástica como atitude pedagógica para a Inclusão;
Conhecer a opinião dos professores quanto à Expressão Plástica como promotora do desenvolvimento das relações interpessoais dos alunos.

Anexo3

Questionários realizados aos professores Tese de Mestrado

Curso de Mestrado em Educação Especial – especialização no Domínio Cognitivo e Motor

Questionário aos professores da área artística plástica

RELAÇÕES DE SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADE EDUCATIVAS ESPECIAIS EM
CONTEXTO ESCOLAR
UMA ESTRATÉGIA PLÁSTICA DE INTERVENÇÃO

Discente Vanda Rosário

Esta informação destina-se a servir de base a um trabalho de investigação no âmbito de um Curso de Mestrado em Educação Especial – especialização no Domínio Cognitivo e Motor. O tema tem como objetivo conhecer a importância que a arte tem para cada um na educação; sobre o entendimento que têm da prática da expressão plástica na escola como forma de contribuição para o desenvolvimento integral das crianças; para a aceitação e entendimento entre as crianças.

Da sua colaboração dependerá, em boa parte, o sucesso deste trabalho pelo que agradecemos a sua participação e que seja o mais sincero(a) possível a cada uma das questões.

Por favor, assinale a quadrícula que melhor se adequa à sua situação ou escreva a informação solicitada.

A - Caracterização

Idade: _____ anos

Situação profissional:

- a) Professor do Quadro com Nomeação Definitiva
- b) Professor do Quadro de Nomeação Provisória
- c) Professor do Quadro de Zona Pedagógica
- d) Professor contratado

Formação académica de base:

- a) Licenciatura em E.V.T.
- b) Licenciatura em Belas Artes
- c) Outra

Especifique: _____

Tempo de serviço: _____ anos (até 31 de Agosto 2011)

Há quantos anos lecciona nesta escola: _____

B – Práxis

1. Por favor, indique a sua opinião acerca das seguintes afirmações relativas às questões (marque apenas um X em cada linha).

	Concordo em absoluto	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo em parte	Discordo em absoluto
A escola favorece a participação inclusiva de todos os alunos dentro de um grupo.					
A escola deve permitir que todos os alunos aprendam juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem.					
O professor deve reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos.					
O professor deve adaptar as atividades de forma a responder eficazmente às necessidades dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais.					
O professor do ensino regular deve realizar um trabalho cooperativo com o professor de educação especial.					
Os alunos com NEE devem realizar sempre os mesmos projetos que os colegas.					
Os alunos com NEE devem realizar projetos artísticos com algumas ajudas técnicas ou materiais diferentes.					
	Concordo em absoluto	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo em parte	Discordo em absoluto
Educação artística é um espaço de cooperação e partilha de sentimentos, pensamentos e emoções.					
A educação artística utiliza e aperfeiçoa processos que desenvolvem a expressão e a comunicação, a criatividade, a observação, o raciocínio, o controlo gestual.					
A educação artística é a “educação dos sentidos”.					
A educação artística proporciona ao educando um ambiente favorável à participação em experiências, processos e desenvolvimentos criativos.					
A educação artística por meio da expressão plástica apenas aprofunda conhecimentos na área plástica.					
Na educação artística os alunos são sujeitos a puxar pela sua sensibilidade, a criar, mas também a analisar e criticar.					

	Concordo em absoluto	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo em parte	Discordo em absoluto
Integrar alunos com Necessidades Educativas Especiais na área artística plástica é usar a “linguagem dos Sentidos”.					
Integrar alunos com Necessidades Educativas Especiais na área artística plástica é proporcionar aos alunos práticas e experiências diversificadas que permitam desenvolver capacidades afetivas e cognitivas.					
Integrar alunos com Necessidades Educativas Especiais na área artística plástica é proporcionar ambientes favoráveis à criação.					
Integrar alunos com Necessidades Educativas Especiais na área artística plástica é oferecer aos alunos a oportunidade de manipularem diretamente os materiais de comunicação e expressão.					
	Concordo em absoluto	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo em parte	Discordo em absoluto
Nas atividades curriculares, o professor de E.V.T. deve realizar atividades que leve os alunos a refletir sobre a diferença e a diversidade.					
O professor de E.V.T. deve elogiar e integrar os alunos com Necessidades Educativas Especiais em grupos de trabalho, privilegiando sempre a entreadajuda.					
O professor de E.V.T. deve dar igual importância ao desenvolvimento das capacidades cognitivas e aos processos emocionais dos alunos.					
	Concordo em absoluto	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo em parte	Discordo em absoluto
A expressão plástica enriquece a personalidade.					
A expressão plástica é a criação através do manuseamento e modificação de materiais plásticos (barro, gesso, pedra, madeira, metais, plástico).					
A expressão plástica é a produção de obras de arte através da utilização de diferentes materiais.					
A expressão plástica é a manifestação de ideias, emoções e sentimentos.					
	Concordo em absoluto	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo em parte	Discordo em absoluto
A expressão plástica permite à criança aprender a conhecer-se e a conhecer os outros.					
A expressão livre aumenta nos alunos a					

autoconfiança e a autoestima.					
A expressão plástica permite aceitar e respeitar o modo pessoal como cada um exprime as suas ideias, sentimentos e aspirações.					
A prática da expressão plástica desenvolvida como atividade livre, promove motivações, atitudes cívicas e morais positivas, mais fortes do que nas áreas curriculares comuns.					

2. Na sua opinião, de que forma o desenvolvimento da expressão artística, na sua vertente plástica, pode contribuir para a aceitação das diferenças? Indique algumas atividades e estratégia que desenvolve.

Obrigada pela sua colaboração

Beja, 2011 - 11 - 02

Vanda Maria Rosário

Anexo4

Análise da Caracterização dos inquiridos nos questionários

Quadro 41 – Idade do docente

Idade do docente	Número de docentes
Entre 30 e 35 anos de idade	1
Entre 35 e 40 anos de idade	2
Entre 40 e 45 anos de idade	4

O quadro é indicador que 66,6% dos docentes que responderam ao questionário tem entre 40 e 45 anos de idade, 33,4% tem entre 35 e 40 anos de idade e 16,6% dos inquiridos tem entre 30 e 35 anos de idade.

Quadro 42 – Situação profissional

Situação profissional do docente	Número de docentes
Professor do Quadro com Nomeação Definitiva	2
Professor do Quadro de Nomeação Provisória	0
Professor do Quadro de Zona Pedagógica	0
Professor contratado	4

33,4% Dos Professores inquiridos são do Quadro com Nomeação Definitiva e 66,6% são Professores Contratados.

Quadro 43 – Formação académica de base

Situação profissional do docente	Número de docentes
Licenciatura em E.V.T.	3
Licenciatura em Belas Artes	0

Outra	3
-------	---

50% Dos inquiridos indicam que têm o grau de licenciatura na área do Ensino Básico variante Educação Visual e Tecnológica e 50% apontam outra licenciatura como formação de base.

Quadro 44 – Tempo de serviço total e de permanência na escola

	Tempo de serviço				
		Entre 5 e 10 anos	Entre 10 e 15 anos	Mais de 15 anos	Total
Tempo de serviço na escola	1 Ano	1 16,7%	1 16,7%		2 33,4%
	2 Anos		2 33,4%		2 33,4%
	3 Anos		1 16,7%		1 16,7%
	4 Anos			1 16,6%	1 16,7%
Total		1 16,7%	4 66,6%	1 16,7%	6 100%

Com o tempo de serviço total dos docentes inquiridos e os anos de permanência na escola, distribuídos pelo Quadro 4, verificámos que a mobilidade docente continua a ser uma característica predominante na profissão docente.

De facto, 66,6% dos docentes posiciona-se no primeiro e segundo escalão, ou seja, com 1 ou 2 anos de permanência na escola, independentemente do tempo de serviço de docência.

Quanto ao tempo de serviço total, 66,6% dos Professores inquiridos tem entre 10 e 15 anos de serviço, 16,7% tem entre 5 e 10 anos e 16,7% tem mais do que 15 anos.

Primeira Análise dos Questionários

Quadro45 - Conhecimento de conceitos sobre Educação Inclusiva

	Concordo em absoluto	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo em parte	Discordo em absoluto
A escola favorece a participação inclusiva de todos os alunos dentro de um grupo.	2	3	1	0	0
A escola deve permitir que todos os	4	1	1	0	0

alunos aprendam juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem.					
O professor deve reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos.	4	2	0	0	0
O professor deve adaptar as atividades de forma a responder eficazmente às necessidades dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais.	4	1	1	0	0
O professor do ensino regular deve realizar um trabalho cooperativo com o professor de educação especial.	5	1	0	0	0
Os alunos com NEE devem realizar sempre os mesmos projetos que os colegas.	2	1	1	2	0
Os alunos com NEE devem realizar projetos artísticos com algumas ajudas técnicas ou materiais diferentes.	3	3	0	0	0

Quadro46 - Conhecimento de conceitos sobre Educação Artística

	Concordo em absoluto	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo em parte	Discordo em absoluto
Educação Artística é um espaço de cooperação e partilha de sentimentos, pensamentos e emoções.	5	1	0	0	0
A Educação Artística utiliza e aperfeiçoa processos que desenvolvem a expressão e a comunicação, a criatividade, a observação, o raciocínio, o controlo gestual.	5	1	0	0	0
A Educação Artística é a “educação dos sentidos”.	4	2	0	0	0
A Educação Artística proporciona ao educando um ambiente favorável à participação em experiências, processos e desenvolvimentos criativos.	4	2	0	0	0
A Educação Artística por meio da expressão plástica apenas aprofunda conhecimentos na área plástica.	0	1	0	2	3
Na Educação Artística os alunos são sujeitos a puxar pela sua sensibilidade, a criar, mas também a analisar e criticar.	4	2	0	0	0

Quadro47 - Opinião dos docentes quanto à integração de alunos com Necessidades Educativas Especiais na área artística plástica

	Concordo em absoluto	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo em parte	Discordo em absoluto
Integrar alunos com Necessidades Educativas Especiais na área artística plástica é usar a “linguagem dos Sentidos”.	2	3	1	0	0
Integrar alunos com Necessidades Educativas Especiais na área artística plástica é proporcionar aos alunos práticas e experiências diversificadas que permitam desenvolver capacidades afetivas e cognitivas.	4	2	0	0	0
Integrar alunos com Necessidades Educativas Especiais na área artística plástica é proporcionar ambientes favoráveis à criação.	5	1	0	0	0
Integrar alunos com Necessidades Educativas Especiais na área artística plástica é oferecer aos alunos a oportunidade de manipularem diretamente os materiais de comunicação e expressão.	5	1	0	0	0

Quadro48 - Atividades curriculares desenvolvidas pelos docentes na área artística plástica

	Concordo em absoluto	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo em parte	Discordo em absoluto
Nas atividades curriculares, o professor de E.V.T. deve realizar atividades que leve os alunos a refletir sobre a diferença e a diversidade.	4	2	0	0	0
O professor de E.V.T. deve elogiar e integrar os alunos com Necessidades Educativas Especiais em grupos de trabalho, privilegiando sempre a entreadjudada.	4	1	1	0	0
O professor de E.V.T deve dar igual importância ao desenvolvimento das capacidades cognitivas e aos processos emocionais dos alunos.	3	3	0	0	0

Quadro49 - Opinião dos docentes relativamente ao conceito de Expressão Plástica

	Concordo em absoluto	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo em parte	Discordo em absoluto
A Expressão Plástica enriquece a personalidade.	6	0	0	0	0
A Expressão Plástica é a criação através do manuseamento e modificação de materiais plásticos (barro, gesso, pedra, madeira, metais, plástico).	5	1	0	0	0
A Expressão Plástica é a produção de obras de arte através da utilização de diferentes materiais.	2	3	1	0	0
A Expressão Plástica é a manifestação de ideias, emoções e sentimentos.	4	1	1	0	0

Quadro50 - Contributo da Expressão Plástica para as relações interpessoais dos alunos

	Concordo em absoluto	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo em parte	Discordo em absoluto
A Expressão Plástica permite à criança aprender a conhecer-se e a conhecer os outros.	2	3	1	0	0
A expressão livre aumenta nos alunos a autoconfiança e a autoestima.	3	1	2	0	0
A expressão Plástica permite aceitar e respeitar o modo pessoal como cada um exprime as suas ideias, sentimentos e aspirações.	3	1	2	0	0
A prática da Expressão Plástica desenvolvida como atividade livre, promove motivações, atitudes cívicas e morais positivas, mais fortes do que nas áreas curriculares comuns.	4	1	0	1	0

Quadro51 – Opinião dos Professores quanto ao contributo da Expressão Artística, na sua vertente plástica, para a aceitação das diferenças

Categorias	Inquirido 1	Inquirido 2	Inquirido 3	Inquirido 4	Inquirido 5	Inquirido 6
Contributo da Expressão Plástica para a aceitação da diferença	Pela aproximação das pessoas	NÃO RESPONDE	Desenvolve o potencial criativo, afetivo e emocional	Desenvolve o potencial social e afetivo	NÃO RESPONDE	Desenvolve o potencial criativo
Que atividades são utilizadas	- Ilustração de histórias - Pinturas	- NÃO RESPONDE	- Modelagem - Pintura	NÃO RESPONDE	NÃO RESPONDE	NÃO RESPONDE
Que estratégias são utilizadas	- Trabalhos que promovem a expressividade e criatividade	- Maior acompanhamento dos alunos com NEE	- Projeto que permitam partilhar materiais - Trabalhos em grupo - Projeto que permitam saber ouvir	- Trabalho de pares - Trabalho de grupo - Explorar diferentes materiais	NÃO RESPONDE	- Trabalho de pares (entreadada entre colegas)

Anexo 5

Entrevistas realizadas com alunos

Neste suplemento, dou conta das entrevistas semiestruturadas, realizadas aos alunos participantes, durante o tempo em que decorriam as atividades letivas da disciplina curricular de Educação visual e Tecnológica.

Procuro com estas entrevistas, que os sujeitos exprimissem as suas opiniões sobre a importância que atribuíam à expressão plástica na escola e ao fascínio pela sua prática; sobre os seus efeitos educativos e sociais; as suas opiniões relativamente à prática da expressão plástica em contexto curricular obrigatório; qual a ideia que tem em relação à diferença, à inclusão desses alunos na turma, e a relação sócio-afetiva que possuem ou podem possuir com essas crianças.

As entrevistas foram realizadas a cinco alunos por turma envolvidos na pesquisa, escolhidos de forma aleatória.

Considero que as entrevistas tomaram no seu desenvolvimento a forma de conversas informais, proporcionando-me uma recolha mais alargada de opiniões.

Entrevista ao Aluno 1

14 Anos

Turma A

Entrevista realizada em 31/10/2011

1. O que é a Expressão Plástica?

Serve para pintar e desenhar o que eu vejo e sinto.

2. Como seria para ti a escola se não existisse a disciplina de E.V.T? Porquê?

Eu gosto muito de E.V.T.. Esta disciplina para mim é como uma flor muito bonita, que no outono ou no inverno com o frio morre. Fica tudo escuro, triste e aborrecido.

3. Quando realizas trabalhos na disciplina de E.V.T. tentas exprimir graficamente as tuas ideias e interesses? De que forma exprimes essas ideias e interesses?

Sim. O desenho para mim é uma forma de falar. É a linguagem que usamos para libertar sentimentos e emoções.

4. Consideras que todos têm ideias interessantes nos diferentes projetos realizados na disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim. Porque todos os meninos têm a sua forma de ver as coisas.

5. Achas que podem existir desenhos/pinturas mal feitas? Que não tem qualidade nem expressividade? Porquê?

Não. Porque quando desenhamos fazemo-lo coração e emoção.

6. Achas que através do desenho consegues conhecer os teus colegas? Como se manifestam?

Penso que sim, porque partilhamos ideias.

7. Nos projetos dinamizados pelo grupo turma cooperas com os teus colegas? Que tipo de colegas?

Sim. Com os que tenho mais afinidade, porque temos gostos em comum.

8. Costumas ter iniciativa para ajudar os teus colegas que tem mais dificuldades na realização dos trabalhos da disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim, porque gosto de ajudar os meus colegas. Gosto de os ver bem e isso faz-me, também, sentir bem.

9. O trabalho que realizas na disciplina de E.V.T. aumenta a tua autoestima? Explica o motivo que leva a melhorar a tua autoestima? O que melhora na tua maneira de ser?

Sim. Fico muito feliz, muito confiante com os resultados que consigo obter.

Entrevista ao Aluno 2

10 Anos

Turma A

Entrevista realizada em 31/10/2011

1. O que é a Expressão Plástica?

Eu penso que a Expressão plástica é uma disciplina que permite mostrar a criatividade dos alunos fazendo desenhos e pinturas.

2. Como seria para ti a escola se não existisse a disciplina de E.V.T? Porquê?

Se a disciplina de E.V.T. não existisse eu penso que a escola não teria cor nem vida. Era triste.

3. Quando realizas trabalhos na disciplina de E.V.T. tentas exprimir graficamente as tuas ideias e interesses? De que forma exprimes essas ideias e interesses?

Sim. É a forma de manifestar as minhas emoções.

4. Consideras que todos têm ideias interessantes nos diferentes projetos realizados na disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim. Porque todos temos formas diferentes de ver e sentir.

5. Achas que podem existir desenhos/pinturas mal feitas? Que não tem qualidade nem expressividade? Porquê?

Não. Eu não conheço. Todos temos pensamentos diferentes.

6. Achas que através do desenho consegues conhecer os teus colegas? Como se manifestam?

Sim. Nós todos nos trabalhos exprimimos o que pensamos. Estamos a dar-nos a conhecer.

7. Nos projetos dinamizados pelo grupo turma cooperas com os teus colegas? Que tipo de colegas?

Sim. Coopero com os colegas que se sentam no mesmo grupo de mesas, porque é com eles que discutimos ideias.

8. Costumas ter iniciativa para ajudar os teus colegas que tem mais dificuldades na realização dos trabalhos da disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim, porque tenho prazer em ajudar todas as pessoas.

9. O trabalho que realizas na disciplina de E.V.T. aumenta a tua autoestima? Explica o motivo que leva a melhorar a tua autoestima? O que melhora na tua maneira de ser?

Sim, porque dou sempre o melhor e o máximo de mim nos trabalhos para depois ter resultados bons e me sentir realizada.

Entrevista ao Aluno 3

10 Anos

Turma A

Entrevista realizada em 31/10/2011

1. O que é a Expressão Plástica?

Para mim, expressão plástica é desenhar, pintar utilizando materiais diferentes.

2. Como seria para ti a escola se não existisse a disciplina de E.V.T? Porquê?

Se não houvesse E.V.T., a escola era aborrecida. Eu gosto muito deste tipo de trabalhos, dão muito prazer em fazer.

- 3. Quando realizas trabalhos na disciplina de E.V.T. tentas exprimir graficamente as tuas ideias e interesses? De que forma exprimes essas ideias e interesses?**

Sim. Tento libertar pensamentos e emoções.

- 4. Consideras que todos têm ideias interessantes nos diferentes projetos realizados na disciplina de E.V.T.? Porquê?**

Sim, porque respeito a imaginação de todos.

- 5. Achas que podem existir desenhos/pinturas mal feitas? Que não tem qualidade nem expressividade? Porquê?**

Não, porque todos pensamos de forma diferente. Conhecemos e sentimos de forma diferente.

- 6. Achas que através do desenho consegues conhecer os teus colegas? Como se manifestam?**

Sim. Sim, porque partilhamos ideias, pensamentos nos trabalhos e durante a realização dos mesmos.

- 7. Nos projetos dinamizados pelo grupo turma cooperas com os teus colegas? Que tipo de colegas?**

Sim. Com os colegas que eu conheço há mais tempo, porque as nossas ideias completam-se.

- 8. Costumas ter iniciativa para ajudar os teus colegas que tem mais dificuldades na realização dos trabalhos da disciplina de E.V.T.? Porquê?**

Sim, porque me sinto bem a ajudar os meus colegas.

- 9. O trabalho que realizas na disciplina de E.V.T. aumenta a tua autoestima? Explica o motivo que leva a melhorar a tua autoestima? O que melhora na tua maneira de ser?**

Sim, porque os meus colegas concordam com as ideias que dou para a realização dos trabalhos o que me permite ficar mais desinibido. A minha timidez parece que desaparece.

Entrevista ao Aluno 4

10 Anos

Turma A

Entrevista realizada em 02/11/2011

- 1. O que é a Expressão Plástica?**

Eu acho que através da expressão plástica podemos mostrar a nossa criatividade usando diferentes materiais.

2. Como seria para ti a escola se não existisse a disciplina de E.V.T? Porquê?

Para mim era triste, porque eu gosto muito da disciplina. É diferente das outras disciplinas, porque estamos mais descontraindo.

3. Quando realizas trabalhos na disciplina de E.V.T. tentas exprimir graficamente as tuas ideias e interesses? De que forma exprimes essas ideias e interesses?

Sim. Gosto de mostrar o que sinto. É a forma mais fácil de comunicar.

4. Consideras que todos têm ideias interessantes nos diferentes projetos realizados na disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim, porque os meus colegas têm muita imaginação.

5. Achas que podem existir desenhos/pinturas mal feitas? Que não tem qualidade nem expressividade? Porquê?

Não, porque todos temos formas diferentes de nos exprimir.

6. Achas que através do desenho consegues conhecer os teus colegas? Como se manifestam?

Sim, porque na minha opinião estamos a revelar sentimentos, pensamentos, etc...Até os sonhos podemos conhecer!

7. Nos projetos dinamizados pelo grupo turma cooperas com os teus colegas? Que tipo de colegas?

Sim. Com os que tenho mais afinidade, porque temos gostos em comum.

8. Costumas ter iniciativa para ajudar os teus colegas que tem mais dificuldades na realização dos trabalhos da disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim, porque dá-me prazer ajudar os meus colegas.

9. O trabalho que realizas na disciplina de E.V.T. aumenta a tua autoestima? Explica o motivo que leva a melhorar a tua autoestima? O que melhora na tua maneira de ser?

Sim, porque as ideias que dou para a realização dos trabalhos são aceites e isso ajuda-me a ter mais confiança em mim.

Entrevista ao Aluno 5

10 Anos

Turma A

Entrevista realizada em 03/11/2011

1. O que é a Expressão Plástica?

Gosto muito, gosto de aprender a desenhar e a pintar. É divertido e importante. Penso que é pintar e desenhar usando materiais diferentes.

2. Como seria para ti a escola se não existisse a disciplina de E.V.T? Porquê?

Não pode ser, não vai acabar pois não? Ui! Era muito aborrecido, eu já não gosto muito assim...

3. Quando realizas trabalhos na disciplina de E.V.T. tentas exprimir graficamente as tuas ideias e interesses? De que forma exprimes essas ideias e interesses?

Sim. Eu acho que o desenho é uma forma de comunicar.

4. Consideras que todos têm ideias interessantes nos diferentes projetos realizados na disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim, porque todos os meus colegas têm pensamentos diferentes.

5. Achas que podem existir desenhos/pinturas mal feitas? Que não tem qualidade nem expressividade? Porquê?

Eu acho que não, porque usamos muitas vezes o desenho para exprimir o que pensamos e isso é bom.

6. Achas que através do desenho consegues conhecer os teus colegas? Como se manifestam?

Acho que sim, porque os meus colegas, normalmente, quando desenhavam são espontâneos, exprimem o que sentem.

7. Nos projetos dinamizados pelo grupo turma cooperas com os teus colegas? Que tipo de colegas?

Sim. Com os colegas que se sentam no mesmo grupo de mesas, porque são os que estão mais perto.

8. Costumas ter iniciativa para ajudar os teus colegas que tem mais dificuldades na realização dos trabalhos da disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim, porque dá-me prazer ajudar os outros.

9. O trabalho que realizas na disciplina de E.V.T. aumenta a tua autoestima? Explica o motivo que leva a melhorar a tua autoestima? O que melhora na tua maneira de ser?

Sim, porque as ideias que proponho para os trabalhos são aceites e isso deixa-me mais desinibido.

Entrevista ao Aluno 6

11 Anos

Turma B

Entrevista realizada em 03/11/2011

1. O que é a Expressão Plástica?

É importante a expressão plástica! Com a pintura comunicamos uns com os outros. Fazemos construções, falamos uns com os outros sobre os trabalhos, temos ideias, inventamos e falamos com as professoras.

2. Como seria para ti a escola se não existisse a disciplina de E.V.T? Porquê?

Se não existisse E.V.T. a escola era uma “seca”, não aprendíamos a desenhar, a pintar essas coisas de que eu gosto. Nem a inventar essas coisas engraçadas...

3. Quando realizas trabalhos na disciplina de E.V.T. tentas exprimir graficamente as tuas ideias e interesses? De que forma exprimes essas ideias e interesses?

Sim. Manifesto o que penso sem grandes discursos.

4. Consideras que todos têm ideias interessantes nos diferentes projetos realizados na disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim, porque respeito os pensamentos de todos.

5. Achas que podem existir desenhos/pinturas mal feitas? Que não tem qualidade nem expressividade? Porquê?

Eu acho que não, porque quando desenhamos, temos a intenção de transmitir um pensamento, uma ideia. Eu, por exemplo, quando desenho algo tenho como objetivo transmitir o que vai na minha cabeça e não a preocupação se o trabalho está a sair perfeito.

6. Achas que através do desenho consegues conhecer os teus colegas? Como se manifestam?

Acho que sim. Se for desenho livre consigo perceber as suas ideias e a forma como pensam.

7. Nos projetos dinamizados pelo grupo turma cooperas com os teus colegas? Que tipo de colegas?

Sim. Com os colegas que se sentam mais perto. Falamos dos trabalhos, trocamos ideias e damos conselhos.

8. Costumas ter iniciativa para ajudar os teus colegas que tem mais dificuldades na realização dos trabalhos da disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim, porque somos todos amigos.

9. O trabalho que realizas na disciplina de E.V.T. aumenta a tua autoestima?

Explica o motivo que leva a melhorar a tua autoestima? O que melhora na tua maneira de ser?

Sim, porque as ideias que eu proponho para a realização dos trabalhos são consideradas boas pelos meus colegas e fazem com que eu me sinta mais confiante.

Entrevista ao Aluno 7

10 Anos

Turma B

Entrevista realizada em 04/11/2011

1. O que é a Expressão Plástica?

A expressão plástica é uma maneira de mostrar aquilo que sentimos e como é que vemos as coisas. É fazer trabalhos práticos nas aulas, pintar, desenhar...fazer construções,...muita coisa.

2. Como seria para ti a escola se não existisse a disciplina de E.V.T? Porquê?

Acho que era “seca”, nós fazemos coisas “fixes” e eu gosto destas aulas, às vezes não me apetece vir às aulas, mas a estas gosto de vir. É “fixe” pintar com tintas e falar de muitos assuntos de que nós gostamos.

3. Quando realizas trabalhos na disciplina de E.V.T. tentas exprimir graficamente as tuas ideias e interesses? De que forma exprimes essas ideias e interesses?

Sim. Tento mostrar os meus pensamentos e sentimentos.

4. Consideras que todos têm ideias interessantes nos diferentes projetos realizados na disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim, porque somos todos diferentes, cada um tem a sua personalidade.”. É bom conhecer os pensamentos dos outros...aprendemos sempre qualquer coisa!

5. Achas que podem existir desenhos/pinturas mal feitas? Que não tem qualidade nem expressividade? Porquê?

Não. Nesta disciplina não existem trabalhos mal feitos, porque sentimos sempre que somos capazes de realizar todos os trabalhos sem falhar.

6. Achas que através do desenho consegues conhecer os teus colegas? Como se manifestam?

Penso que sim. Quando olhamos com atenção os desenhos dos colegas pode-se entender o que passa pela sua cabeça. A cor que utiliza mostra aquilo que está a sentir no momento em que está a trabalhar.

7. Nos projetos dinamizados pelo grupo turma cooperas com os teus colegas?

Que tipo de colegas?

Sim. Coopero com os colegas que se sentam mais perto de mim. Gosto muito das conversas que temos enquanto trabalhamos. Ajudam a tornar as minhas ideias mais claras.

8. Costumas ter iniciativa para ajudar os teus colegas que tem mais dificuldades na realização dos trabalhos da disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim, porque sinto-me bem a ajudar os outros.

9. O trabalho que realizas na disciplina de E.V.T. aumenta a tua autoestima?

Explica o motivo que leva a melhorar a tua autoestima? O que melhora na tua maneira de ser?

Sim, porque quando faço coisas que sei que sou capaz de obter um bom resultado fico mais desinibido, mais confiante.

Entrevista ao Aluno 8

10 Anos

Turma B

Entrevista realizada em 07/11/2011

1. O que é a Expressão Plástica?

É pintar, desenhar, fazer construções com muitos materiais e tintas. Eu gosto muito. Podia cá ficar o dia inteiro a trabalhar...

2. Como seria para ti a escola se não existisse a disciplina de E.V.T? Porquê?

Ei! Nem diga isso! Então é que era “seca”...

3. Quando realizas trabalhos na disciplina de E.V.T. tentas exprimir graficamente as tuas ideias e interesses? De que forma exprimes essas ideias e interesses?

Sim. Aqui nestas aulas nós transmitimos pensamentos, fantasias através da criação de coisas.

4. Consideras que todos têm ideias interessantes nos diferentes projetos realizados na disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim, porque temos que respeitar os pensamentos de todos. Somos todos diferentes.

5. Achas que podem existir desenhos/pinturas mal feitas? Que não tem qualidade nem expressividade? Porquê?

Não, porque nos nossos desenhos mostramos as nossas emoções e os nossos sentimentos e isso é bom. Não tem nada de mal feito...

6. Achas que através do desenho consegues conhecer os teus colegas? Como se manifestam?

Sim, acho que partilhamos o que pensamos.

7. Nos projetos dinamizados pelo grupo turma cooperas com os teus colegas? Que tipo de colegas?

Sim. Com aqueles que tenho mais afinidade. Eles já me conhecem e fazem sempre perguntas sobre os meus desenhos que me deixam a pensar. E isso é bom, dá-me ideias novas.

8. Costumas ter iniciativa para ajudar os teus colegas que tem mais dificuldades na realização dos trabalhos da disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim, porque é bom ajudar os outros. Sinto-me bem.

9. O trabalho que realizas na disciplina de E.V.T. aumenta a tua autoestima? Explica o motivo que leva a melhorar a tua autoestima? O que melhora na tua maneira de ser?

Sim. Ter bons resultados é como ter poderes. Sinto-me confiante.

Entrevista ao Aluno 9

10 Anos

Turma B

Entrevista realizada em 08/11/2011

1. O que é a Expressão Plástica?

A expressão plástica é desenhar ou pintar o que vimos e o que sentimos com vários materiais.

2. Como seria para ti a escola se não existisse a disciplina de E.V.T? Porquê?

Era triste. Eu sinto-me bem aqui.

3. Quando realizas trabalhos na disciplina de E.V.T. tentas exprimir graficamente as tuas ideias e interesses? De que forma exprimes essas ideias e interesses?

Sim. Tento representar algo, o que sinto, o que sei e o que imagino.

4. Consideras que todos têm ideias interessantes nos diferentes projetos realizados na disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim, porque é bom conhecer pensamentos diferentes. As ideias são sempre boas, mesmo aquelas que são apenas fantasia.

5. Achas que podem existir desenhos/pinturas mal feitas? Que não tem qualidade nem expressividade? Porquê?

Não, porque os desenhos e as pinturas são pensamentos...são coisas da nossa cabeça.

6. Achas que através do desenho consegues conhecer os teus colegas? Como se manifestam?

Penso que sim. Todos gostamos de dar ideias nos projetos que realizamos nesta disciplina.

7. Nos projetos dinamizados pelo grupo turma cooperas com os teus colegas? Que tipo de colegas?

Sim. Coopero com aqueles que tenho mais afinidade.

8. Costumas ter iniciativa para ajudar os teus colegas que tem mais dificuldades na realização dos trabalhos da disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim. Se souber, tento ajudar. Sinto-me bem a ajudar os outros.

9. O trabalho que realizas na disciplina de E.V.T. aumenta a tua autoestima? Explica o motivo que leva a melhorar a tua autoestima? O que melhora na tua maneira de ser?

Sim, quando faço bons trabalho e sou elogiado, sinto-me confiante. Sinto que é uma vitória.

Entrevista ao Aluno 10

11 Anos

Turma B

Entrevista realizada em 08/11/2011

1. O que é a Expressão Plástica?

É uma boa forma de transmitir ideias e sentimentos. Criamos algo com diferentes materiais.

2. Como seria para ti a escola se não existisse a disciplina de E.V.T? Porquê?

Seria aborrecido, porque a disciplina de E.V.T. é uma mais-valia para o nosso futuro criativo. É diferente das outras, experimentamos materiais diferentes.

3. Quando realizas trabalhos na disciplina de E.V.T. tentas exprimir graficamente as tuas ideias e interesses? De que forma exprimes essas ideias e interesses?

Sim, sempre, tento representar o que penso e imagino. Tento comunicar através do desenho e da cor.

4. Consideras que todos têm ideias interessantes nos diferentes projetos realizados na disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim. Todos temos criatividade e imaginação e nós, crianças, respeitamos essas coisas.

5. Achas que podem existir desenhos/pinturas mal feitas? Que não tem qualidade nem expressividade? Porquê?

Não, todos somos capazes de ser criativos. De exprimirmos o que sentimos e pensamos.

6. Achas que através do desenho consegues conhecer os teus colegas? Como se manifestam?

Consigo conhecer alguns dos meus colegas. Durante os trabalhos costumamos conversar sobre o trabalho e acabamos por partilhar ideias.

7. Nos projetos dinamizados pelo grupo turma cooperas com os teus colegas? Que tipo de colegas?

Apenas com os colegas que me dou mais, porque já os conheço à mais tempo.

8. Costumas ter iniciativa para ajudar os teus colegas que tem mais dificuldades na realização dos trabalhos da disciplina de E.V.T.? Porquê?

Sim, porque somos todos amigos na turma.

9. O trabalho que realizas na disciplina de E.V.T. aumenta a tua autoestima? Explica o motivo que leva a melhorar a tua autoestima? O que melhora na tua maneira de ser?

Sim. Durante a realização dos trabalhos, as professoras vão dando sempre umas dicas que nos ajudam a pensar na melhor forma de aperfeiçoar o desenho ou a pintura do mesmo até chegarmos ao resultado final.

Eu tento sempre corresponder da melhor forma para obter um bom resultado e isso deixa-me realizado com os meus trabalhos.

Anexo6 - Primeira Análise das Entrevistas

Pergunta 1: O que é a Expressão Plástica?

Categorias	Entrevistados									
	Turma A					Turma B				
	Entrevistado1	Entrevistado2	Entrevistado3	Entrevistado4	Entrevistado5	Entrevistado6	Entrevistado7	Entrevistado8	Entrevistado9	Entrevistado10
Desenhar e Pintar	✓	✓	✓		✓		✓		✓	
Ver	✓						✓		✓	
Sentir	✓						✓		✓	✓
Criatividade				✓						
Utilizar Materiais diferentes		✓	✓	✓	✓			✓	✓	✓
Transmitir ideias										✓
Comunicar						✓				
Construções						✓	✓	✓		
Invenções						✓				

Conhecimento dos entrevistados sobre Expressão Plástica – Conceitos

Pergunta 2: Como seria para ti a escola se não existisse a disciplina de Educação Visual e Tecnológica? Porquê?

Categorias	Entrevistados									
	Turma A					Turma B				
	Entrevistado1	Entrevistado2	Entrevistado3	Entrevistado4	Entrevistado5	Entrevistado6	Entrevistado7	Entrevistado8	Entrevistado9	Entrevistado10
Aborrecida	✓		✓		✓					✓
Triste	✓	✓		✓					✓	
“Seca”						✓	✓	✓		
Interesse dos alunos pela disciplina										

Pergunta 3 – Quando realizas trabalhos na disciplina de Educação Visual e Tecnológica tentas exprimir graficamente as tuas ideias e interesses? De que forma exprimes essas ideias e interesses?

Categorias	Entrevistados									
	Turma A					Turma B				
	Entrevistado1	Entrevistado2	Entrevistado3	Entrevistado4	Entrevistado5	Entrevistado6	Entrevistado7	Entrevistado8	Entrevistado9	Entrevistado10
Libertar	✓		✓							

Emoções	✓	✓	✓														
Sentimentos	✓			✓				✓					✓				
Pensamentos				✓					✓			✓		✓			✓
Comunicar					✓			✓								✓	
Imaginação														✓			✓

Expressão gráfica de ideias e interesses

Pergunta 4: Consideras que todos têm ideias interessantes nos diferentes projetos realizados na disciplina de Educação Visual e Tecnológica?
Porquê?

	Entrevistados									
	Turma A					Turma B				
Categorias	Entrevistado1	Entrevistado2	Entrevistado3	Entrevistado4	Entrevistado5	Entrevistado6	Entrevistado7	Entrevistado8	Entrevistado9	Entrevistado10
Forma de ver	✓	✓								
Imaginação			✓	✓						✓
Pensamentos					✓	✓	✓	✓	✓	
Diferença							✓	✓		

Respeitar				✓			✓		✓			✓
-----------	--	--	--	---	--	--	---	--	---	--	--	---

Considerações dos alunos relativamente às ideias dos colegas

Pergunta 5: Achas que podem existir desenhos/pinturas mal feitas? Que não tem qualidade nem expressividade? Porquê?

Entrevistados											
Turma A						Turma B					
Categorias	Entrevistado1	Entrevistado2	Entrevistado3	Entrevistado4	Entrevistado5	Entrevistado6	Entrevistado7	Entrevistado8	Entrevistado9	Entrevistado10	
Emoção	✓						✓				
Pensamento		✓	✓		✓	✓			✓	✓	
Sentir			✓				✓	✓		✓	
Diferente		✓	✓	✓							
Exprimir				✓	✓					✓	

A qualidade na expressividade

Pergunta 6: Achas que através do desenho consegues conhecer os teus colegas? Como se manifestam?

Categorias	Entrevistados									
	Turma A					Turma B				
	Entrevistado1	Entrevistado2	Entrevistado3	Entrevistado4	Entrevistado5	Entrevistado6	Entrevistado7	Entrevistado8	Entrevistado9	Entrevistado10
Partilhamos	✓		✓					✓		✓
Expressar		✓			✓					
Sentimentos				✓	✓		✓	✓		
Pensamentos		✓	✓	✓		✓				
Ideias	✓		✓			✓			✓	✓

Conhecimento dos colegas através do desenho

Pergunta 7: Nos projetos dinamizados pelo grupo turma cooperas com os teus colegas? Que tipo de colegas?

Categorias	Entrevistados									
	Turma A					Turma B				
	Entrevistado1	Entrevistado2	Entrevistado3	Entrevistado4	Entrevistado5	Entrevistado6	Entrevistado7	Entrevistado8	Entrevistado9	Entrevistado10
Grupo de trabalho na sala de aula		✓			✓	✓	✓			

Anexo 7

Planificação de Educação Visual e Tecnológica

Planificação de E.V.T.						
ÁREAS EM OBSERVAÇÃO	COMPETÊNCIAS GERAIS	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	ATIVIDADES / ESTRATÉGIAS	RECURSOS	LOCAL	DURAÇÃO
Criatividade	Desenvolver capacidades afetivas e sociais	- Explorar as possibilidades de utilização de materiais e suportes diversificados.	- Realização da ficha diagnóstica;	- Diferentes materiais e instrumentos de trabalhos	Sala de Aula	1º Período
	Expressar criativamente as suas vivências através da linguagem verbal e plástica.	- Utilizar técnicas específicas.	- Construção de uma capa para os trabalhos da disciplina;			
	Ampliar a sensibilidade estética	- Construir formas tridimensionais, tendo em conta a sua estrutura.	- Identificação da capa através de recortes de revistas e colagens;			
	Mobilizar diferentes experiências	- Cumprir normas de segurança e de higiene.	- Decoração da capa com técnica mista de recortes de revistas com pintura a guache;			
	Evidenciar aptidões técnicas e materiais na realização de produtos tecnológicos e de expressão.	- Exprimir-se livremente	- Construção de uma árvore de outono com técnica mista de tinta acrílica e folhas de plátano;			
	Selecionar instrumentos e materiais adequados ao seu trabalho.		- Realização de decorações de Natal;			
			- Montagem das decorações			

Motivação	Conhecer as linguagens da expressão plástica Analisar/Interpretar criações plásticas Compreender mensagens visuais (cor, forma, textura) Manifestar e partilhar juízos de valor estéticos	através da cor. - Executar misturas de cores para obtenção de outras. - Colaborar no enriquecimento estético da escola. - Desenvolver a motricidade fina através da exploração de várias técnicas.	de Natal nos diferentes espaços da escola			
Emoção/ Afetividade	Desenvolver formas personalizadas de expressão e comunicação Relacionar-se com os colegas Expressar sentimentos, emoções e afetos	- Estimular a concentração e a atenção.				
Sociabilidade	Mobilizar diferentes experiências, Partilhar dificuldades e dúvidas					

Conhecer novas técnicas e materiais de expressão plástica						
Produzir/criar formas plásticas						
Desenvolver a expressão espontânea						
Escolher técnicas e instrumentos com intenção expressiva						
Cooperar nas tarefas de grupo						
Seguir instruções e cumprir normas estabelecidas democraticamente						
Desenvolver o trabalho de forma autónoma participando nas atividades e cumprindo regras de trabalho estabelecidas.						

Anexo 8

Planificação de Oficina de Artes

Planificação de Oficina de Artes						
ÁREAS EM OBSERVAÇÃO	COMPETÊNCIAS GERAIS	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS	RECURSOS	LOCAL	DURAÇÃO
Criatividade	Desenvolver capacidades afetivas e sociais	- Explorar as diferentes possibilidades de utilização de materiais e suportes diversificados.	- Pintura de aventais em tecido;	- Diferentes materiais e instrumentais de trabalhos	Sala de Aula	1º Período
	Exprimir criativamente as suas vivências através da linguagem verbal e plástica.		- Confeção de diferentes receitas simples em grupo;			
	Ampliar a sensibilidade estética	- Utilizar técnicas específicas.	- Decoração do espaço de trabalho (carrinho dos doces para vendas);			
	Mobilizar diferentes experiências	- Construir formas tridimensionais, tendo em conta a sua estrutura.	- Construção de um livro de receitas com tecnologias de apoio);			
Motivação	Evidenciar aptidões técnicas e materiais na realização de produtos tecnológicos e de expressão.	- Cumprir normas de segurança e de higiene.	- Venda nos diferentes espaços da escola dos doces confeccionados.			
	Selecionar instrumentos e materiais adequados ao	- Exprimir-se livremente				
						- Grelha de Competências - Grelha de comportamentos e atitudes interpessoais

Emoção/Afec Tividade	seu trabalho. Desenvolver formas personalizadas de expressão e comunicação Relacionar-se com os colegas Expressar sentimentos, emoções e afetos Mobilizar diferentes experiências Partilhar dificuldades e dúvidas Conhecer novas técnicas e materiais de expressão plástica Produzir/criar formas plásticas Desenvolver a expressão espontânea Escolher técnicas e instrumentos com	através de diferentes materiais. - Executar misturas de cores para obtenção de outras. - Colaborar no enriquecimento estético da escola. - Desenvolver a motricidade fina através da exploração de várias técnicas. - Interação com o meio ambiente (com pessoas e objetos). - Conhecer as regras de organização do espaço de trabalho. - Estimular a				
Sociabilidade						

Anexo 9

ALUNO1

Grelha de avaliação de habilidades sociais

Instruções

Este questionário tem como finalidade observar a frequência relativa com que os alunos com Necessidades Educativas Especiais manifestam determinadas atitudes de regras de convivência, de ajuda, cooperação e ainda valores de tolerância e solidariedade em situação de pequeno e grande grupo.

Informação sobre o aluno

<u>Identificação da criança</u>	
Nome do aluno: Aluno 1	Ano : 5ºano
Idade: 10	observação: 1ª Unidade de trabalho

Habilidades sociais	Frequência relativa	
	Aula Em situação de pequeno grupo	Aula em situação de grande grupo
	30 *	30 *
1.Entra em conflito com colegas.	0	0
5. Vivencia situação de pressão.	1	0
6.Avalia positivamente o seu desempenho.	5	0
6.Avalia pela negativa o seu desempenho.	0	0
7.Convida outros para participarem nas atividades.	4	3
13.Aceita critica.	6	2
14.Enceta conversa com os colegas.	9	7
15.Cumpr regras de sala de aula.	12	14
16. Faz corretamente as tarefas escolares.	8	6
18.Aceita ideias.	9	6

19.Elogia os colegas.	0	0
20.Segue as instruções do professor.	14	14
21.Guarda o material escolar.	1	0
22.Em situação de pequeno grupo coopera com os colegas por iniciativa própria.	9	-
22.Em situação de grande grupo coopera com os colegas por iniciativa própria.	-	0
23.Ajuda voluntariamente os colegas da turma.	0	0
24.Junta-se ao grupo ou à atividade em curso por iniciativa própria.	0	0
25.Responde positivamente aos pedidos dos colegas.	4	2
25.Responde negativamente aos pedidos dos colegas.	3	1
29.Dá-se bem com a maioria os colegas da turma.	11	7

Nota: Os números assinalados com (*) referem-se ao tempo (momentos) de observação

Comportamentos	Frequência	
	Aula Em situação de pequeno grupo	Aula em situação de grande grupo
	30 *	30 *
33.Amiaça e goza.	0	0
34.Parece solitário.	3	10
35.Distrai-se.	2	8
36.Interrompe a conversa dos outros.	1	0
37.Perturba a atividade em curso.	0	0
38.Demonstra ansiedade quando está em situação de pequeno grupo de crianças.	3	-
38.Demonstra ansiedade quando está em situação de grande grupo de crianças.	-	1

39.Fica facilmente envergonhado.	3	8
41.Discute com os outros.	0	0

Nota: Os números assinalados com (*) referem-se ao tempo (momentos) de observação

Grelha de avaliação de habilidades sociais

Instruções

Este questionário tem como finalidade observar a frequência relativa com que os alunos com Necessidades Educativas Especiais manifestam determinadas atitudes de regras de convivência, de ajuda, cooperação e ainda valores de tolerância e solidariedade em situação de pequeno e grande grupo.

Informação sobre o aluno

<u>Identificação da criança</u>	
Nome do aluno: Aluno 1	Ano : 5ºano
Idade: 10	observação: <u>2ª Unidade de trabalho</u>

Habilidades sociais	Frequência relativa	
	Aula Em situação de pequeno grupo	Aula em situação de grande grupo
	30 *	30 *
1.Entra em conflito com colegas.	1	0
5. Vivencia situação de pressão.	3	2
6.Avalia positivamente o seu desempenho.	9	6
6.Avalia pela negativa o seu desempenho.	2	0
7.Convida outros para participarem nas atividades.	5	4
13.Aceita critica.	8	5
14.Enceta conversa com os colegas.	12	9
15.Cumprir regras de sala de aula.	14	17
16. Faz corretamente as tarefas escolares.	10	7

18.Aceita ideias.	10	6
19.Elogia os colegas.	2	0
20.Segue as instruções do professor.	16	17
21.Guarda o material escolar.	3	1
22.Em situação de pequeno grupo coopera com os colegas por iniciativa própria.	11	-
22.Em situação de grande grupo coopera com os colegas por iniciativa própria.	-	2
23.Ajuda voluntariamente os colegas da turma.	0	0
24.Junta-se ao grupo ou à atividade em curso por iniciativa própria.	2	0
25.Responde positivamente aos pedidos dos colegas.	7	4
25.Responde negativamente aos pedidos dos colegas.	5	1
29.Dá-se bem com a maioria os colegas da turma.	17	11

Nota: Os números assinalados com (*) referem-se ao tempo (momentos) de observação

Comportamentos	Frequência	
	Aula Em situação de pequeno grupo	Aula em situação de grande grupo
	30 *	30 *
33.Amiaça e goza.	0	0
34.Parece solitário.	2	8
35.Distrai-se.	5	10
36.Interrompe a conversa dos outros.	3	2
37.Perturba a atividade em curso.	0	0
38.Demonstra ansiedade quando está em situação de pequeno grupo de crianças.	1	-
38.Demonstra ansiedade quando está em situação de grande	-	1

grupo de crianças.		
39.Fica facilmente envergonhado.	1	5
41.Discute com os outros.	0	0

Nota: Os números assinalados com (*) referem-se ao tempo (momentos) de observação

Anexo 10

Aluno2

Grelha de avaliação de habilidades sociais

Instruções

Este questionário tem como finalidade observar a frequência relativa com que os alunos com Necessidades Educativas Especiais manifestam determinadas atitudes de regras de convivência, de ajuda, cooperação e ainda valores de tolerância e solidariedade em situação de pequeno e grande grupo.

Informação sobre o aluno

<u>Identificação da criança</u>	
Nome do aluno: Aluno 2	Ano : 5ºano
Idade: 11	observação: <u>1ª Unidade de trabalho</u>

Habilidades sociais	Frequência relativa	
	Aula Em situação de pequeno grupo	Aula em situação de grande grupo
	30 *	30 *
1.Entra em conflito com colegas.	0	2
5. Vivencia situação de pressão.	1	3
6.Avalia positivamente o seu desempenho.	3	0
6.Avalia pela negativa o seu desempenho.	0	2
7.Convida outros para participarem nas atividades.	2	1
13.Aceita critica.	8	9
14.Enceta conversa com os colegas.	12	8
15.Cumpre regras de sala de aula.	10	12
16. Faz corretamente as tarefas escolares.	7	8
18.Aceita ideias.	9	6
19.Elogia os colegas.	2	0

20.Segue as instruções do professor.	15	14
21.Guarda o material escolar.	6	8
22.Em situação de pequeno grupo coopera com os colegas por iniciativa própria.	13	-
22.Em situação de grande grupo coopera com os colegas por iniciativa própria.	-	6
23.Ajuda voluntariamente os colegas da turma.	4	6
24.Junta-se ao grupo ou à atividade em curso por iniciativa própria.	4	3
25.Responde positivamente aos pedidos dos colegas.	5	6
25.Responde negativamente aos pedidos dos colegas.	2	1
29.Dá-se bem com a maioria os colegas da turma.	11	5

Nota: Os números assinalados com (*) referem-se ao tempo (momentos) de observação

Comportamentos	Frequência	
	Aula Em situação de pequeno grupo	Aula em situação de grande grupo
	30 *	30 *
33.Amiaça e goza.	0	1
34.Parece solitário.	0	2
35.Distrai-se.	4	3
36.Interrompe a conversa dos outros.	2	0
37.Perturba a atividade em curso.	0	2
38.Demonstra ansiedade quando está em situação de pequeno grupo de crianças.	0	-
38.Demonstra ansiedade quando está em situação de grande grupo de crianças.	-	6
39.Fica facilmente envergonhado.	1	7

41.Discute com os outros.	0	3
---------------------------	---	---

Nota: Os números assinalados com (*) referem-se ao tempo (momentos) de observação

Grelha de avaliação de habilidades sociais

Instruções

Este questionário tem como finalidade observar a frequência relativa com que os alunos com Necessidades Educativas Especiais manifestam determinadas atitudes de regras de convivência, de ajuda, cooperação e ainda valores de tolerância e solidariedade em situação de pequeno e grande grupo.

Informação sobre o aluno

<u>Identificação da criança</u>	
Nome do aluno: Aluno 2	Ano : 5ºano
Idade: 11	observação: <u>2ª Unidade de trabalho</u>

Habilidades sociais	Frequência relativa	
	Aula Em situação de pequeno grupo	Aula em situação de grande grupo
	30 *	30 *
1.Entra em conflito com colegas.	0	0
5. Vivencia situação de pressão.	0	0
6.Avalia positivamente o seu desempenho.	5	8
6.Avalia pela negativa o seu desempenho.	1	0
7.Convida outros para participarem nas atividades.	8	10
13.Aceita critica.	9	10
14.Enceta conversa com os colegas.	13	15
15.Cumpr regras de sala de aula.	12	14
16. Faz corretamente as tarefas escolares.	12	14
18.Aceita ideias.	12	9

19.Elogia os colegas.	5	1
20.Segue as instruções do professor.	17	16
21.Guarda o material escolar.	10	17
22.Em situação de pequeno grupo coopera com os colegas por iniciativa própria.	14	-
22.Em situação de grande grupo coopera com os colegas por iniciativa própria.	-	10
23.Ajuda voluntariamente os colegas da turma.	7	12
24.Junta-se ao grupo ou à atividade em curso por iniciativa própria.	6	7
25.Responde positivamente aos pedidos dos colegas.	7	8
25.Responde negativamente aos pedidos dos colegas.	0	0
29.Dá-se bem com maioria os colegas da turma.	14	12

Nota: Os números assinalados com (*) referem-se ao tempo (momentos) de observação

Comportamentos	Frequência	
	Aula Em situação de pequeno grupo	Aula em situação de grande grupo
	30 *	30 *
33.Amiaça e goza.	0	0
34.Parece solitário.	0	1
35.Distrai-se.	6	7
36.Interrompe a conversa dos outros.	0	0
37.Perturba a atividade em curso.	0	0
38.Demonstra ansiedade quando está em situação de pequeno grupo de crianças.	0	-
38.Demonstra ansiedade quando está em situação de grande grupo de crianças.	-	2

39.Fica facilmente envergonhado.	0	2
41.Discute com os outros.	0	0

Nota: Os números assinalados com (*) referem-se ao tempo (momentos) de observação

Anexo 11

A título de exemplo, neste anexo dá-se conta do tipo de registo de observação de campo. Estes decorreram no tempo das atividades letivas. De entre vinte registos, expõem-se apenas cinco.

27/09/2011 - 3ª feira – Sala de E.V.T.

5º Ano, Turma C - 8:15h

Quando chegámos à sala, os alunos já estavam todos à porta para entrar.

Estavam bastante alegres, uma aluna, apenas nos viu perguntou se íamos conversar sobre a ficha diagnóstica realizada nas duas aulas anteriores. Logo outra aluna também questionou sobre o mesmo assunto, e os restantes alunos falavam sobre as aulas anteriores. Bom, entramos na sala, estavam muito apressados. Dirigiram-se aos lugares e começaram a preparar os materiais de trabalho.

Nas aulas anteriores, os alunos tinham realizado um trabalho diagnóstico que tinha como tema – “Desenha uma casa, uma árvore e uma pessoa”. Tinham que pintar com a técnica do lápis de cor.

Antes da reflexão propriamente dita se iniciar, as professoras expuseram os trabalhos dos alunos no placar e explicaram os principais pontos que iriam comentar. Os trabalhos iriam ser analisados ao nível estética tendo em conta os elementos da forma e seria feita igualmente uma reflexão sobre a comunicação e a mensagem transmitida na composição visual.

Há a salientar algumas intervenções relevantes. Um aluno referiu *“Professora, eu acho que o meu colega ainda desenha de forma muito infantil!...”*, o colega dono da composição visual responde *“Eu queria mostrar como é a minha casa, mas ainda não sei desenhar... e a janela que desenhei no telhado do soto, tem uma intenção de existir, é que eu gostava de ter no soto um quarto mágico, e afinal, os meus pais só lá tem tralha.”* Um outro aluno diz no meu caso a minha casa refere-se à casa que eu tenho na minha cabeça e não a real...”. ainda, outro aluno disse *“a minha árvore tem um ninho desenhado, porque eu gosto muito de ir observar os pássaros com o meu pai, sei muita coisa sobre o assunto, sabem...”*.

No fim da reflexão conjunta os alunos concluíram que os trabalhos deram a conhecer um pouco das suas vivências, interesses e gostos, independentemente de uns desenharem melhor que outros.

28/09/2011 - 4ª feira – Sala de E.V.T.

5º Ano, Turma D - 10:00h

Quando chegámos à sala, os alunos já estavam todos à porta para entrar.

Dirigiram-se aos lugares e começaram a preparar os materiais de trabalho.

Nesta turma, tal como a anterior, os alunos tinham realizado um trabalho diagnóstico que tinha como tema – “Desenha uma casa, uma árvore e uma pessoa”. Tinham que pintar com a técnica do lápis de cor.

Antes da reflexão propriamente dita se iniciar, as professoras expuseram os trabalhos dos alunos no placar e explicaram os principais pontos que iriam comentar. Os trabalhos iriam ser analisados ao nível estética tendo em conta os elementos da forma e seria feita igualmente uma reflexão sobre a comunicação e a mensagem transmitida na composição visual.

Há a salientar algumas intervenções relevantes. Um aluno fez uma observação durante a análise do trabalho de um colega “ *Professora, eu quero dizer uma coisa que acho muito importante. É a primeira vez que vejo um desenho dele, apesar de andarmos juntos na mesma sala desde o 1º ciclo. Ele estava sempre com a professora de Educação Especial. Eu não sabia como eram os desenhos dele...*”. As professoras tentaram explicar que este tipo de exercício de reflexão não só é importante para os alunos saberem o que melhorar nos seus trabalhos mas também para se conhecerem uns aos outros.

Os alunos conseguiam perceber, também, que a utilização de linguagens de fácil compreensão e aceitação são facilitadoras na afirmação e inclusão pessoal e social. Daí o papel da Arte como elevado agente de transformação na mudança de atitudes sociais, face às pessoas com Necessidades Especiais.

10/10/2011 - 2ª feira – Sala de E.V.T.

5º Ano, Turma D - 14:45h

Quando chegámos à sala, os alunos já estavam todos à porta para entrar.

Dirigiram-se aos lugares e começaram a preparar os materiais de trabalho.

A atividade proposta para esta aula era a continuação da construção da capa dos trabalhos. Os alunos teriam que recortar e montar a capa. As professoras propuseram à turma trabalho de pares para a montagem da capa, para assim facilitar a marcação do meio corte e da dobragem.

Há a salientar uma intervenção relevante. No fim da aula uma aluna que ficou a trabalhar com um aluno com NEE disse: *“Professora eu no início da aula pensei que o meu colega não iria ser capaz de construir a capa, mas afinal foi ele quem mais força fez nas dobragens, pois as cartolinas eram fortes. A minha capa ficou mesmo bem feitinha...obrigada!”*

Tentamos explicar que o trabalho de pares é importante para eles (alunos) no sentido que melhoram as relações entre eles. O respeito nas relações de amizade deve ser recíproco e permeado em valores verdadeiramente humanos.

11/10/2011 - 3ª feira – Sala de 2

Oficina de Artes para alunos com NEE - 10:00h

A atividade proposta nesta sessão aos alunos era a pintura de aventais em tecido com tintas a partir de moldes escolhidos pelos alunos. Durante a interação na aula uma aluna refere que adora esta aula, porque faz atividades do seu interesse.

Durante o decorrer da atividade há a destacar que um dos alunos diz: *“ Eu gosto de ajudar os colegas. E hoje quero ajudar a minha colega, porque ela não esteve presente na aula anterior”*. No entanto, quando a colega errou no corte do círculo que compunha a sua composição visual, o aluno tirou-lhe a tesoura de rompante, dizendo. *“Tu não sabes fazer nada”*. Tentei-lhe explicar que não foi correta a forma como se dirigiu à colega, pois além de ter sido agressivo, ao lhe tirar a tesoura não lhe está a ensinar, está a fazer por ela.

O grupo manifesta na maioria boas atitudes no que se refere à cooperação uns com os outros. Revelam interesse e empenho nas atividades, no entanto, mostram comportamentos um pouco agressivos quando algum deles excuta a tarefa de forma incorreta. Os outros alunos tentam corrigi-lo mas com palavras agressivas.

25/10/2011 - 3ª feira – Sala de 2

Oficina de Artes para alunos com NEE - 10:00h

A atividade proposta nesta sessão aos alunos era confeccionar pipocas e vende-las aos colegas no intervalo da escola.

Todos participaram com interesse colocando os ingredientes no recipiente que posteriormente iria ao lume e encheram os saquinhos de plástico com as respectivas pipocas, em quantidades mais ou menos iguais.

Há a salientar uma intervenção relevante. Um aluno referiu: “ *Professora, eu estou ansioso para ir vender as pipocas, mas tenho medo de errar nos trocos e alguém rir de mim...*”.